

Para a memória  
do povo brasileiro  
Silvino Santin

*SILVINO SANTIN*

# *A Imigração Esquecida*

*EST*

**Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana**  
Rua Veríssimo Rosa, 311 — Fone: (0512) 36-11-66  
90.610 — Porto Alegre — RS — Brasil

**DISTRIBUIÇÃO**

**Editora da Universidade de Caxias — EDUCS**  
Cx. Postal, 1352 — Fone: (054) 222.4133  
95.100 — Caxias do Sul — RS — Brasil

Coleção *Imigração Italiana*

Coordenação: Rolvílio Costa e Luís A. De Boni

01. COSTA, Rolvílio. *Imigração Italiana no Rio Grande do Sul*, 1975, 1986.
02. BUSATTA, Pe. Félix F. *Pará no Centenário da Imigração Italiana*, 1975
03. BERNARDI, Aquiles. *Nanetto Pipetta*, 7ª ed., 1982.
04. LIBERALI, Ricardo Domingos. *Togno Brusafraati*, 3ª ed., 1981.
05. ZAGONEL, Carlos Albino. *Igreja e Imigração Italiana*, 1975.
06. BARBOSA, Fidélis Dalcin. *Campo dos Bugres*, 1975.
07. GIACOMEL, F. e outros. *Pioneiros às margens do Uruguai*, 1975.
08. BERNARDI, Aquiles. *Stória de Nino. Fradello de Nanetto Pipetta*, 1975.
09. GALEAZZI, Pio Vittorio. *Galeazza*, 1975.
10. GIUSTI, Angelo. *Poemas de um imigrante italiano*, 1976.
11. RIZZARDO, Redovino. *A Longa viagem*, 1975.
12. APREMONT, B. e GILLONAY, B. *Primórdios das comunidades indígenas, brasileiras, polonesas e italianas no Rio Grande do Sul*, 1976.
13. BUSATTA, Pe. Félix F. *Um pioneiro em novas colônias italianas*, 1976.
14. COSTA, Rolvílio e outros. *Antropologia visual da Imigração Italiana*, 1976.
15. CONTASTÓRIE, Nani. *Stória de Pêder*, 1976.
16. LAZZARI, Beatriz Maria. *Imigração e ideologia*, 1980.
17. GIRON, Loraine Slomp. *Caxias do Sul: evolução histórica*, 1977.
18. RABUSKE, Pe. Arthur. *Os inícios das colônias italianas do Rio Grande do Sul em escritos de Jesuítas Alemães*, 1977.
19. DE BONI, Luis Alberto. *La Mérica*, 1977.
20. BARBOSA, Fidélis Dalcin. *São Vigilão da Segunda Légua*, 1980.
21. VÁRIOS. *Imigração Italiana: Estudos*, 1979
22. FOCHESSATTO, Iloni. *Descrição do culto aos mortos entre descendentes italianos do Rio Grande do Sul*, 1977.
23. PORRINI, Carlo. *Masticapolenta*, 1978.
24. BUSATTA, Pe. Félix. *Árvore transplantada da Itália para o Brasil*, 1978.
25. BARBOSA, Fidélis Dalcin. *Antônio Prado e sua história*, 1980.
26. STAWINSKI, Alberto Victor. *A Igreja em colônias italianas*, 1979.
27. CAMPOS NETO. *Cavaliere Aristides Germani*, 3ª ed., 1978.
28. RIGHEZ, José Cláudio e GIASSON, J. Z. *Vila Segredo 50 anos de história*, 1978.
29. DE BONI, Luis A. e COSTA, R. *Os italianos do RS*, 3ª ed., 1984.
30. MERLOTTE, Vânia Beatriz. *O mito do padre entre descendentes italianos*, 1979.
31. SCALABRINI, João Batista. *Emigração Italiana na América*, 1979.
32. DUCATTI, Antônio. *A vida nos campos italianos*, 1979.
33. GELAIN, Américo Claudino. *São José do Ouro*, 1979.
34. COSTELLA, Gentil. *Costella Mattiello — uma presença italo-brasileira*, 1980.
35. BUSATTA, Pe. Félix F. *Hospedagem em colônias italianas*, 1979.
36. RIZZARDO, Redovino. *Coração de peregrino*, 1980.
37. BATTISTEL, Arlindo I. *Colônia italiana: região e costumes*, 1981.
38. BALEN, Italo. *Os pesos e as medidas*, 1981.
39. ADAMI, João Spadari. *História de Caxias do Sul: educação*, 1981.
40. RIZZARDO, Redovino. *Os carlistas no Rio Grande do Sul*, 1981.
42. DUCATTI, Antônio. *O grande Erechim e sua história*, 1981.
43. LAZZAROTTO, Valentim Ângelo. *Pobres construtores de riqueza*, 1981.
44. LONGHI, Orildo e RIGO, Adelar. *Pinheiro seco — os italianos de Vila Flores*, 1981.
44. ROMAN, Ernesto e outros. *Cânti italiani*, 1980.
45. STAWINSKI, A. V. e BUSATTA, F.F. *Josué Bardin: história e religião nas colônias polonesas*, 1981.
46. LACAVA, Eloy. *Brasil do Imigrante*, 1974.
47. MOILON, Floriano. *Otávio Rocha — cem anos de vida colonial*, 1982.
48. GALEAZZI, Zaira. *O grande Prata e sua história*, 1982.
49. BUSATTA, Pe. Félix e DALL'AGNOL, Mafalda. *I mariani*, 1982.
- 50.51.52. COSTA, Rolvílio e BATTISTEL, Arlindo I. *Assim vivem os italianos*, 1982 (3 volumes).
53. MAZZAROLLO, Isidoro e DALL'AGNOL, Wilson. *Frei Luis Maria Liberali: missionário e sertanista*, 1983.
54. DE BONI, Luis A. *Entre o passado e o desencanto*, 1983.
53. LORENZATO, Antônio. *Família Lorenzatto: cem anos de história*, 1983.
56. DE BONI, Luis A. *A Itália e o Rio Grande do Sul*, 1983.
57. GASPERIN, Alice. *Vão simhora*, 1983.
58. MEZZOMO, Alvisé Antônio. *Cem anos em terra brasileira*, 1983.
59. FACCHIM, Emyr Carlos. *Aldeia colonial*, 1983.
60. POSENATO, Júlio. *Arquitetura da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul*, 1983.
61. DALL'AGNOL, Sílvio. *Família Dall'Agno/Bogoni*, 1984.
62. DALL'ALBA, João Leonir. *Os Dall'Alba, cem anos de Brasil*, 1984.
63. DE BONI, Luis A. *Bento Gonçalves era assim*, 1985.
64. ZAMBELLI, Irma Bufon. *A arte nos primórdios de Caxias do Sul*, 1986.
65. LA CAVA, Eloy. *Arrivederci no paráiso*, 1986.
66. VERONESE, Frei Dionísio. *Colônia Alfredo Chaves*, 1986.
67. FARINA, Geraldo. *História de Nova Prata*, 1986.
68. DALL'ALBA, João Leonir. *Ana Rech: história do povo*, 1986.
69. DALL'ALBA, João Leonir. *Stianni in colônia*, 1986.
70. Vários autores. *Santa Lúcia do Piaí*, 1986.
71. BERNARDI, Aquiles (trad. de M. A. Tcacenco e A. V. Stawinski). *Nanetto Pipetta* (bilingüe: dialeto it. e português), 1986.
72. RIZZON, Marcelino. *O nono e eu*, 1986.
73. TCACENCO, Maria Adami. *Heróicos imigrantes*, 1986.
74. MEZZOMO, Alvisé. Antônio. *Centenário de Imigração da família Mezzomo*, 1986.
75. GARDELIN, Mário e STAWINSKI, Alberto Victor. *Capuchinhos italianos e franceses no Brasil*, 1986.
76. SANTIN, Sílvio. *A Imigração Esquecida*, 1986.
77. GRISON, Elyo Caetano. *Intanto ridemo...*, 1986.

## SUMÁRIO

Carta de Antônio Isaia .....	5
Capas .....	6
<b>1. Os sinos</b> .....	<b>7</b>
Os sinos do centenário .....	10
A melodia do passado e os sonhos da aventura .....	14
O eco dos sinos .....	19
A Imigração esquecida .....	23
— Literatura interna .....	26
— Literatura externa .....	31
Os difíceis caminhos .....	36
Os prêmios do esforço .....	39
— Silveira Martins .....	44
— Arroio Grande .....	45
— Faxinal do Soturno .....	46
<b>2. O silêncio dos sinos</b> .....	<b>49</b>
A autonomia indispensável .....	52
O decreto imperial: um decreto fatal .....	54
O universo religioso .....	60
Novas terras .....	64
Situação geográfica .....	68
Uma escola inútil .....	71
As travessias mortais .....	75
— Área econômica .....	77
— Área social .....	82
<b>3. Novos sinos</b> .....	<b>85</b>
Homens idealistas .....	86
Os caminhos da terra .....	88
Uma escola educativa .....	90
Política enraizada .....	92
Turismo .....	94

*À Vali, minha esposa;  
ao Fernando e à Cristina, meus filhos;  
meus companheiros inseparáveis  
de vida e de pesquisa.*

*A Antônio Isaia,  
autor das fotos e respectivas legendas;  
pelo apoio à presente edição  
a Luís A. De Boni e Rovílio Costa,  
especial agradecimento.*

## **Carta de Antônio Isaia**

*Ao amigo e pesquisador Silvino Santin ofereço este modesto documentário antropológico-visual sobre a ex-Colônia Italiana Silveira Martins, tanto sob certos aspectos antigos (reproduções fotográficas) como atuais.*

*Parece inverídico, mas a realidade é incontestável: nossa Santa Maria, com toda a força de sua Universidade Federal e de diversas lideranças educacionais — sem deixar de salientar a enorme parcela de descendentes italianos em seu município — Santa Maria, repito, contou e continua a contar com poucos, pouquíssimos estudiosos e pesquisadores da história da 4ª Imigração e Colonização Italiana que se instalou na região central do Rio Grande.*

*Encarando esta dolorosa realidade surpreendi-me, há poucos meses passados, ao tomar conhecimento da presença do Professor Silvino Santin em Santa Maria e do trabalho honesto e apaixonado que realiza dentro da temática em questão. E dizer que Santin está apenas há oito anos em Santa Maria (mais precisamente no distrito de Camobi) e é natural de Marau. E até concluiu há pouco tempo um excelente trabalho (que será publicado pela Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana) que ele, mui propriamente, intitulou A IMIGRAÇÃO ESQUECIDA.*

*Talvez a pequena colaboração que passo agora às suas mãos possa servir-lhe ao menos como um estímulo a mais no prosseguimento ao seu belo e útil trabalho histórico e educacional.*

*Antônio Isaia  
Sta Maria, 28 de março de 1986.*

**1ª Capa:** Um dos sinos da torre da matriz de Santo Antônio de Pádova, de Silveira Martins (foto de Antônio Isaia).

**Última capa:** ÂNGELO MARIN, um dos últimos imigrantes italianos ainda vivo quando dos festejos do Centenário da Imigração e Colonização Italiana no Rio Grande do Sul (1975).

Ângelo nasceu em Lonigo, província de Vicenza era pequeno quando seus pais emigraram para o Brasil, radicando-se em Vale Vêneto, de onde Ângelo Marin nunca mais saiu.

Sua chácara, em Sanga das Pedras, era por ele cultivada com extremo cuidado, auxiliado pelos filhos e netos. Dedicava especial carinho no trato com as suas uvas de qualidade. Na época da maturação, Ângelo levantava muito cedo e percorria todo o parreiral, dando bom-dia às uvas e conversando com elas...

Ângelo integrou por mais de 50 anos o coral da matriz de Corpus Christi de Vale Vêneto. Era dotado de potente voz de barítono, sobressaindo-se acima dos demais. A tal ponto que velhos moradores do lugar ainda gracejam, afirmando "que os sinos da torre da matriz pulsavam com as vibrações da voz de "nonno" Marin."

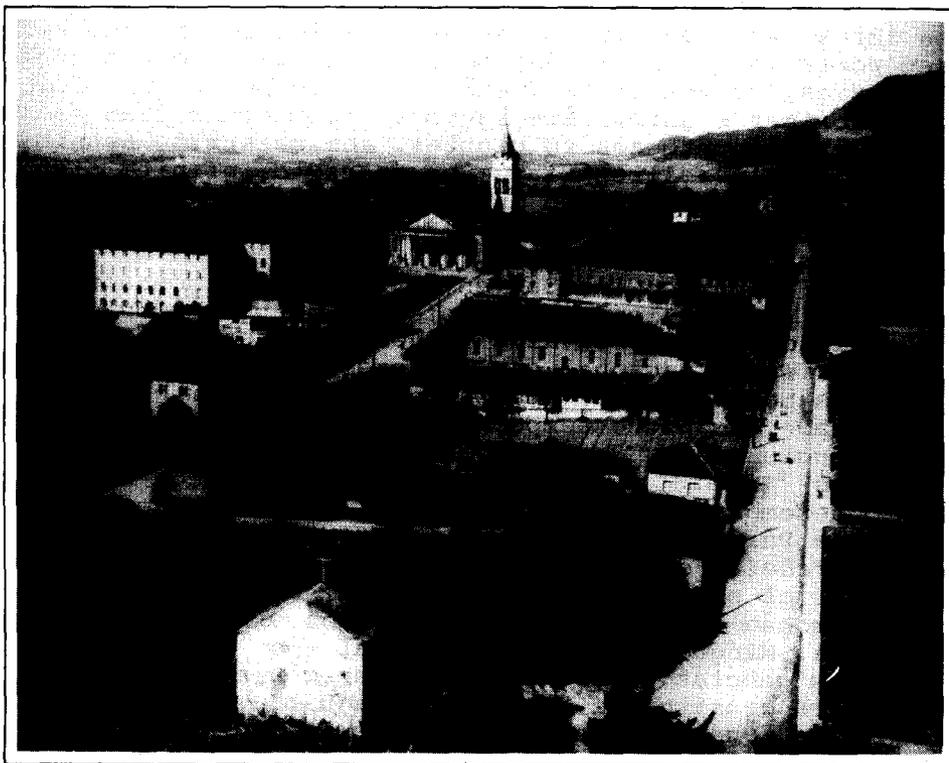
A presente foto foi apanhada em janeiro de 1975, quando Ângelo Marin andava beirando os 92 anos de idade. Ele próprio escolheu o local e a pose, junto aos seus lindos cachos de uva que nunca deixaram de o encantar.

Ângelo faleceu em 1976. Na véspera, ao receber a Unção dos Enfermos, pediu ao sacerdote que a missa e os officios fúnebres de sua encomendação fossem rezados e cantados em latim, tal como ele o fazia pelos mortos de Vale Vêneto ou nas missas festivas da matriz. Foi atendido não só pelo vigário como por toda a comunidade do lugar.

Ângelo Marin está sepultado no pequeno campo-santo de Vale Vêneto, entre tantos outros pioneiros que a partir de 1878 passaram a colonizar a bela região engastada nos contrafortes da Serra de São Martinho (Texto e foto de Antônio Isaia).



## ***OS SINOS***



*Vista de Vale Vêneto, apanhada do morro do Calvário,  
local de intensa peregrinação na Semana Santa. (Texto e foto de Antônio Isala).*

## Os sinos

O sino parece ser o símbolo do universo cultural do Imigrante Italiano. O sino, sem dúvida, coloca-se como o grande instrumento da linguagem universal da vida dos imigrantes. Ele sintetiza e expressa a plenitude do acontecer humano, seja em seus valores mundanos e sociais, seja em seus valores espirituais e eternos. Tudo pode ser dito e manifestado pelo poder infinito da linguagem melódica dos sinos. O sino tornou-se a presença obrigatória, indispensável. É tudo. O mundo cristão que fizera do sino um símbolo litúrgico universal, contribuiu para que o imigrante italiano visse no sino, um símbolo de uma língua universal. O imigrante, perdido e abandonado na imensa solidão das florestas brasileiras, fez do sino seu porta voz, símbolo das melodias capazes de preencher os vazios, de vencer as distâncias e romper o silêncio, de aproximar e unir. Père Raymond, capuchinho francês trabalhando junto aos imigrantes, com maestria, sensibilidade e beleza literária soube traçar o infinito significado do sino no espaço individual e coletivo da vida de cada comunidade italiana em terras rio-grandenses. Assim ele escreve:

"O pároco lançou, então, o projeto sonhado: os sinos! O povo estremeceu. As ofertas afluíram: trigo, milho, vinho, porcos, cavalos velhos, de tudo o que constituía a riqueza nacional. As mulheres ofereciam dúzias de ovos. As moças fabricavam tranças de palha em grande quantidade. Em pouco tempo, a venda de todos esses produtos atingiu a soma de 10.000 francos. Dezoito meses, cinco sinos "Pacard" eram anunciados na alfândega do Estado. O desembarque foi quase solene. O dia da chegada dos sinos na Paróquia, todo mundo fez feriado. As estradas estavam cheias de cavaleiros, vindos de todas as partes, para ver os sinos. Estavam lá, novos, brilhantes, inspirando emoção e respeito. O batismo dos sinos foi uma festa única. Ninguém notou que o ritual teve que ser adaptado às exigências do local, que a cerimônia foi longa, que o sol era causticante. A multidão aguardava comovida e recolhida. Quando os sinos receberam a ordem de repicar, numa harmonia poderosa e nova, o povo silencioso escutou, como se estivesse no momento da consagração, essas vozes que cantavam tão bem. Os sinos repicavam. Era tudo. Ah! como era comovente ouvir, pela manhã, ao meio-dia e à noite, o som do metal precioso que lembrava os sinos da pátria, num lugar perdido nos fundos da América. Nos primeiros tempos, os rudes colonos ficavam emocionados e transformados".<sup>1</sup>

D. José Barea (1925, p.59) descendente ilustre

dos imigrantes pioneiros, testemunhou pessoalmente esses momentos históricos e inesquecíveis e registrou, para a posteridade, com segurança e profunda sensibilidade, as mesmas impressões de Père Raymond, dizendo: "quando o sa grado bronze ecoa pela primeira vez no silêncio da floresta, os fortes vênets e lombardos não conseguem conter-se: choram de nostálgica alegria, com a mente voltada para a aldeia natal, para a pátria longínqua".<sup>2</sup> Mas não só contexto religioso, também no desenrolar do dia-dia do imigrante, o sino avoluma sua sonoridade, amplia seu poder de expressão e cresce em tamanho e simbologia. Ouvir o sino ecoar lá no fundo de suas colônias era motivo de muita alegria, porque significava viver e reviver, reacender as esperanças e sentir-se em comunhão com todos, mas acima de tudo significava a quebra do silêncio e da solidão tão assustadores e massacrantes. Os poetas populares e anônimos não podiam deixar de registrar em verso um símbolo tão caro a todos e assim nós temos, hoje, esses versos: "Suona campana, suona vicina, suona lontana. Tu sei la música del poveretto, che nel sentirti piange d'affetto".<sup>3</sup>

O sino, símbolo consagrador de todos os conhecimentos importantes da vida do imigrante. Símbolo da exteriorização e da presença de quem estiver só e em silêncio. Símbolo de concretude e segurança de quem vivera sonhos de aventuras e sofrera as desilusões do abandono. Símbolo da harmonia e de melodias de quem sofrera na carne o vazio e o mutismo do isolamento.

Esses depoimentos e sentimentos nos obrigaram, como uma maneira de recuperar e proclamar a grandeza simbólica do sino para o imigrante, apresentar o presente trabalho, sob o ponto de vista literário, em torno do sino. A sonoridade do sino constitui a esperança, o triunfo e a glória. O silêncio dos sinos representa a desilusão, a frustração, a decadência e a morte. Os novos sinos anunciam as novas esperanças, a recuperação e a ressurreição. Com isto queremos que, no coração de uma imigração esquecida, o sino toque, toque melodias de novas esperanças, de novos sonhos, de novas lutas e de novos triunfos.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. RAYMOND, Père. Rosier de S. François. XXXI annêe, nº 1, Janvier 1921. p.18-19. In Manfroi, Olívio. A COLONIZAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL. Grafosul. Porto Alegre. 1975. p.197.
2. BAREA. José D. A vida espiritual nas colônias do Estado. In CINQUANTENARIO DELLA COLONIZZAZIONE ITALIANA NEL RIO GRANDE DEL SUD. p.59. Busanello, Pio José,

A HISTÓRIA DE NOSSA GENTE. Ed. Pallotti, Sta. Maria, 1952. p.74 e ss.

3. GIORDANI, Eugênio. "Presença da Igreja Católica". In CENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO ITALIANA. Edel, Porto Alegre, 1975. p.198.

#### OS SINOS DO CENTENÁRIO

O Centenário da Imigração Italiana afastou do espectro do esquecimento um movimento imigratório que, a bem da verdade histórica, tornou-se uma das bases do desenvolvimento econômico, étnico, político e cultural do Estado do Rio Grande do Sul. Referimo-nos ao movimento imigratório italiano que começou no último quarto do século passado, e se estendeu até as primeiras décadas deste século. As comemorações centenárias, sem dúvida, escancararam as portas para estudos e pesquisas sobre a vasta extensão dos movimentos imigratórios e, em especial, sobre a presença italiana na formação do Rio Grande do Sul. É suficiente ler o "Pequeno Depoimento" sobre os italianos", publicado no Centenário da Imigração Italiana, para sentir a importância desta presença. Apesar do autor avisar que é um romancista que está escrevendo, ele desnuda verdades históricas e acena para conteúdos antropológicos, sociológicos, psicológicos e culturais de inestimável valor. Érico traça os horizontes da contribuição do imigrante italiano que se estendem desde a fundação de importantes cidades e indústrias de grande porte, até as obras de arte e a arte culinária com o "galeto al primo canto" tornando-se um prato "quase tipicamente gaúcho quanto o churrasco".<sup>1</sup>

A emigração européia, dirigida para o Estado do Rio Grande do Sul, foi inaugurada com a vinda dos 70 casais açorianos. Contudo só adquiriu resultados mais objetivos e contingentes mais significativos a partir do primeiro quarto do século XIX com a chegada dos alemães, seguidos dos poloneses e dos italianos.

As comemorações centenárias da Imigração Italiana, reforçadas pelos festejos do sesquicentenário da Imigração Alemã, relançaram os grandes temas dos movimentos imigratórios no Rio Grande do Sul. A participação dos açorianos, dos alemães, dos poloneses e dos italianos na ocupação do solo rio-grandense não estava recebendo a merecida atenção tanto dos historiadores, como dos sociólogos, políticos e economistas. As datas históricas da chegada de cada grupo não receberam o mesmo destaque e não produziram as mesmas repercussões. Os açorianos, parece que se contentaram com alguns dados contidos nos manuais de História do Rio Grande do Sul, tendo como marco referencial central a fundação de Porto Alegre. Os alemães e

os poloneses celebraram seu centenário de imigração, mas não conseguiram, de um lado, sensibilizar significativamente os órgãos governamentais, e, de outro lado, não lograram despertar em seus descendentes interesses maiores e mais generalizados para o estudo e a pesquisa dos componentes mais profundos e abrangentes que envolveram os fatos de sua imigração.

Coube, sem dúvida, aos promotores das comemorações centenárias da imigração italiana, o mérito de engajar as esferas governamentais e desencadear, entre os descendentes, um novo entusiasmo e forte interesse pelo estudo dos movimentos imigratórios, base da ocupação do solo rio-grandense, bem como, base de componentes étnicos decisivos na formação da gente rio-grandense. As solenidades foram não só honradas com a presença do poder público, mas também encampadas e promovidas pelos titulares dos governos estadual e municipais, muitos dos quais descendentes de italianos. Tal entusiasmo estendeu-se aos descendentes dos demais grupos imigratórios. Ressurgiu o interesse pela pátria de origem. A pátria tão nostálgica e tão cantada pelos imigrantes. Assim, a pátria-mãe tão longínqua e quase esquecida, reaproxima-se e reencontra os descendentes dos filhos que deixou partir. A possibilidade de rever o lugar de origem, de reencontrar parentes que lá ficaram, e de reatar velhos laços de amizade, já desaparecidos, fizeram reviver um mundo novo de sentimentos confusos e contraditórios. Confusos e contraditórios porque faziam reacender o desejo de recuperar o passado, mas a memória do passado, um passado de lutas e de sofrimentos, fazia brotar lágrimas mescladas de alegria, tristeza e saudade. Neste contexto paradoxal e crítico, surgiram, inicialmente, as comemorações festivas. Depois, esboça-se o perfil dos estudiosos e pesquisadores no intuito de buscar as causas, os valores, as situações sociais, políticas, econômicas, religiosas e existenciais que desencadearam as correntes imigratórias. Tais pesquisas levaram necessariamente à descoberta de documentos que revelariam as reais intenções dos promotores das imigrações, tanto da pátria-mãe, quando da pátria adotiva; mostrariam, ainda, as motivações e as situações dos imigrantes.<sup>2</sup> Dentro desta ótica, talvez, pode-se buscar as razões das diversidades de tratamento dado aos fatos e às datas das imigrações. As razões são, certamente, múltiplas. Os tempos eram outros. Assim mesmo, é possível formular algumas indagações. Será que não seria melhor, para todos, esquecer o passado? A quem interessaria tal esquecimento? Aos promotores e responsáveis pelas imigrações? Eles já não existem. Aos seus atuais representantes, os governos das duas pátrias? Esses sim podiam temer pela descoberta das reais intenções dos pro-

cessos migratórios, e, como consequência, uma possível vinculação com práticas e situações migratórias atuais. Aos descendentes dos imigrantes? Para estes, talvez por razões psicológicas, não houvesse motivos para festas, mas apenas amargas lembranças, que o inconsciente se encarregava de esconder. Possivelmente nem condições, nem ambiente havia para aclarar a verdade histórica de populações sofridas e usadas, cheias de sonhos e de desilusões.

Neste contexto cabe ainda uma indagação. A quem interessa buscar iluminar os fatos da história? Haverá alguma intenção oculta? A busca da verdade histórica pela simples contemplação da verdade, é uma ilusão. A busca da verdade dos fatos acontece sempre dentro de certa intencionalidade. A verdade nos mergulha na plenitude da vida humana em seu desejo de saber, de conhecer e de descobrir o que seja verdadeiro. O que se resume em querer conhecer a vida, para poder vivê-la. Por isso, a verdade nos envolve e nos desafia a fazer e a viver a história. Portanto, o estudo da verdade histórica repercute no presente. A luz projetada no passado iluminando sua verdade transforma-se numa voz que denuncia e abala o presente. Com esta compreensão as humildes pesquisas, os objetos desgastados, as marcas semi-apagadas, as histórias orais da tradição ampliam-se e assumem nova vida e nova força para desmascarar, denunciar e exigir mudanças e justiça.

Os dez anos dos ecos dos sinos do centenário mostram que algumas dessas questões já começaram a ser respondidas pelas pesquisas realizadas sobre a situação histórica da Europa, especialmente os países de origem, à época das grandes emigrações, e sobretudo sobre as condições e os motivos como foram organizadas as múltiplas levadas de emigrantes. Podemos ir descobrindo, aos poucos, que muitas coisas, teria sido melhor para os responsáveis diretos e indiretos dos acontecimentos, que nunca mais fossem lembradas. Tais acontecimentos, em alguns aspectos e segundo estudos feitos, lembram o movimento escravista e, em especial, os navios negreiros.<sup>3</sup> As companhias de navegação continuavam com a mesma política de transporte, portanto o tratamento dispensado aos imigrantes poucas diferenças apresentava. Os historiadores da História do Brasil amargam a destruição dos principais documentos sobre o movimento e prática escravista do Brasil, devido à preocupação de Rui Barbosa em apagar uma página negra de nossa história. Perdemos, talvez, uma página negra, mas ganhamos uma negra prática. A repetição desta mesma prática, em relação aos diferentes movimentos migratórios, poderia ser mais interessante para todos os que pensassem como o então ministro da Fazenda. Sem dúvida as comemorações centenárias se constituíram

em força preservadora de muitos documentos históricos, e, talvez, como denúncia dos que preferem queimar arquivos para que a posteridade não saiba a verdade. O que ocorreu com a queima dos arquivos do DOPS, recentemente, segundo publicação da imprensa de Porto Alegre, nada mais foi do que repetir o nefasto gesto do passado; e parece mostrar que a história, para alguns, precisa e pode ser apagada.

Os descendentes dos imigrantes italianos conseguiram, de alguma maneira, colocar em evidência os acontecimentos que envolveram os movimentos imigratórios em território gaúcho, portanto não só no que lhes diz respeito, mas às demais populações imigradas também. Estudiosos e pesquisadores entraram em campo para colher, sem muita preocupação com projetos ambiciosos e técnicas sofisticadas, tudo quanto fosse possível alcançar. O tempo urgia. Era preciso salvar de qualquer maneira tudo que estivesse ao alcance das mãos, pois o incêndio podia se alastrar e consumir os derradeiros vestígios. Vários incêndios aconteceram, mais por ingenuidade do que por maldade, consumindo preciosidades como sendo objetos velhos e inúteis. Esse primeiro trabalho de bombeiro foi fundamental, pois depois do rescaldo se faria o balanço. Assim foi. E a luz, decorridos já dez anos de buscar, vai aumentando seu brilho. Os fatos vão sendo carinhosamente costurados e cerzidos. A memória vai se ativando enquanto arranca do crepúsculo do esquecimento velhas imagens, lembranças de relíquias eloqüentes. Foi possível, ainda, apanhar os últimos e raros testemunhos vivos do drama histórico vivido. Foram salvas nostálgicas e sonhadoras canções, símbolos da força, da fé e das ambições de homens e mulheres; de velhos, jovens e crianças; de famílias e comunidades inteiras.

O centenário italiano ecoou como um sino por todos os recantos onde houvesse um descendente de imigrantes, mas em particular no fundo da alma da imigração italiana. O sino! Símbolo tão querido, tão expressivo, tão festivo e tão nostálgico! A capela, o campanário e os sinos constituíram a essência de toda a vida e de todo o universo do imigrante italiano em sua nova pátria. Agora, no centenário, os sinos do campanário, quase esquecidos e obsoletos pelas novas liturgias, ecoavam novamente com a mesma intensidade e com o mesmo orgulho dos velhos tempos; e conclamavam a reviver a identidade do passado. Sim, eles eram mais uma vez a garantia da ressurreição, na lembrança de cada um, dos velhos valores, das grandes causas e das rudes lutas, que haviam trazido os pais, os avós ou os bisavós para o coração misterioso e silencioso das montanhas e das florestas. Os sinos renovavam os ideais que mantiveram vivos os pioneiros, vivos

pela esperança e pela fé em seus sonhos, características próprias e exclusivas de todo aquele que sonha com o futuro. Os sons do repique dos sinos eram a melodia do passado tornando-se os ecos do presente.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. VERÍSSIMO, Érico. Pequeno Depoimento sobre os Italianos. In CENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO ITALIANA. p.20. "De vemos à imigração italiana aqui no Rio Grande do Sul a fundação e o desenvolvimento admirável de uma cidade como Caxias, a indústria de vinho, a primeira metalúrgica de qualidade, além de atividades artesanais. A região entre nós até hoje conhecida como "zona colonial italiana" está cheia de belas comunidades prósperas, muitas delas dotadas duma graça alpina. O imigrante italiano (vou repetir aqui o que já escrevi em outros artigos) de certo modo trouxe cores novas à nossa paisagem, entiquecendo-a com os verdes das vinhas e o de árvores, ervas e flores por eles plantadas no decorrer de um século de trabalho agrícola". Idem ibidem.
2. Na Itália, a voz de D. João Batista Scalabrini, o após tolo dos imigrantes, se levantou para denunciar a triste situação dos imigrantes da América e se preocupou concretamente com os mesmos, tendo vindo inclusive ao Brasil. Entre nós várias obras já foram publicadas, entre elas se destaca: OS ITALIANOS DO RIO GRANDE DO SUL, de DE BONI, Luís, A. e COSTA, Róvilio. Publicação da EST/UCS/VOZES, Porto Alegre.
3. Conferir - MANFROI, Olívio. Op.Cit. p.101 e seguintes. DE BONI, Luís A. COSTA, Róvilio. Op.Cit. p.96 e seguintes.

#### A MELODIA DO PASSADO E OS SONHOS DA AVENTURA

Os sinos do centenário lembravam os sonhos de aventura nascidos das entranhas de um povo tangido pela miséria e abandonado ao seu próprio destino.<sup>1</sup> A situação de penúria em que eram obrigados a viver devido à exploração dos donos das terras, os fazia sonhar com a América. "E viva la Mérica. Zê grande cucagnã. Se bebe, se mânia e liégri se stã", cantava Nanetto, o símbolo mítico da imigração italiana.<sup>2</sup> Ao repique dos sinos, às vezes dobrando a finados, e com a bênção do padre, a caminhada em direção ao novo mundo começava sob o signo da dúvida e da incerteza, e no semblante de todos transparecia um sentimento comum, para esta partida não haveria retorno. O sonho da América, infelizmente, era um sonho forçado. Apesar dos anúncios e atrativos publicitários e, mesmo, da intervenção do padre vendo na América a inter-

venção da mão divina, à frente de cada imigrante desenha va-se o riso do desconhecido e da aventura. O rigor de uma situação, sem maiores perspectivas, vivida na Itália, trabalhando para sobreviver e saldar dívidas, em que, segundo Pio Busanello, "a palavra penúria era a mais pronunciada entre o povo",<sup>3</sup> constituiu-se no maior aliado dos promotores da emigração. Assim, mesmo sob a sombra da incerteza e da aventura, medraram sonhos de esperanças, acendeu-se a fé e surgiram projetos de dias melhores.

Os momentos que antecedem a decisão de partir e o fato da partida revestem-se de um colorido dramático de muitos matizes. Cada indivíduo, cada família, cada grupo tem sua própria história, mas nisto tudo há um contexto paradoxal comum que envolve a todos os que começam a decidir-se a partir. Todos procuram pesar os prós e os contras, mas em muitos casos não há o que escolher, a única saída é partir. Com isto, as pessoas vivem incertezas e esperanças, angústias de pobreza e sonhos de fartura, descrenças totais com o presente e crenças sólidas num futuro promissor. Esse ambiente, vivido por cada um durante todo o tempo que antecede as decisões e se organizam os preparativos, foi muito bem registrado pelo poeta popular e anônimo, na canção intitulada "La Mérica". É no estrilho que se encontra toda força angustiante daquele que decide partir para sempre, sem saber exatamente o que o esperava. O primeiro verso repete três vezes a palavra "Mérica". É o grito angustiado de quem balança duvidosamente a cabeça. É a súplica insistente de quem quer ver no escuro, de quem quer decifrar o futuro, de quem quer compreender o mistério, de quem espera uma prova para se convencer de que vale a pena partir. Este grito súpliante transforma-se, no segundo verso, em pergunta. Uma pergunta dirigida mais a si mesmo, do que a alguém. "Cossa sarã-la sta Mérica". É a continuidade do grito súpliante lançado ao infinito. É a incerteza transformada em desejo de saber, de assegurar-se, de definir o desconhecido. Uma pergunta que parece já mostrar que o único capaz de respondê-la é o próprio autor da pergunta. E a resposta brota firme e clara: "un massolin de fióri". Sim a América, esse desconhecido e misterioso mundo, será um ramalhete de flores. À primeira vista, a resposta é tranquilizadora e clara. Pela frente está um futuro florido. Portanto alegria, sucesso e festa. Mas como toda arte poética, essa simples canção poderá revestir-se de ambigüidade. Ela aparenta a segurança e a certeza de dias melhores, mas pode manter, ao mesmo tempo, toda carga de dúvida e de insegurança. A simbologia das flores é profundamente polivalente, ela se estende no imenso espaço que vai do nascimento à morte, do sorriso à lágrima. O poeta popular, consciente ou inconscientemente, traduziu

com muita riqueza simbólica a profunda ambigüidade que dominava os momentos da grande decisão e os sentimentos da sofrida partida.

A fonte de coragem que forneceu as forças para o imigrante italiano pronunciar a sua decisão não deve, talvez, ser buscada na antevisão do que será o amanhã, mas na ambição que cada qual alimentava em si mesmo, no mais profundo sigilo de sua consciência. A ambição era comum, individual era a intensidade do desejo. Todos e cada um queriam ser proprietários. Ser proprietário era a grande ambição. A fonte que fez brotar as águas da coragem e as forças de decidir e partir. Na mente de cada um a idéia de propriedade desfilava com todas as letras maiúsculas. Ele seria dono de suas terras, de sua produção, de seus negócios. E, acima de tudo, ele seria o dono de seu nariz. Aqui estava, com toda certeza, o móvel fundamental, a fonte inexgotável da energia, por que não, da teimosia que fez o imigrante superar todos os obstáculos. Os próprios promotores e divulgadores da emigração tinham consciência desta ambição, quase obsessiva, do italiano pela propriedade, por isto ela servia de "isca para atrair os imigrantes", como diz Maria T. Petrone.<sup>4</sup> Novamente os poetas populares cristalizaram essa ambição proprietária da tradição cultural dos imigrantes italianos nestes versos:

"Nel Brasile non vi sonno padroni  
Ognuno qui é padrone di sé  
In sua casa il colono commanda  
E si stima ugualmente un ré".<sup>5</sup>

A ambição da propriedade fundava-se na idéia de que ela seria a única condição para melhorar de vida. Uma idéia muito difundida pelas correntes do liberalismo econômico. Deste modo, a ambição da propriedade era reforçada pelo princípio de um direito individual e familiar, tendo como objetivo básico o sustento da família, a garantia do bem-estar e a segurança de fartura e de progresso. O que podia, em muitos casos, estender-se até os sonhos arrojados da construção de grandes fortunas.

O desejo de ser proprietário como idéia e ambição de todos, com o surgimento dos agentes da imigração, foi cedendo lugar à possibilidade visível e concreta de realizar-se. Nem sempre foi fácil concretizá-la, não tanto pela falta de terras, mas pela dificuldade de fazer a longa caminhada e chegar. A longa e terrível travessia do mar sepultou muitos sonhos. Basta lembrar o Sírio, novamente pela boca dos poetas, "Sírio, Sírio, la misera squadra per molta gente la misera fin".<sup>6</sup> Um navio inteiro desaparece tragado pelas águas, mas pouco sobrou dele, talvez apenas essa canção, muitas vezes entoada nostalgicamente, no meio das imensas florestas, pelos que com mais sorte conseguiram chegar ao seu destino. Mas no meio

desta longa e desesperante caminhada, quando tudo parecia perdido, surge uma outra fonte de energia, não é nova, mas apenas estava adormecida, a religiosidade. Diante da imensidão das dificuldades para realizar os sonhos já acreditados, e diante da impossibilidade de um retorno, a crença em Deus e nas forças espirituais tornam-se o único refúgio encontrado. Naquelas alturas só Deus e as forças sobrenaturais poderiam, segundo eles, sustentar a coragem e a esperança dos dias melhores sonhados e acreditados. Essa religiosidade, como crença nas forças espirituais e sobrenaturais, em geral é creditada à fé católica, mas não se pode esquecer todo universo supersticioso do homem italiano. O depoimento de Júlio Lorenzoni, um dos pioneiros dos imigrantes que chegaram a Val de Buia, nos mostra todo o desespero do imigrante e conseqüente apelo às forças espirituais; ou revolta contra Deus: "Uns caminhavam de cabeça baixa, taciturnos e tristes, outros gritavam, blasfemavam e maldiziam a hora de ter vindo ao Brasil, e maldiziam, também, Cristóvão Colombo e o diabo, e algumas mulheres havia até que, silenciosamente, seguiam chorando".<sup>7</sup> As superstições ou crenças em forças espirituais fora do credo católico são comuns entre os imigrantes, e pode-se comprová-las pela própria literatura, a começar por Nanetto, quando seus pais o conduzem ao pároco para que este o abençoe pois devia estar enfeitiçado.<sup>8</sup> "Togno Brusafretti" contém várias passagens onde se condena as feitiçarias e superstições.<sup>9</sup> Hoje mesmo pode ser comprovado pelos hábitos e tradições dos descendentes dos imigrantes. Os Padres Palotinos, em Santa Maria, conseguiram comprar uma casa por um bom preço por estar malassombrada.<sup>10</sup> Estudos sociológicos e psicológicos poderão aprofundar a presença do apelo às forças sobrenaturais nos casos limites da existência humana. Neste momento queremos apenas chamar a atenção sobre o espírito religioso reinante entre os imigrantes italianos, a própria blasfêmia a consideramos como uma manifestação desta religiosidade, o que constitui um recurso extremo e único para todos. O que é preciso que fique muito claro é que a religião cristã católica, como formadora da religiosidade dos imigrantes, é sem dúvida aquela que determina a ortodoxia e legitimidade da vivência religiosa, e a ela deve ser creditado, sem dúvida nenhuma, o mérito de ter estado presente nos momentos mais difíceis vividos por cada imigrante e por comunidades inteiras. A fé católica com todos os seus símbolos constituiram o grande manancial de forças nos momentos de solidão e abandono para que ninguém perdesse as esperanças no próprio futuro.

Ao chegarem ao local final, os imigrantes italianos sentiram com maior intensidade a solidão e abando

no, e foi justamente neste momento que eles construíram os grandes monumentos à sua fé. Os capitéis, as capelas e as igrejas emolduradas pelo inseparável "campanil", mesmo modesto, são o marco perene desta religiosidade. Com isto pode-se, também, entender e explicar porque os imigrantes construíram mais monumentos à fé, do que escolas; procuraram com maior interesse pelos sacerdotes, do que por professores; confiaram mais nas orações e nas bênçãos (mesmo de benzedoras ou padres leigos), do que nas ciências; esperaram mais em Deus do que nos homens do governo. A capela e o sino eram a lembrança de que Deus estava e está sempre presente em tudo. Os capitéis pontilhando as estradas eram os marcos contínuos da presença continuada e da proteção concreta do Senhor, Deus dos desvalidos. Tudo indicava que todas as coisas se resolveriam entre eles e Deus e mais ninguém.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. MANFROI, Olívio. Op.Cit. "Os imigrantes italianos do RS abandonaram sua pátria depois de terem sido por ela abandonados". p.93.
2. BERNARDI, Aquiles. VITA E STÓRIA DE NANETTO PIPETTA. Est, Porto Alegre, 7.ed., 1975. p.18.
3. BUSANELLO, Pe. Pio José. A HISTÓRIA DE NOSSA GENTE. Ed. Palotti, Santa Maria, 1952, p.6.
4. PETRONE, Maria Tereza Schorer. O IMIGRANTE E A PEQUENA PROPRIEDADE. Brasiliense, São Paulo, 1980. p.52.
5. Idem. Ibidem.
6. MANFRÓI, Olívio. Op.Cit. p.106.
7. LORENZONI, Júlio. MEMÓRIAS DE UM IMIGRANTE ITALIANO. Sulina, Porto Alegre, 1975. p.48.
8. BERNARDI, Aquiles. Op.Cit. "La mamma de Nanetto se ra comanda al Piovàn na benedission par sô putel ché gá da éssare strigá". p.10.
9. LIBERELI, Ricardo D. TOGNO BRUSAFRATI. Est, Porto Alegre. 3.ed. 1979. "Peró no i gá mai pensá, como ché i fá tanti, che la fiola la fusse stada stregada. Gnanca no i zê andai a consultar streghe, o benzedóri, o spíriti, nō. Lori e gera bastansa boni, cristiani, e i savea che tute ste cose le zê proibite dalla lege di Dio e dela chiesa". p.31-32.
10. INFORMAÇÕES PALOTINAS. Edição Histórica. Santa Maria, 1973. p.5.

## O ECO DOS SINOS

As comemorações centenárias foram festivas. Não poderia ser de outra maneira. Os discursos entoavam loas aos heróis que desbravaram o mundo hostil da serra, da floresta e do mundo desconhecido. As velhas canções foram novamente entoadas com o antigo entusiasmo. As bodégas, à sombra das capelas, reviviam os gritos cadenciados do jogo da "mora". Os "brodos" reapareciam lembrando e animando saudosamente as longas e frias noites das solidões ao calor e à luz dos "fogolari". As velhas calças de brim riscado, remendadas ao infinito, eram vestidas com garbo e, sem humildade ou constrangimento, desfilavam em carro aberto. Vestidos e aventais eram retirados dos baús, depósitos de lembranças, para poses e desfiles de passarelas. Já não eram mais os símbolos da pobreza e da ignorância a que foram condenados. Hoje se tornavam os símbolos da coragem, da bravura, do orgulho e da grandeza do trabalho e do trabalhador imigrante, portadores de um idealismo heróico e construtores de riquezas e de progresso. Os dialetos vênéticos, tão humilhantes e humilhados, passaram a ser tratados com o respeito e o valor devidos a todas as línguas. A língua materna de cada um só devia ser respeitada mas ela se tornava uma língua de cultura e de religião. Não era mais preciso envergonhar-se da língua materna. Ela não era inferior à língua brasileira ou a qualquer outra língua.<sup>1</sup> Parecia a todos um novo sonho. O dialeto vênético transformou-se em objeto de estudos gramaticais, lingüísticos, antropológicos e sociológicos. Voltou às páginas dos jornais. As editoras publicaram livros dialetais e bilíngües.<sup>2</sup> Centenas de gravadores saíram a campo. As cartas, as velhas cartas, roídas pelos ratos e amarelecidas pelo tempo, esquecidas nos sótãos, foram recuperadas com carinho monacal, impressas e colocadas com toda reverência entre os livros dos grandes sábios das bibliotecas das universidades. Mas o dialeto vênético viveu o ponto mais alto de sua grandeza, fora de qualquer dúvida e dentro do contexto do imigrante, quando recebeu a dignidade de se tornar o discurso litúrgico, fato que nenhum imigrante poderia imaginar. Pelo contrário, ele, talvez, do silêncio de seu túmulo, estaria pensando que se tratava de uma profanação, de uma blasfêmia. Mas não, o seu dialeto, e sua fala roceira, na qual expressara todos os seus sentimentos, e que mais se prestava para a blasfêmia, recebera o privilégio de ser também uma língua de oração pública e solene, de pregação evangélica e, até, de celebração da máxima liturgia de sua fé, a missa.

Passados os primeiros momentos de espetáculo e de euforia, os sinos, aos poucos, fizeram ecoar mais pro

fundamente sua sonoridade despertadora. As festividades já não eram tão festivas. As manifestações do palco indicavam para as realidades dos bastidores. Os discursos poéticos, românticos e retóricos silenciaram, e outras vozes e outros tons puderam ser ouvidos. O sino acorda de sons mais profundos. Assim os efeitos extasiantes do primeiro impacto com o encontro do passado quase morto e esquecido, foram deixando lugar a lembranças mais duras e sofridas. Os contatos superficiais foram crescendo e mergulhando na profundidade dos cem anos transcorridos.

As contribuições e colaborações, por parte dos imigrantes, eram a princípio poucas, envergonhadas, desconfiadas e até temidas. Lembrar o passado, aquela vidinha, aqueles costumes e aquelas situações! Recuperar objetos inúteis, jogados no porão ou abandonados no tempo! Salvar das traças e dos ratos os restos de velhas cartas, de antigos passaportes, ou papéis rabiscados, recortes de jornais, que as "nonas" ainda mantinham apenas por um sentimento de fidelidade e de recordação de seus mortos que ridos, mas que, tão logo elas morressem, tudo seria queimado como coisas sem serventia e valor! Para que tudo isso? Seria algum golpe de esperteza? Tudo parecia tão estranho e incompreensível. Aos poucos o valor cultural foi compreendido. Assim, consciente ou inconscientemente, o sentido da tarefa foi assimilado. O objetivo comum foi juntando as mãos. Cada um sentia que proteger o passado era revivê-lo; reviver o passado significava renovar a si mesmo e preservar sua própria identidade. Com isto as velhas histórias, contadas pelas nonas, que tinham para os netos um sabor de lendas, tornaram-se histórias de verdade, dramas vividos e reais. A lembrança destas histórias passaram a despertar nos mais velhos o interesse pelos acontecimentos do passado, e, nos mais jovens, a curiosidade para procurar e conhecer a verdade.

O trabalho da imaginação foi abrindo espaço para raciocínios mais rigorosos e trabalhos comparativos melhor elaborados. Os conteúdos enbolorados dos velhos baús trouxeram à luz as provas necessárias que davam consistência e rigor exigidos para a objetividade de comparações, reflexões e conclusões. Tudo ia se tornando mais claro e tão perto de cada um. Parecia ontem. Os mais velhos, instigados por perguntas e questionários de curiosos pesquisadores, foram encadeando idéias e fornecendo o material para a tecitura da interpretação dos acontecimentos. As paisagens, os fatos, os personagens iam adquirindo visibilidade, tomando forma, corpo e vida. Tudo recomeçava a existir e a falar. Cada coisa celebrava uma história. O montículo de pedras lembrava os fundamentos do primeiro forno, onde a bisnona assara o primeiro pão, feito com a farinha de trigo por eles plantado e colhi-

do. Aquela coluna de cerne de Ipê ou de Angico, já carcomida e estranha, fora o alicerce da primeira casa, onde os avós nasceram e viveram. Depois ela serviu de poste de amarrar cavalos das visitas ou dos namorados de nossos pais, nas tardes de domingo durante os namoros controlados. Hoje é uma lembrança e uma história. Cada família descobria sua história familiar, tudo passava a ser mais eloquente e encontrar ossos e carne. E cada um sentia-se orgulhoso de ter história, de ter feito história. Desta maneira os trabalhos de pesquisa foram sendo produzidos. No começo, sofridos, despretensiosos e humildes. Depois mais arrojados. Em qualquer caso a primeira conclusão tornou-se inquestionável e unânime: a imigração não fora um acontecimento festivo e triunfal, mas cheio de lutas e sacrifícios. "A grande maioria dos italianos, ao chegar à América, não viu o fim, mas o aumento das privações".<sup>3</sup> Somente muita coragem, muita fé e muito idealismo conseguiram superar tantos obstáculos.

Os velhos livros de registros de batismo, casamentos e óbitos constituíram-se para os pesquisadores na fonte preciosa e consolidadora, não só para completar suas reflexões, mas também para reconstituir genealogias e refazer fatos. As atas das reuniões das comissões de igrejas e capelas forneceram um conjunto de informações básicas, talvez as mais significativas, a respeito da vida dos imigrantes. Com elas tornou-se possível detalhar pormenores do que acontecia na comunidade. Com esses recursos os primeiros trabalhos abriram caminhos para estudos mais documentados e publicações mais substanciais apresentando análises sociológicas, políticas e econômicas.<sup>4</sup> Essas preocupações e interesses concretizaram-se em museus e bibliotecas, que surgiram em quase todos os núcleos da imigração, dos quais se fala com orgulho.

Um dos méritos de todo esse movimento em direção ao passado foi, sem dúvida, o de ter despertado o interesse em todas as localidades pela própria história. Isto provocou o desejo de retorno, depois de muitos anos, aos locais de origem, daqueles que, pelas mais variadas razões, migraram para outras regiões do estado ou de outros estados. Mais, tal fato fez com que fossem conhecidos pequenos núcleos de imigrantes italianos em municípios onde ficaram completamente isolados. Há, porém, neste contexto, um núcleo relativamente importante, constituído pela antiga Colônia de Silveira Martins, uma das primeiras quatro colônias, localizada na região de Santa Maria, da qual pouco se fala e pouco se tem estudado. E, em geral, quando se fala na ex-colônia Silveira Martins, usa-se uma linguagem mais tangencial e extensiva, do que uma referência direta e substancial. As expressões usadas na maioria das vezes, tem este teor: Também no cen-

tro do Estado houve um contingente expressivo de imigrantes italianos que se situaram na região de Santa Maria.

Grande parte das obras sobre a imigração italiana está ligada, pelas mais justas razões, à região de Caxias do Sul, onde se fixou o maior contingente da imigração italiana em nosso estado, e onde os imigrantes apresentaram o maior grau de desenvolvimento. Para o pesquisador da imigração italiana, entretanto, não interessam apenas os aspectos de maior índice de desenvolvimento ou do maior número de imigrantes, mas também os outros aspectos que mostram características e situações peculiares. Com isto completa-se a paisagem do movimento migratório. Não resta dúvida que Caxias do Sul e toda a região representam o parâmetro de avaliação e o termo de comparação da imigração italiana; já Júlio de Castilhos denominou Caxias como a "pérola das colônias". Portanto os estudos e análises de outros núcleos e outros grupos de imigrantes italianos terão, necessariamente, como ponto de referência a "pérola das colônias".

Mesmo sem levar em consideração qualquer critério adotado para o estudo da presença dos italianos no Rio Grande do Sul, pode-se afirmar com toda segurança que o contingente de imigrantes italianos fixado, a partir de 1878, na Serra de São Martinho, tendo como sede Silveira Martins, pouca atenção recebeu e, mesmo, ficou quase completamente esquecido, desde a chegada dos pioneiros. Quando se diz que os imigrantes italianos "foram recebidos com indiferença pelas autoridades provinciais e desconhecidos, durante muitos anos, pelos gaúchos", tal fato deve ser multiplicado várias vezes em relação a Silveira Martins.<sup>5</sup> Basta lembrar que nem a divisão dos lotes estava feita, quando da chegada dos pioneiros. Foi preciso uma longa espera no barracão de Val de Buia e, o pior, que a peste dizimasse quatrocentas pessoas para que as autoridades resolvessem acelerar a demarcação.<sup>6</sup> Santa Maria não registra em seus anais nenhuma iniciativa para socorrer os miseráveis pestilentos.

Silveira Martins ficou isolada das demais colônias e pouco lembrada de todos. Situada no centro do Estado, sem comunicação geográfica direta com os outros núcleos, ficou entregue à sua própria sorte. Sua situação, além do isolamento, era peculiar, talvez em certos aspectos mais favorável, faltou-lhe, porém, algum ingrediente básico, motivo porque não logrou os mesmos índices de desempenho alcançado pelas demais colônias, "Campo dos Bugres, Dona Isabel e Conde d'Eu". Chegou, agora, o momento de buscarmos os componentes possíveis que determinaram o processo de colonização da área de Silveira Martins, de seu desenvolvimento e de sua situação atual. O eco dos sinos de Centenário chegaram também nos contra-

fortes da Serra de São Martinho, início da Serra Geral, em pleno coração do Rio Grande, despertando do sono os descendentes dos imigrantes italianos, e, como nas outras comunidades, saíram em busca da própria história. A imigração italiana da ex-colônia Silveira Martins sentiu a importância de reviver seu passado, mas o eco dos sinos do Centenário de cada lugarejo está a exigir um lugar de maior destaque no cenário da história da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. MANFROI, Op.Cit. "A língua brasileira tornou-se, pouco a pouco, um símbolo de civilização e de promoção social. O filho do imigrante gozava da mais alta consideração dentro das colônias, quando falava corretamente o Português". p.133.
2. LIBERALLI, Ricardo. TOGNO BRSAFRATI. BERNARDI, Aquiles. NANETTO PIPETTA. COSTA, Rovílio e BATTISTEL, Arlindo I. ASSIM VIVEM OS ITALIANOS. Est, Porto Alegre, 1982.
3. DE BONI, Op.Cit. p.99.
4. LAZAROTTO, Valentim. POBRES CONSTRUTORES DE RIQUEZA. EDUCS, Caxias, 1981. BARROS, Eliane C. e outros. RS: IMIGRAÇÃO & COLONIZAÇÃO. Mercado Aberto. Porto Alegre, 1980. LAZZARI, Maria B. IMIGRAÇÃO E IDEOLOGIA. EST/UCS, Porto Alegre, 1980.
5. MANFROI, Op.Cit. p.15.
6. LORENZONI, Op.Cit. Cap. XIII "Quatro longos meses no Barracão". p.50-53.

#### A IMIGRAÇÃO ESQUECIDA

Silveira Martins foi a quarta colônia, fundada em 1877 por decreto imperial, destinada a receber imigrantes italianos com o objetivo de povoar uma área de luta pertencente ao governo imperial, seguindo a mesma política de ocupação das demais colônias. A data precisa de chegada dos primeiros imigrantes não está bem esclarecida. Segundo Antônio Bombassaro e Ernesto Pellanda, as primeiras famílias teriam chegado ainda no ano de 1877. Já Júlio Lorenzoni, em suas memórias, escreve: "Nos últimos dias de abril (de 1878), portanto, a primeira leva de imigrantes italianos, a maior parte Vênets e Lombardos, acampava ao pé dos montes, que mais tarde constituiriam o núcleo colonial de Silveira Martins".<sup>2</sup> É interessante observar que a descrição da viagem terrestre de Rio Pardo até o Barracão de Val de Buia apresentada por A. Bombassaro,<sup>3</sup> coincide com a de Júlio Lorenzoni.<sup>4</sup> Há, po-

rêm, alguns detalhes que não dirimem todas as dúvidas. Antônio Bombassaro fala de quatro expedições ou levadas de imigrantes, que teriam chegado sucessivamente ao Barracão de Val de Buia. Na primeira expedição nomeia uma série de famílias, entre as quais a de Próspero Pippi, primeiro comerciante de Silveira Martins, e a família Datto composta de 40 pessoas, que celebrou seu centenário de chegada em 1978, tendo-se localizado no vale oposto ao de Val de Buia, hoje conhecido como Vale Vêneto. É só na segunda expedição que aparece, segundo Bombassaro, a família Lorenzoni. A terceira expedição teria chegado em abril e a quarta em maio, onde se encontrava Paulo Bortoluzzi, tido como o fundador de Vale Vêneto.<sup>4</sup>

A lembrança destas passagens do início da Colônia Silveira Martins torna-se importante, pois mostra que essas quatro levadas de imigrantes, num total de cerca de 1.500 pessoas, foram obrigadas esperar longos meses até tomar posse de seus lotes. O que demonstra a pouca atenção dada pelas autoridades à colônia caçula da colonização italiana. E, como já foi mencionado, foi preciso o surgimento de uma epidemia, para que os trabalhos tomassem maior empenho. As demarcações foram sendo executadas, a sede foi traçada, e Silveira Martins foi recebendo sucessivas e significativas levadas de imigrantes, chegando a ultrapassar sua capacidade de recebimento. O problema foi solucionado pelos próprios imigrantes, na medida que decidiram comprar terras de proprietários particulares.<sup>5</sup> E tudo parecia indicar que Silveira Martins, apesar da tragédia do Barracão de Val de Buia, apresentava, aparentemente, todas as condições de se desenvolver e alcançar um nível de desenvolvimento paritário às outras colônias coirmãs. E Corte ao narrar sua visita a Silveira Martins em 1884 chega a dizer que ela está em situação privilegiada em relação às suas coirmãs, afirmando que nela se cultivam todos os produtos das outras colônias e mais o algodão, o arroz e o tabaco.<sup>6</sup> Mas a descrição de Corte vai mais adiante: "A colônia de Silveira Martins encontra-se em condições mais favoráveis do que as outras para a venda de seus produtos, uma vez que, distante da concorrência dos outros centros produtores, é cercada de muitos centros consumidores, pelo que o vinho, na colônia mesma, é três vezes mais caro do que nas demais, como o são o trigo e os outros produtos".<sup>7</sup> Apesar destas circunstâncias, a primeira vista privilegiante, e por razões ainda não bem esclarecidas, isto não aconteceu, e, Silveira Martins, na expressão do Pe. Luiz Sponchiado, acabou sendo a "prima desconhecida entre as colônias italianas do Rio Grande do Sul".<sup>8</sup>

Os sinos do Centenário ecoaram fundo também nos contrafortes e estreitos vales da pouco lembrada Serra

de São Martinho, e fizeram reviver, no coração das gerações italianas, os velhos sonhos e histórica aventura dos imigrantes pioneiros. O repique dos sinos conseguiu, com sua nostálgica sonoridade, sacudir as novas gerações e conduzi-las ao encontro de suas raízes da história centenária, alcançando os lugarejos mais remotos, esquecidos e adormecidos. As comemorações centenárias, de muitas comunidades, mesmo de muitas famílias tradicionais, foram acontecendo e se sucedendo. Silveira Martins e Vale Vêneto, como os dois núcleos pioneiros, abriram o festivo cortejo das comemorações. A família Dotto desenterra na lavoura e ergue festivamente em pequeno monumento a pedra, onde fora gravado o momento da tomada de posse de seus lotes: "queste terre son dei Dotti".<sup>9</sup> E as comemorações continuam acontecendo. Entre todas essas comemorações, o fato mais marcante, tornando-se o símbolo da presença italiana nestas regiões, foi, sem dúvida, a construção do monumento ao imigrante, junto ao sopé do morro onde se localizara o Barracão de Val de Buia, e sua solene inauguração pelo Cardeal Patriarca de Veneza, D. Albino Luciani, depois Papa João Paulo I.

As comemorações centenárias chamaram atenção sobre um quase esquecimento da ex-colônia de Silveira Martins dentro do contexto maior da imigração italiana do Rio Grande do Sul. Ficou plenamente constatado que ela estava relegada a um segundo plano, sem maiores referências, a não ser algumas alusões, e praticamente não sendo objeto das últimas publicações sobre os italianos. Criou-se assim, com o bimbalar dos sinos centenários, uma consciência viva da necessidade de se pesquisar e estudar a região. O editorial da edição especial do jornal "A Razão" proclama com muito vigor: "E hoje ele (o jornal) está em todas as bancas e sendo enviado a todas as escolas da região, se propondo a reparar a falta de divulgação da participação da imigração italiana em nossa região, pois nunca se deu a devida importância à "colônia de Silveira Martins", preferindo dizer-se que só em Caxias do Sul e periferia, o Rio Grande recebeu ajuda de mãos italianas, na propulsão de seu progresso".<sup>10</sup> O Padre Luiz Sponchiado, apesar de humildemente escondido a trás de seu monumental trabalho de coleta de documentos relativos à imigração desta região, diz: "É um prazer para mim tornar conhecida esta nossa Colônia de Silveira Martins, a prima desconhecida entre as colônias italianas do Rio Grande do Sul".<sup>11</sup>

Para situar o problema deste quase esquecimento em que foi mergulhada a ex-colônia de Silveira Martins podemos começar por observar a literatura sobre a colonização Italiana. Ainda que essa observação não seja tão profunda e exaustiva, nos leva a fazer uma distinção en-

tre, a literatura e os trabalhos desenvolvidos dentro da ex-colônia, publicados ou não, e o que fora se escreveu sobre ela. Vamos chamar de literatura interna a primeira, e de literatura externa a segunda.

#### Literatura interna

O acervo bibliográfico nos mostra uma lista significativa de trabalhos, uns publicados outros não, referentes à imigração italiana da região de Silveira Martins. Encontramos trabalhos de importância decisiva para o estudo e a compreensão de todo movimento imigratório desta região, contendo os motivos da imigração, descrevendo as dificuldades da viagem, enumerando os percalços para a fixação e o processo de desenvolvimento e mostrando a realidade da situação atual. Encontramos excelentes trabalhos, talvez de maior valor histórico, sobre o papel fundamental da Religião Católica em todo o processo da Imigração e seu posterior desenvolvimento e, ao mesmo tempo, contendo informes explícitos e implícitos sobre componentes étnicos, culturais e sociais. Sem maiores critérios científicos de escolha, vamos apresentar o maior número possível desses trabalhos e publicações.

Esperamos não cometer nenhuma injustiça e nem minimizar os trabalhos ao começarmos pelo trabalho do Pe. Luiz Sponchiado, atual e há longos anos pároco de Nova Palma. Pe. Luiz organizou, nas horas de folga que o ministério sacerdotal lhe proporciona, um monumental e complexo fichário genealógico de quase todas as famílias da região.<sup>12</sup> O trabalho não está parado, pelo contrário, com crescente empenho ele continua ampliando e atualizando as fichas. Quem teve a oportunidade de participar das comemorações do Centenário da fundação de Nova Palma pode, também, ver uma amostra deste trabalho em enormes cartazes, onde aparecia a genealogia das famílias Rossatto, consideradas as mais numerosas. Junto com o fichário genealógico, Padre Luizinho, como também é conhecido, inaugurou, por ocasião dos festejos centenários, um museu e uma biblioteca da imigração. Tudo isto é o resultado de mais de 30 anos de dedicação para salvar da destruição as relíquias que conservam a memória dos imigrantes italianos. E nada melhor para definir seu trabalho ouvirmos suas próprias palavras: "Minha pesquisa dirige-se, por isso, às pessoas, à história das pessoas, para que não se esqueçam, na ânsia de louvar o progresso, de prestar uma homenagem aos verdadeiros valores trazidos pelos italianos".<sup>13</sup> Devemos ainda registrar aqui, já como testemunhas oculares, a presença total do Pe. Luiz nas comemorações do centenário da Fundação de Nova Palma. Ele foi a figura central que tudo planejou e dirigiu. Ele conseguiu fazer desfilar nas vias públicas toda a história de Nova

Palma, tendo como espinha dorsal da história a vida religiosa da paróquia. E, por fim, é bom lembrar que todo material organizado pelo Pe. Sponchiado oferece excelentes fontes genealógicas e históricas para o mais exigente pesquisador.

Ao lado do trabalho genealógico e mais científico do Pároco de Nova Palma, encontramos um outro trabalho, com características bem diversas, é verdade, mas não menos significativo, desenvolvido pelo Pe. Clementino Marcuzzo em Vale Vêneto. O Pe. Clementino não está tanto preocupado em documentar o passado, mas em revivê-lo. Ele com muito entusiasmo busca comemorar e celebrar o passado mas, ao mesmo tempo, procura perspectivas que conduzam para frente, sonhando em restaurar a antiga vitalidade que existia nesta região. Suas iniciativas através de promoções festivas, recuperando canções, bandinhas, liturgias sacras, comidas típicas ou publicações de artigos publicitários tem sempre em vista transformar Vale Vêneto num ponto turístico e, conseqüentemente, retomar o caminho do progresso. Por isso não é exagero dizer que tirou Vale Vêneto do esquecimento e, talvez, do desaparecimento total.<sup>14</sup> Vale Vêneto foi o segundo núcleo, depois de Silveira Martins, desde o início rivalizou com a sede. Teve oportunidade de sobrepujá-la quando se tornou a sede e o berço da ordem dos Padres Palotinos, da qual o Pe. Clementino é membro.

Hoje, graça ao Padre Marcuzzo, Vale Vêneto representa o grito vivo e o coração palpitante da presença italiana de toda região, buscando manter o entusiasmo das comemorações centenárias. As sucessivas promoções atraem constantemente levadas de descendentes italianos que migraram para todo o estado e, mesmo, para outros estados. A festa do Corpo de Deus tornou-se o palco renovado das tradições litúrgicas e culturais da catolicidade italiana. As liturgias e os cantos latinos e dialetais misturam-se com os tiros de morteiros e banda musical.<sup>15</sup> Mais, Vale Vêneto com seu museu, com suas belezas naturais, com seus "galettos" e risotos somados à bravura e entusiasmo do Pe. Marcuzzo e de seus moradores, tem todas as condições para se tornar um centro turístico, capaz de oferecer excelentes atrativos aos mais exigentes visitantes.

Dentro desta ótica de trabalho não se pode esquecer o trabalho humilde e anônimo do Sr. Antônio Isaia. Ele é um profundo conhecedor das imigrações do Rio Grande do Sul, não só da imigração italiana, mas conhece profundamente os fatos que envolveram a imigração italiana de Silveira Martins. Conferencista obrigatório para se falar, nos colégios e escolas, sobre a imigração, ou quando se quer lembrar acontecimentos da história imigratória de Santa Maria. Ele é um estudioso, um divulgador in

formal, mas acima de tudo, uma fonte de pesquisa. Para se avaliar sua capacidade e conhecimentos basta lembrar que a ele coube o papel importante de redigir o texto e elaborar a reportagem sobre a ex-colônia de Silveira Martins para o album do Centenário da Imigração Italiana.<sup>16</sup>

A literatura sobre a ex-colônia de Silveira Martins começa com o diário de Júlio Lorenzoni, um dos pioneiros, e que, por ocasião do Centenário da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul foi publicado por uma de suas filhas, sob o título de: **Memórias de um imigrante italiano no.17** A importância desta obra é fundamental para a ex-colônia de Silveira Martins, pois se trata do diário de um imigrante que chegou nas primeiras levadas de imigrantes; representa, sem dúvida, o documento histórico fundamental dos imigrantes italianos chegados ao Barracão de Val de Buia, ponto de chegada, local de espera e de distribuição dos lotes coloniais. Júlio Lorenzoni, na primeira parte de seu diário, registra não só seu pensamento e sentimentos, desde os preparativos e a difícil tomada da decisão em partir para o Brasil, mas também descreve, momento por momento, a sua experiência que começa com as lágrimas da despedida, da saída perene, da longa espera em Gênova, dos aspectos pitorescos e dos imprevistos do tumultuado embarque e da não menos atribulada travessia. Toda a história da experiência deste imigrante moço revela a semelhança de situações vividas por quase todos os imigrantes. O ponto alto da contribuição de Lorenzoni é a descrição da viagem de Rio Pardo até o Barracão de Val de Buia com a longa espera e os primeiros momentos da instalação da Colônia de Silveira Martins. Infelizmente Júlio Lorenzoni resolve mudar-se para a Colônia de Dona Isabel, seis anos depois de sua chegada. Silveira Martins nunca poderá avaliar a perda irreparável com a saída deste seu imigrante pioneiro e ilustre. É suficiente observar na segunda parte do diário as funções e as iniciativas importantes que Júlio desempenhou em Dona Isabel.<sup>18</sup>

Nenhum trabalho que abrangesse a Colônia em sua globalidade, foi escrito e publicado. Encontramos, entre tanto, vários e interessantes trabalhos monográficos. Tais monografias foram escritas, em geral, com objetivos bem específicos e claramente circunstanciados, sem a preocupação de apresentar análises mais profundas e abrangentes, limitando-se ao registro, por vezes à documentação, de fatos. Entre essas monografias, algumas se constituem fonte preciosa de pesquisa, graças à riqueza de detalhes com que apresentam o desenrolar dos acontecimentos e a atuação de pessoas mais influentes do local. A **História de nossa gente**, do Pe. Pio Busanello é, sem dúvida, a que maior número de informações apresenta, mesmo tendo como

objetivo principal apresentar a árvore genealógica dos Busanello. Este trabalho foi publicado em 1952, mas o autor já vinha desenvolvendo suas pesquisas a mais tempo. E, segundo confessa o próprio autor, a pesquisa não foi concluída já que não conseguiu realizar os objetivos propostos. Os motivos da não conclusão ele mesmo apresenta: "Não pude arranjar mais nada, além do 'anagráfico', a não ser isso, que eu dizia: uma espécie de informação, e muito imperfeita. Faltam muitos nomes, inúmeras datas, dados mais ou menos importantes e pormenores interessantes. Nem tudo, às vezes, pode-se dizer...".<sup>19</sup> O autor narra com detalhes personalizados, mas que não diferem dos demais imigrantes, os acontecimentos que envolveram a família Busanello e elabora a árvore genealógica, tendo esta segunda parte ficado bastante prejudicada, pois seriam "mais de 8.000 nomes" e "nunca acabaria", lamenta o autor.<sup>20</sup> Tudo começa com a decisão do velho Matheus em emigrar para o Brasil com todo seu clã. A descrição da viagem é uma cópia xerox de todas as demais. A figura patriarcal do velho Matheus domina todo o cenário, desde a partida até a chegada em Vale Vêneto, onde são esperados pela família de Paulo Bortoluzzi, outro patriarca e pioneiro da fundação deste núcleo, que no momento já conta com seis anos de fundação. Após a morte do patriarca, surge a figura de Luiz, pai do autor, nele são reunidas as principais tribulações do imigrante, isto é, a construção da casa, a abertura dos roçados, o medo dos animais ferozes, ainda, o trabalho na construção de ferrovia Porto Alegre-Santa Maria, como meio de arranjar dinheiro para a compra de objetos indispensáveis. Além das narrativas pormenorizadas sobre a vida familiar e social dos primeiros imigrantes, a monografia de Pio Busanello apresenta os vários momentos do processo de recrutamento de voluntários a emigrar ao par dos métodos empregados pelos agentes organizadores da emigração. É notável, neste texto todo, a decisiva participação do Piovan, o padre do local, na tomada das decisões. Basta ouvir o autor: "A sentença definitiva, entretanto, é a última palavra, estava reservada, sobre o assunto, ao Sr. 'piovan', a 'dom' Sante, a quem eles queriam muito e que, dizem, até era meio parente".<sup>21</sup> Isto mostra o papel fundamental do pároco em todo processo da imigração e, também, a sentida ausência do mesmo em terras brasileiras.

As comemorações dos vinte e cinco anos da paróquia de Nova Palma foram marcadas pela publicação de O jubileu da Paróquia de Nova Palma. É um trabalho atropelado pelo tempo. Os autores são dois seminaristas, anônimos, encarregados pelo seu superior para, durante o período de férias, coletar os dados. A apresentação dos autores é simples e clara: "Aí vão, pois, estas notas, re-

sultado de breves entrevistas com pessoas mais ou menos bem informadas e de rápida perluastração do Arquivo Paroquial de Nova Palma. Trabalho de estudantes em férias, rápido e mal acabado, tentativa de caracterização da primeira etapa que viveu essa paróquia, que é das mais beneméritas da diocese de Santa Maria. Apesar das inexactidões e falhas, é um monumento, de pedras toscas embora, a perpetuar a data jubilar dessa paróquia".<sup>22</sup> É em torno do objetivo desta monografia que encontramos seu principal valor. Buscando apresentar a atividade pastoral e ressaltar o grande espírito religioso dos imigrantes, os autores nos mostram que a religiosidade era o valor central da vida da comunidade. Há, mesmo, uma preocupação explícita em apresentar Nova Palma como o celeiro de vocações sacerdotais e religiosas.<sup>23</sup> A predominância do espírito religioso da população de Nova Palma pode ser ainda hoje comprovada. Basta lembrar as comemorações do Centenário de sua fundação para constatar que Nova Palma gira em torno de suas organizações religiosas, tendo como líder principal seu pároco. É exatamente sob esse aspecto que a monografia, *O jubileu de Nova Palma*, oferece excelentes dados para uma profunda análise sociológica.

"A Paróquia de Ivorá no seu jubileu de Prata" é a primeira monografia escrita sobre o núcleo Norte ou Nova Udine, hoje, Ivorá. Possui as mesmas características daquela de Nova Palma. O elemento religioso domina, pode-se dizer que ela é uma autobiografia de seu autor Monsenhor Humberto Busatto, vigário da paróquia de 1918 a 1962. Uma seqüência do trabalho de Monsenhor Busatto é constituída por Ivorá, 100 anos de história de autoria do Diácono Severino T. Bellinaso. A outra monografia é de autoria do jornalista ivorense Humberto Didonet, intitulada: *Ivorá, meu Torrão Natal*. Julgamos o trabalho de Severino Bellinaso o mais significativo dos três. Apesar do autor cometer alguns enganos, o que pode ser muito significativo, como por exemplo a confusão entre o centenário da Fundação de Ivorá com o da instalação da paróquia,<sup>24</sup> facto que ainda não aconteceu, ele oferece muitos dados históricos, base para futuras análises comparativas com o desenvolvimento de outras comunidades da ex-colônia de Silveira Martins.

"A paróquia de Ivorá no seu jubileu de Prata" começa por uma transcrição do trabalho de Monsenhor Busatto, como confessa seu autor, mas ela está muito bem atualizada, seja publicando alguns manuscritos inéditos de Monsenhor Busatto, bem como seu testamento, seja apresentando depoimentos de pessoas muito ligadas a ele. É especialmente pela extensa apresentação de resúmenes históricos sobre as famílias tradicionais da Paróquia e surgimento de cada capela. O autor não esquece também de a-

presentar as atividades sociais e esportivas, ainda que tudo esteja voltado e referenciado ao religioso, como o próprio autor explicita: "Em resumo, toda Paróquia convergia em direção à Igreja Matriz, numa demonstração de comunidade de fé, de amor e de fraternidade".<sup>25</sup>

Faxinal do Soturno também, talvez merecesse mais, um documento histórico publicado por Olívio Cesca, como redator, mas o pesquisador foi Eusébio Roque Busanello. Trata-se de um documento comemorativo. No aspecto histórico, além de confirmar o que já é conhecido sobre a imigração, deve-se salientar o enfoque dado ao líder máximo, o Sr. Angelo Bozzetto, que ao nosso ver merecia muito mais espaço. Mais adiante o tema será retomado. Seu mérito principal consiste em fornecer elementos para estudos comparativos. Na segunda parte, o autor traz um resumo de *A História de Nossa Gente* de Padre Pio Busanello, sendo que os Busanello, após a morte do patriarca Matheus em Vale Vêneto, mudaram-se para Geringonça, hoje Novo Treviso, um distrito do Soturno.

O último trabalho monográfico merecedor de menção, é *Dona Francisca - Sua Terra Sua Gente*, de Norma Bernadete Casassola. Além de sua contribuição na apresentação do histórico da colonização, desde a demarcação com o número e nome das famílias, a autora narra detalhadamente os preparativos e a heróica resistência dos moradores contra um grupo de bandoleiros invasores. Havia na região um grupo de vagabundos, os moradores de Dona Francisca alarmados, mas avisados em tempo, trataram de se organizar e armar da melhor maneira a seu alcance. Alguns moradores, de origem alemã e portuguesa, ex-combatentes da guerra do Paraguai, se transformaram nos comandantes e estrategistas da memorável batalha. Os invasores, sem desconfiarem dos preparativos, chegaram confiantes a realizar mais um saque tranquilamente, mas foram surpreendidos por uma heróica e feroz resistência. Sofreram uma derrota total. Os que bateram em retirada foram perseguidos com foices e machados para nunca mais voltar.<sup>26</sup>

#### Literatura externa

A literatura sobre o movimento imigratório italiano no Rio Grande do Sul atinge, hoje, um volume de obras de grande extensão e valor, mas é consenso bastante difundido, que a ex-colônia de Silveira Martins não foi contemplada com o destaque que mereceria pelo conjunto geral dessas obras. Realmente, pela leitura das obras observa-se uma certa linguagem tangencial em relação ao que aconteceu e ao que está acontecendo nesta região abrangida pela Quarta Colônia da Imigração Italiana. Não encontramos, nestas pesquisas, uma atenção mais específica

ca, ou uma pequena parada para salientar e analisar certas peculiaridades aqui existentes, o que, segundo nosso ver, tais peculiaridades colocaram Silveira Martins numa situação profundamente diferenciada das demais, o que poderá ser comprovado por uma análise sobre seu desenvolvimento e sobre sua situação atual.

Sem o objetivo de criticar trabalhos feitos, mas tentando mostrar a veracidade desta situação e para fundamentar nosso trabalho, vamos trazer alguns exemplos com firmantes do esquecimento e isolamento dos imigrantes italianos localizados na Serra de São Martinho, os confins da Serra Geral.

Podemos começar pelo aspecto em que houve maior atenção, a arquitetura. De fato, o levantamento arquitetônico feito por Júlio Posenato traz um bom documentário sobre os excelentes sobrados construídos na região de Silveira Martins. Mas quando lemos a excelente pesquisa "A colonização italiana no Rio Grande do Sul" de Manfroi, observamos que ele destaca a importância do Padre Luiz Sponchiado, mas no texto da obra não aparece concretizada uma atenção mais significativa sobre a colonização italiana desta quarta colônia. A mesma conclusão pode ser tirada depois da leitura de "RS Imigração & Colonização" de vários autores. Em "Os italianos no Rio Grande do Sul", os autores dizem explicitamente: "o núcleo inicial de colonização, na Encosta da serra - deixamos de lado o desenvolvimento posterior de Silveira Martins - ...".<sup>27</sup> No mesmo livro é relatado o fato de haver acontecido algumas mortes no Barracão dos imigrantes em "Campo dos Bugres", e se refere como um caso secundário o que aconteceu no Barracão de Val de Buia, onde no período de espera, segundo narra Antônio Isaia, morreram quatrocentas pessoas, sendo 16 da família Bortoluzzi. Este segundo dado é confirmado pelo diário de Júlio Lorenzoni. Em "Assim vivem os italianos" vol.1 há um rápido registro da Colônia Silveira Martins, onde aparecem alguns elementos, tirados da narrativa de Corte, que, desde o início, apontam para uma certa diversidade de situação em relação às demais colônias.

O processo de isolamento e quase esquecimento em que mergulhou a Colonização Italiana da Serra de São Martinho pode-se, facilmente, medir pela comparação dos três documentos oficiais sobre a Colonização Italiana no Rio Grande, publicados por ocasião do cinqüentenário, do 75º aniversário e o Centenário da Imigração. Começemos pelo "Cinquantenario della Colonizzazione italiana" no Rio Grande do Sul. Trata-se de uma obra monumental apresentando um relatório geral e circunstanciado da presença italiana em nosso Estado. Nela há um tratamento indiferenciado de todos os temas e todas as regiões, o que im-

porta é a atuação da gente italiana. Silveira Martins, dentro de suas circunstâncias no contexto da imigração, cremos que recebeu um merecido tratamento. São apresentados dois textos: um "Ex-colônia de Silveira Martins" do Padre Antônio Bombassaro; outro "Colônia Arroio Grande" do sub-consulado local. Além destes dois textos específicos, a presença de Silveira Martins e dos demais núcleos surge nas mais diferentes seções da publicação. Já no "Álbum comemorativo do 75º aniversário da Colonização Italiana no Rio Grande do Sul", a ex-colônia de Silveira Martins praticamente inexistente. Salvo algumas referências, sem maiores consequências, nada é dito sobre a situação dos imigrantes italianos desta região. Silveira Martins é lembrada apenas em alguns textos monográficos, inseridos no Álbum. Nada mais. Não foi possível descobrir os motivos. Cremos que a região tinha condições de aparecer, pelo menos na área religiosa e do ensino com a atuação das ordens religiosas; e, com maior razão, na área da indústria de máquinas agrícolas, já que produzia uma das melhores marcas de trilhadeiras, a "Tigre". O terceiro documento, "Centenário da Imigração Italiana", reduz a presença da ex-colônia de Silveira Martins, a um modesto texto de Antônio Isaia e algumas fotografias. Neste momento, talvez, não seja muito pertinente reclamar, pois a ex-colônia se encontra num estado de franca decadência. Se o documento não pretendia ser apenas festivo, talvez, poderia apresentar a situação atual da colônia, embora pouco expressiva, mas de grande valor histórico para o movimento imigratório italiano.

No centro deste esquecimento, sem dúvida, a maior vítima foi a ordem dos padres palotinos. A ordem dos palotinos foi a primeira a chegar ao nosso estado para trabalhar especificamente com os imigrantes italianos. Eles começaram suas atividades em Caxias do Sul, depois por motivos de conflitos com o próprio clero, fixaram-se em Santa Maria, mais especificamente em Vale Vêneto, onde construíram seu centro de atuação irradiada para toda a região, chegando até o Planalto Médio, Passo Fundo, Erechim, etc. Toda assistência religiosa dos imigrantes italianos foi desenvolvida, com enormes sacrifícios, pelos filhos de São Vicente Pallotti. Eles não mediram esforços para que os imigrantes sentissem minoradas suas aflições. Lideraram todos os empreendimentos na construção de capelas e belas igrejas. Preocuparam-se com a instalação de hospitais e de colégios em todos os núcleos elevados à condição de paróquias. Transformaram Vale Vêneto num centro educacional, não apenas para formar seus quadros, mas também para todos os que quisessem estudar ofereciam internato e externato leigos. No campo da literatura sobre a imigração, a ordem palotina mereceu apenas

destaque no Anuário do Cinquentenário da imigração italiana contido no excelente texto: "A vida espiritual nas colônias italianas do Estado", escrito por D. José Barea. Depois, silêncio ou quase silêncio. Por que? No Álbum do 75º aniversário da Colonização Italiana aparece um texto: "O clero, seu papel civilizador durante 75 anos de Colonização Italiana" do Pe. Ernesto Mânica, mas para as atividades apostólicas dos padres Palotinos não houve espaço. No "Centenário da Imigração Italiana" há o mesmo mutismo. Em nenhum dos textos que tratam da presença do Clero e das atividades das ordens religiosas, os Padres Palotinos são lembrados.

Em meio a todo este estranho esquecimento, deve se lembrar uma pequena, mas eloquente, passagem do livro Comunidades Indígenas, Brasileiras, Polonesas e Italianas no Rio Grande do Sul, onde se lê: "vários padres Palotinos de nacionalidade alemã que passaram longos anos num labor constante e admirável em favor dos colonos de origem italiana; alguns dentre eles passaram longos anos e mesmo toda sua vida sacerdotal sacrificando-se pelos imigrantes."<sup>28</sup>

Apesar de todo este mutismo em relação às atividades palotinas junto aos imigrantes, suas obras estão registradas na História de Santa Maria, tendo como ponta de lança o emérito Padre Caetano Pagliuca, um dos grandes responsáveis pela Santa Maria contemporânea. A revista "Informações Palotinas", de circulação interna, também é uma fonte preciosa, não só a respeito das atividades dos membros da ordem, mas também da evolução histórica de toda a Colônia Silveira Martins.

Não queremos prolongar esta análise denunciando o silêncio dado sobre esta região, mas é preciso insistir que após considerados todos os trabalhos conclui-se que, a imigração italiana no Rio Grande do Sul não pode ser tratada de uma maneira genérica e homogênea. Sabemos que a imigração italiana, no Brasil, se processou de maneira diferenciada desde seus primórdios. Em se tratando do imigrante italiano no Rio Grande do Sul, é certo, ele criou uma paisagem distinta e própria, mas é um risco muito grave considerá-la homogênea. Um comentário, publicado no número especial do Jornal "A Razão" sobre as quatro colônias da imigração italiana, diz que a "Colônia Silveira Martins" ficou sozinha e isolada. A própria cidade de Santa Maria, pouco ou nada se preocupou com os destinos dos imigrantes. O primeiro contato entre os recém-chegados e a cidade se dá através do Padre Bitencourt, responsável pelas atividades pastorais da região e residente em Santa Maria. E, pelo que comenta Antônio Isaia, a única iniciativa da cidade de Santa Maria são creditados aos benefícios espirituais desenvolvidos pelo

referido Padre junto aos imigrantes.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BOMBASSARO, Antônio. "Ex-Colônia de Silveira Martins". In CINQUANTENÁRIO. Op.Cit. p.328. PELLANDA, Ernesto. "Aspectos Gerais da Colonização Italiana no Rio Grande do Sul". In ÁLBUM COMEMORATIVO DO 75º ANIVERSÁRIO DA COLONIZAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL. Globo, Porto Alegre, 1950. p.52.
2. LORENZONI, Júlio. Op.Cit. p.50.-3. BOMBASSARO, Antônio. Idem. p.329.-4. LORENZONI, Júlio. Op.Cit. p. 43-50.
5. Grandes áreas de terras foram doadas a ex-combatentes da Guerra do Paraguai, membros da Guarda Nacional. Tais doações, feitas pelo Governo Imperial, foram devidas à impossibilidade dos herários públicos continuar pagando os honorários devidos a esses ex-combatentes, como pagamento recebiam áreas de terras devolutas. Talvez o caso mais célebre seja o da família de Antônio Mello. Seguiu com seus oito filhos homens para a guerra do Paraguai, de retorno recebeu grandes extensões de terras, situadas ao norte da Colônia, parte hoje do distrito de Ivorã. As famílias Marques e Martins Pinto em Faxinal do Soturno e São João do Polêsine. O senhor Claudio José de Figueiredo foi o primeiro proprietário da área de Dona Francisca. Conferir: BELLINASSO, Severino T. Diac. IVORÃ 100 ANOS DE HISTÓRIA. Ed. Pallotti, Santa Maria, 1984. p.197-200. Casassola, Norma Bernadeta. DONA FRANCISCA, SUA TERRA SUA GENTE. MONOGRAFIA, 1983. p.5-9. CESCA, Olívio. FAXINAL DO SOTURNO SUA HISTÓRIA E SUA GENTE. Ed. Raíña, Santa Maria, p.21-26.
6. CORTE, In BATTISTEL e COSTA. ASSIM VIVEM OS ITALIANOS. v.1, p.40.
7. Idem, Ibidem.-8. SPONCHIADO, Luíz, In A RAZÃO, jornal, ed. Especial. Santa Maria, p. 1975. p.2,-9. Monumento, situado frente à Sociedade Caravela, próximo a Vale Vêneto, 1978.-10. Jornal A RAZÃO Op.Cit. p.2.-11. SPONCHIADO. Op.Cit. p.2.
12. Queremos registrar nossa admiração pelo trabalho do Padre Sponchiado, um trabalho nascido do puro espírito de cultivo da história e dos valores culturais, apanágio digno apenas dos grandes pesquisadores.
13. SPONCHIADO, In "A Razão". Op.Cit. p.2.
14. Merecem destaque as grandiosas festividades do Cente-

nário de Vale Vêneto, onde se confeccionou a maior polenta da história medindo quase três metros de diâmetro. O "panaro" está exposto no museu local para quem não quiser acreditar.

15. O estouro dos morteiros é produzido por gaz acetileno. Uma invenção de um Padre Palotiño, muito comum nesta região. Hoje quase em desuso.
16. ISAIA, Antônio. "Silveira Martins". In CENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO ITALIANA, p.30-33.—17. LORENZONI, Júlio. MEMÓRIAS DE UM IMIGRANTE ITALIANO.
18. Júlio Lorenzoni foi professor, líder comunitário e político, fundador de jornal e de associações culturais.
19. BUSANELLO, Op.Cit. p.2.—20. Idem. p.9.—22. Jubileu de Nova Palma. Tip. do Patronato, Santa Maria, 1944: 23. Jubileu. Op.Cit. p.39-43.—24. BELLINASSO, Severino T. IVORÁ, 100 ANOS DE HISTÓRIA. Ed. Pallotti, Santa Maria, 1984. p.7.—25. BELLINASSO, Op.Cit. p. 157.—26. CASASSOLA, Norma Bernadeta. DONA FRANCISCA, SUA TERRA SUA GENTE, 1983. p.30-37.—27. DE BONI e COSTA. Op.Cit. p.68.—28. D'APREMONT, Bernardin e GILLONAY, Bruno de. COMUNIDADES INDÍGENAS, BRASILEIRAS, POLONESES E ITALIANAS NO RIO GRANDE DO SUL. ECS/EST, Caxias do Sul, 1976, p.85.

#### OS DIFÍCEIS CAMINHOS

Os caminhos dos imigrantes italianos, na sua maioria, começaram nas vertentes da pobreza, da insegurança no futuro, muitas vezes na revolta, sob o peso do trabalho penoso e pouco lucrativo, por vezes, até com a angústia da fome e da penúria. Nesta triste escola formados, os imigrantes construíram a coragem de abandonar a pátria e caminhar resolutos e confiantes em direção a um futuro promissor, embora incerto, por que o caminho era longo e difícil. Esta situação formava o panorama de quase todo o imigrante italiano. O grupo que chegou ao Barracão de Val de Buia, em levas sucessivas, não escapou à regra, para eles a regra tem sido aplicada com maior rigor. Eles provinham das mesmas regiões da Itália e se destinavam aos mesmos destinos, mas não foi isto que aconteceu. Os pioneiros que desbravaram a serra de São Martinho foram burlados em suas decisões. É assim que Val de Buia representa o começo de uma imigração que no seu percurso histórico haveria de tomar rumos diferentes de suas irmãs.

Durante o tempo de preparação notícias controversas sobre a emigração ao Brasil quase fizeram fracassar a arigimentação de voluntários. É o caso do gru-

po, onde chegou a família Busanello, mas estas notícias controvertidas assolavam o ânimo de tudo o que ia decidir. O primeiro grupo a chegar ao Barracão de Val de Buia, entre os quais estava Júlio Lorenzoni, o que conta esses fatos, teve que esperar longos meses em Gênova. Alguns alugaram cômodos. A maioria esgotou suas reservas econômicas. Muitos procuraram trabalho na cidade para poder sobreviver. Uma vez chegados em Santa Catarina passaram sérias dificuldades. E para completar as tribulações em lugar de seguir para seu destino, Morretes perto de Paranaçuã, foram reembarcados, sem consulta nenhuma e enviados para a nova e última colônia oficial fundada pelo governo, na região de Santa Maria. Já em Santa Catarina sofreram o impacto de notícias alarmantes sobre peste que vitimava os imigrantes à espera de reembarque. Na última etapa para Val de Buia, encontram os remanescentes poloneses que batiam em retirada, vindos do barracão que iria ser ocupado agora pelos italianos, reduzidos pela peste e pela fome. O desastre maior os estava esperando, com a chegada do contingente que sofrera um incêndio em mar aberto e já havia chegado ao Rio de Janeiro em péssimas condições, começa a surgir a febre que quase acaba com as esperanças de todos. Foi esse trágico começo da ex-colônia de Silveira Martins, que parece indicar que ela seria diferente das demais.

Mas não havia opção. A única coisa que se podia fazer, era ir em frente, ou morrer. A última etapa foi feita em caminho difícil, quase inexistente. O desespero quase os abate. Uns rezam, outros blasfemam, muitos choram,<sup>1</sup> mas todos chegam. Só em junho de 1878, enfim, sobem a serra onde traçam e fundam a sede da nova Colônia. Seu nome, Silveira Martins. Começava assim brilhar o sol de dias melhores. A partir daí a colônia começou a prosperar. As plantações surgem rapidamente. Mais imigrantes vão chegando. Quatro anos depois da fundação já perfazem um total de oito mil pessoas, o que representa uma população superior à de Santa Maria.<sup>2</sup> Nesta altura, fazendo os balanços, há uma certa conformação e até benevolência diante dos tristes começos. Afinal a comida era abundante, o conforto razoável, as esperanças de progredir firmadas, problemas de doença quase inexistentes. Se a peste havia barrado o caminho de muitos, pensando nas guerras que a Itália tivera contra a Áustria e estava ainda mantendo na África, muito mais jovens eram dizimados. Lã a comida, em geral era escassa, o trabalho quase inexistente, o próprio Júlio Lorenzoni testemunha: "Esperanças de melhorar sua sorte não existiam, porquanto faltavam absolutamente as possibilidades de fontes de renda. Meu pai, por diversas vezes, foi procurar trabalho na Suíça, na Áustria e na Alemanha, voltando porê m desa-

nimado, sem nada conseguir, fato esse que tornava a vida dessa gente cada vez mais triste".<sup>3</sup> Por isso tudo considerado os imigrantes em geral não se lamentavam e confiavam que tudo era obra da Divina Providência, especialmente depois de conseguir a presença do Padre, construir suas igrejas e ouvir extasiados o repique festivo dos sinos.

Uma vez instalada a sede e adquirindo rapidamente aspectos de cidade, a "citã nuova" como a chamavam, os trabalhos de demarcação continuaram e os imigrantes iam avançando. Novos núcleos foram formados, tornando-se pontos estratégicos no processo de ocupação e de desenvolvimento de toda a região. Mas decorrido já um século, observamos com certa perplexidade que apenas dois destes núcleos conseguiram alcançar sua autonomia como municípios. Outros que se tornaram tão promissores no princípio, acabaram sofrendo uma fase de estagnação, entrando posteriormente num estado de decadência. Mas estas previsões não estavam na mente dos pioneiros, pelo contrário eles sonhavam com o progresso e o desenvolvimento de seu lugarejo. Além de seu trabalho e bem-estar econômico como garantias de progredir, cada um pensava na presença do sacerdote, na criação de paróquia, condição fundamental para a garantia de um futuro promissor.

Tudo isto que foi lembrado sobre os primeiros tempos da Imigração Italiana da ex-colônia de Silveira Martins, aliado ao momento atual, é bem provável, que os festejos do centenário da imigração para os descendentes dos imigrantes não tenha tido todo o sabor festivo e triunfal presenciado nas comemorações organizadas na Região de Caxias. Afinal, a data centenária fazia ecoar nos contrafortes da Serra de São Martinho, mais do que sons festivos de um evento triunfal, tristes ruídos de uma batalha, vencida sim, mas com duras perdas e lágrimas doloridas. Os vitoriosos apesar de felizes precisaram sarar suas feridas, chorar e enterrar seus mortos. Diante dos grandes dramas, nem tudo estava ainda cicatrizado. Por isso, as lágrimas eram de alegria mas tinham o sabor da tristeza. Os sorrisos eram largos e sinceros, mas escondiam as sombras da saudade e da nostalgia. As canções, as velhas canções, ecoavam sonoras e vibrantes, mas guardavam o silêncio de tantos que tombaram ao longo dos difíceis caminhos. E ainda, o que era mais doloroso aceitar, a situação altamente diferenciada e desvantajosa em termos comparativos entre a ex-colônia de Silveira Martins e as suas coirmãs, Campo dos Bugres, Conde D'Eu e Dona Isabel. A diferença é gritante, precisamos descobrir, as razões desta distância. Será possível? Não resta dúvida que os primeiros decênios mostram os frutos exuberantes e os prêmios de esforços muito bem recompensados.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. LORENZONI. Op.Cit. p.48.-2. ISAIA, A. Palestras.-3. LORENZONI. Op.Cit. p.14. Cap. XVII "Breve descrição de Silveira Martins" e Cap. XX "Quem se ajuda, Deus ajuda". p.69-72.

### OS PRÊMIOS DO ESFORÇO

A serra de São Martinho, aos poucos, ia sendo dominada pelo trabalho do imigrante. A triste lembrança de tantas lutas e percalços ia lentamente perdendo-se no passado. A rápida afirmação do crescimento da Sede, Silveira Martins, aliada ao surgimento de novos núcleos em franco crescimento tornavam os sonhos do passado em realidade palpável. Nos sonhos ecoavam os golpes firmes e raivosos dos machados. As árvores mais teimosas tombavam amedrontadas pelos gritos e, mesmo blasfêmias. O sossego milenar da natureza acabara. A floresta, plantação paciente e milenar do tempo, cedia lugar a outra natureza verdejante e frutífera. Os pequenos ranchos, se não eram palácios, eram acolhedores e afetivos. Eles, junto com o lote de terras, simbolizavam a concretude da ambição de propriedade. O tempo e o trabalho se encarregariam de dar-lhes um visual de riqueza e nobreza. As mesas toscas tornavam-se fartas. A população aumentava, trabalhava, rezava e cantava. Novos núcleos não paravam de surgir. Todos com a esperança de crescer e sobrepujar os demais. Os caminhos, embora precários, avançavam em todas as direções. A expansão se faz rapidamente, antes do previsto. Os seis mil lotes são poucos para satisfazer a demanda. Os próprios imigrantes passam à ofensiva e vão comprar as terras dos fazendeiros nos limites dos municípios de São Martinho (extinto em 1902), de Vila Rica (hoje Júlio de Castilhos) e Cruz Alta. Tudo indicava que valeria a pena sonhar, correr os riscos da incerteza e enfrentar a terrível viagem com seu imprevisível fim. Agora era só continuar.

Na consciência de cada imigrante havia uma idéia fixa de que só se assegura o progresso na medida que se o promove, não se pode parar. E eles tinham seus critérios de buscar as condições necessárias. Entre essas condições estava a presença de um sacerdote, ou seja, a existência do atendimento espiritual. Narra o Inspetor imperial de colonização que muitos imigrantes se recusavam aceitar lotes de terra fertilíssima em Alfredo Chaves, hoje Veranópolis, preferindo ficar de agregados em Garibaldi, pois não havia assistência religiosa.<sup>1</sup> Foi o que fizeram os imigrantes de Silveira Martins e Vale Vêneto, buscar sacerdotes, para assegurar-se o próprio desenvolvimento. Com a chegada dos dois primeiros sacerdotes sur

ge também o conflito entre os dois núcleos. Silveira Martins por ser a sede queria o direito; Vale Vêneto, por ter sido o promotor da vinda, garantia que o direito da residência dos padres lhe cabia. Os conflitos são superados ficando um padre em cada local, mas com a morte, por envenenamento, do Padre Vitório Arnoffi de Silveira Martins, o Padre Antônio Sório é transferido, por ordem do Bispo, para a Sede da Colônia. O povo de Vale Vêneto se revolta. Os conflitos exigem a intervenção do Bispo e da polícia. A Igreja é até interdita. Mas Vale Vêneto não se entrega e, comandada por Paulo Bortoluzzi, busca uma solução mais pacífica. E a estratégia surtiu o efeito desejado; em 24 de julho de 1886 chegavam a Vale Vêneto quatro Padres Palotinos, dois dos quais, Padres Jacó Pfaendler e Francisco Schuster, tomariam posse da paróquia no dia seguinte. A recepção foi tão festiva que, considerando os conflitos com Silveira Martins, parecia mais a comemoração de um tratado de paz com "disparos de espingarda e trabucos durante todo dia".<sup>2</sup> A garantia do progresso fora assegurada definitivamente, no entender dos valevenetinos, com a fixação da ordem dos Padres Palotinos, abrindo assim sua primeira missão no Brasil.<sup>3</sup>

Com a presença da Ordem de São Vicente Pallotti em Vale Vêneto, ficou claro para todos os imigrantes italianos da Colônia que, de uma maneira ou outra mais cedo ou mais tarde, com maior ou menor frequência, haviam assegurado definitivamente sua assistência religiosa. Uma vez estabelecida a sede da Ordem em Vale Vêneto, novamente Paulo Bortoluzzi, com sua perspicácia, apressa-se a oferecer um terreno e doá-lo com a condição que aí se construísse um seminário. O sonho de Bortoluzzi passou por momentos difíceis e, por pouco, não foi águas abaixo, quando a incipiente escola canônica foi transferida com os primeiros seminaristas para a Tristeza, em Porto Alegre. A teimosia de um pioneiro não arrefece. A carga sobre a ordem continua. A recompensa chegou. "Aos 2 de fevereiro de 1922 houve nesta localidade a tocante festa de lançamento e bênção da primeira pedra do edifício, sendo a cerimônia presidida pelo Pe. Caetano Palhiuca, superior dos Palotinos da Região Brasileira, assistido pelos seus padres e alunos". O Sr. Paulo Bortoluzzi foi o paraninfo e "o povo do lugar, que há tantos anos desejava esta obra compareceu em massa, manifestando seu entusiasmo".<sup>4</sup> Com isto Vale Vêneto torna-se o centro religioso da Colônia e, também, o centro cultural e educativo da região até a metade deste século. As irmãs franciscanas, que se instalam em Vale Vêneto, a convite dos Padres Palotinos, ampliam o atendimento religioso e educacional. Assim, com a criação do seminário, com a fundação do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, dirigido pelas irmãs, ambos com seus

internatos e externatos masculinos e femininos, havia, em Vale Vêneto, não só formação de candidatos ao sacerdócio e à vida religiosa, mas também educação e ensino para todos. Tal acontecimento, reforçado pelo bom nível de ensino, Vale Vêneto conseguia atrair grande parte da juventude da região, filhos de famílias mais abastadas, mesmo da cidade Santa Maria. Tanto que a vila, com uma população urbana de pouco mais de quinhentos habitantes, reunia durante o ano letivo uma população estudantil de mais de mil alunos.

A presença efetiva e ativa da ordem dos Palotinos proporcionou um incentivo no cultivo dos valores da vida religiosa. As pequenas capelas transformavam-se em amplas igrejas e santuários de apurada arquitetura e de grande ocorrência popular. O calendário religioso e litúrgico era executado com grande brilhantismo. Não faltavam os corais e as bandinhas para abrilhantar as festividades. A vontade de um coral era tão grande que, muitas vezes, a própria população tomava iniciativa. Ter um coral na capela ou na Igreja fazia parte fundamental da compreensão audio-visual da liturgia como escreve De Boni.<sup>5</sup>

Nem sempre era fácil ensaiar os cantores. Havia ignorância musical e o analfabetismo para agravar a situação. Padre Pio Busanello narra um fato interessante ocorrido em Nova Treviso. A comunidade estava tentando organizar seu coral. O Padre Andrea Walter, bom conhecedor de música, um dia prontificou-se a colaborar. Passado algum tempo, depois de várias tentativas, diante das dificuldades insuperáveis, o Padre regente desistiu definitivamente. Por incrível que pareça, a vontade de um coral era tanta, que um aluno, provavelmente Luiz Busanello, pai do autor, resolve assumir a empreitada. Novamente, por incrível que pareça, o sucesso é total. "Não era por outra coisa que a "cantoria" de Geringonça, primeiro nome de Nova Treviso, era convidada para cantar missa nas procissões, em festas religiosas de outras localidades". Mais, "quando havia um cantor, uma das primeiras coisas que organizava era um pequeno coral nos moldes de Nova Treviso".<sup>6</sup> Tudo isto confirma o gosto pelas liturgias sonoras e vistosas, o que ocorreu também nas outras colônias como é confirmado pelos próprios padres: "À saída da missa, um colono me dizia: 'Padre, eu lhe garanto que jamais vi coisa semelhante na Itália; nunca teria imaginado quando cheguei nestas florestas, há 25 anos, que, um dia, iria assistir a um espetáculo tão emocionante'.<sup>7</sup> Tais manifestações de entusiasmo pela pomposidade das liturgias, pelo brilhantismo dos vibrantes sermões eram frequentes. Aos poucos as imagens da saudosa Itália iam sendo superadas. A fome, a falta de trabalho, a ausência de perspectivas, já tinham sido superadas. As igrejas, os

campanários, os sinos e o padre também já eram coisas concretas e presentes. Precisa continuar.

É agora que a compreensão do espírito de religiosidade apresenta pontos conflitantes de interpretação. Podemos partir do que segue: Em que reside tanta importância dada ao sacerdote pelo imigrante? Vejamos o que diz Manfroi: "O papel primordial da religião, na organização sócio-cultural das colônias italianas, conferia ao sacerdote um prestígio e autoridade incontestável. Contrariamente ao que dizia o Dr. Venerosi em seu relatório "O espírito religioso se reflete em todos os atos da vida destas colônias; por causa da posição de primeira ordem que o sacerdote ocupa, foi o espírito religioso dos colonos que conferiu essa posição de destaque ao sacerdote".<sup>8</sup> Sem intenções de querer aumentar a polêmica, julgamos um tanto difícil desvincular a importância do padre com as áreas econômica e política, para isso recorreremos a algumas expressões. "Sua imagem (do padre) era o símbolo da presença de Deus e da civilização" ou "o símbolo do progresso e o elemento essencial de uma Itália idealizada".<sup>9</sup> Mais "O padre é um líder inconcusso, não somente no campo espiritual, mas também no campo material. Ele faz municípios, constrói ginásios, hospitais, funda cooperativas, manda na prefeitura, na polícia, na delegacia".<sup>10</sup>

Tomando estas várias afirmações como base torna-se um tanto complexo estabelecer os limites corretos entre os sentimentos de religiosidade e os interesses econômicos. De Boni e Costa parecem confirmar a existência do problema quando dizem, ao se referirem à construção da capela, "várias eram as ofertas de um pequeno terreno para tal fim, encobrindo o desejo de prestígio do oferente, quando não o interesse comercial do bodegueiro".<sup>11</sup> Passemos aos fatos. Ainda na Itália, diante das fantásticas promessas dos agentes de imigração e as notícias lúgubres, espalhadas pelos que eram contra, dizendo que no Brasil, "seriam todos mortos pelas serpentes e pelos tigres, ou devorados pelos índios antropófagos",<sup>12</sup> era o próprio "piovan" que surgia, "erguendo as mãos para o céu, bendizendo a Divina Providência e afirmando contente: "Sim, é verdade, meus filhos. Trata-se de um país vastíssimo, vinte vezes maior que a nossa Itália, uma grande nação católica, muito jovem e de muitas esperanças. Oh! a Divina Providência, a Divina Providência! ... Esta era uma ocasião que a Divina Providência lhes mandava. E, no mais, que fossem acompanhados da bênção de Deus e de Maria Ssma. A Itália já não podia sustentar todos os seus filhos".<sup>13</sup> A confiança depositada no "Piovan" era proveniente da religiosidade do povo, ou se tratava da única pessoa capaz e com instrução suficiente para orientá-los, como explica o Dr. Veronesi?

O papel fundamental do Padre, já exercido na Itália, iria se prolongar, com maior intensidade, na Colônia. A partir da Sede, Silveira Martins, os núcleos foram se estendendo desde a várzea do Vacacaí até as cabeceiras do rio Soturno tanto à margem direita, quanto à esquerda. Em cada local, em geral, surgem duas construções mais ou menos inseparáveis: a capela e a venda. Não há uma ordem de precedência. A capela é, no espírito do imigrante, a mais importante, mas na medida que ela se instala, automaticamente surge uma ou mais vendas, bem como outros estabelecimentos necessários ao bom andamento do novo núcleo. Dentro desta política de ação a Serra de São Martinho viu-se rapidamente povoada por vários vilarejos que iam adquirindo ares de pequenos centros urbanos. As vendas instaladas junto às capelas foram se tornando, muitas delas, centros comerciais de compra de produtos coloniais e venda das mercadorias indispensáveis à vida do imigrante. Em geral, além de casa comercial, a venda desempenhava as funções de estabelecimento bancário. Se a capela era importante na vida do imigrante, a venda não perdia em significação, pois além do aspecto econômico, ela era "uma espécie de parlamento rural, onde os colonos discutiam tudo o que acontecia na sociedade local e na vida política".<sup>14</sup> O caixeiro viajante era quem trazia novas idéias, notícias e novidades, especialmente quando se tratava de fatos contra o clero ou a Igreja.<sup>15</sup> O comerciante, portanto, era o segundo líder das comunidades imigrantes. Na maioria dos casos era um aliado do Padre, mas houve casos, também, que o comerciante representava as forças anti-religiosas, quando no núcleo havia grupos republicanos partidários da unificação italiana.

Uma bela Igreja era o símbolo de orgulho e progresso, a presença do padre era a garantia de crescimento. Com a presença constante do padre havia também a frequência diária de atos do culto, responsáveis pela afluência de fiéis em grande número, especialmente aos domingos e dias festivos. Com isto garantia-se também o desenvolvimento de uma boa venda, bem como de outros estabelecimentos comerciais ou industriais. Fica, portanto, um pouco mais claro o porque das disputas pela residência do Padre.

É dentro deste panorama que os núcleos surgidos na Colônia Silveira Martins atingem um bom nível de desenvolvimento nas diferentes áreas, mantendo nos primeiros decênios o ritmo das demais colônias italianas. É no setor agrícola que aparece inicialmente o alto desempenho da colônia. O Cônsul Pascoale Corte em 1884 apresentava a seguinte situação das quatro colônias italianas:

CAXIAS	Habit.	Equin.	Suin.	Bovin.	Trigo	Feij.	Milho	Vinho
Caxias	12.540	10.700	12.000	3.500	1.200	1.600	3.200	2.900
D. Isabel	8.339	11.700	12.000	3.800	1.445	1.736	3.011	2.795
Conde d'Eu	6.036	1.732	8.422	701	794	1.608	3.556	2.795
Sil. Mart.	6.001	2.000	10.000	1.000	1.200	1.600	3.200	2.900

Nota: Os cereais são calculados em toneladas, o vinho em milhares de litros

Pela tabela do Cônsul Pascoale Corte pode-se constatar o excelente desempenho da Colônia de Silveira Martins. Apesar de ser a última fundada, em torno de três anos depois das outras, e, ainda, apesar de ter o menor número de habitantes, ela supera em quase todos os itens a Conde d'Eu. Em trigo, milho, feijão e vinho mantém o mesmo índice de Caxias, que é a que melhor desempenho tem no conjunto. É preciso não esquecer que o mesmo Cônsul Corte relatava que na Colônia Silveira Martins cultivava-se a mais, o algodão, o arroz e o fumo.<sup>17</sup> Este mesmo alto nível de desempenho é também confirmado pelo cinqüentenário da imigração italiana no Rio Grande do Sul: Para dar uma idéia da produção destes últimos anos, (em Arroio Grande), se observa que foram exportados 60.000 sacos de arroz aproximadamente; 10.000 sacos de feijão, 30.000 sacos de milho; 1.500.000 quilos de erva medicinal, 4 milhões de laranjas e quatro milhões de litros de vinho.<sup>18</sup> Estes últimos dados mostram que o desempenho apresentado em 1884 continuou pelo menos até o primeiro quarto deste século.

Para melhor sistematizar o desenvolvimento econômico e bom desempenho geral da ex-colônia de Silveira Martins vamos nos fixar nos dados da Sede da Colônia e mais dois núcleos, Arroio Grande e Soturno, hoje Faxinal do Soturno.

#### Silveira Martins

Além de ser a sede administrativa da Colônia, Silveira Martins exerce um poder de liderança a partir de seu bom desempenho comercial. Várias casas comerciais surgiram desde o começo, tendo como decano dos comerciantes, Próspero Pippi. Diante do grande fluxo comercial surgem duas agências bancárias, a do Banco Nacional do Comércio, dirigida pelo Sr. Artêmio Cervi, e a do Banco Pelotense, dirigida pelo Sr. Antônio Basso. A presença destas duas agências demonstra que a circulação do dinheiro era em razoável quantidade. Tal fato não pode ser creditado apenas ao bom desempenho agrícola, mas, em especial, aos trabalhos desenvolvidos pelos imigrantes na abertura da estrada geral que vai de Silveira Martins até a cidade de Santa Maria, e de Silveira Martins até Núcleo Nor-

te, Ivorã. A estrada de ferro em construção, de Porto Alegre, foi a que mais imigrantes empregou. Houve até quem pagasse empregados para plantar em sua colônia, e trabalhar na estrada de ferro. O próprio Júlio Lorenzoni foi um que empreitava trabalhos na construção desta estrada, e só imigrou para Dona Isabel, por que a estrada estava demorando abrir novas frentes.<sup>19</sup>

O leitor da história de Silveira Martins fica estupefato diante do grandioso trabalho desenvolvido por Artêmio Cervi na exploração da cultura do fumo. Artêmio Cervi era gerente de banco, agente postal, possuía uma casa comercial, "A preferida", desenvolvia e incentivava o bicho da seda, mas a sua principal preocupação era o cultivo do fumo. Lemos no texto do Cinquentenário da imigração que o Dr. Júlio Cesar Porta, delegado do Monopólio italiano de tabacos, tendo reconhecido as preclaras qualidades de cultivador e técnicas de Artêmio Cervicas, nomeou-o fornecedor do Governo Italiano e correspondente propagandista para todo o estado".<sup>20</sup> O Dr. Celeste Gobatto também depõe muito favoravelmente ao trabalho do Sr. Cervi. Basta lembrar que ele, além dos armazéns e de plantar, era um incentivador do plantio, havendo colonos que chegavam a plantar 20 mil pés. Ele mesmo possuía 40 operários e tinha, em sua firma de fumos, cinco "inteligentes empregados de escritório".<sup>21</sup>

Silveira Martins conseguiu montar uma excelente rede hoteleira que, graças ao ótimo clima e, antes das descobertas da praia, atrai muitos turistas, inclusive de Porto Alegre. Silveira Martins estava numa marcha firme e acelerada rumo a se tomar o centro regional da imigração italiana.

#### Arroio Grande

Arroio Grande está situado a meio caminho entre Silveira Martins e Santa Maria, ponto obrigatório da passagem de todos os que demandassem do interior da imigração italiana para atingir Santa Maria. Localizada já na planície ao sul e protegida pelas montanhas ao norte teve excelentes condições de progredir, considerando-se ainda que a estrada de ferro iria passar a apenas oito Km. E de fato Arroio Grande cresceu rapidamente. Três setores, a agricultura, o comércio e a indústria tornam-se o tripé do progresso de Arroio Grande.

Na agricultura, além daquilo que é desenvolvido em toda a colônia, aqui há uma surpresa agradabilíssima e inesperada para o pesquisador. Trata-se de um grande empreendimento na área vinícola desenvolvido pelo Sr. Augusto Budel. Diz o Cinquentenário que A. Budel é o trabalhador cujo cultivo da terra revela conhecimento e técnica moderna, com um trabalho paciente e racional, fru

to do estudo e da experiência adquirida por uma inteligência aberta à observação. Os parreirais e as fruteiras cobriam um total de nove hectares. Sua produção anual de vinho atingia 25.000 medidas, que eram vendidas rapidamente dada sua alta qualidade.<sup>22</sup> Na área do comércio encontramos a poderosa firma de atacados de Raimundo Cauduro, estabelecida em Arroio Grande, Santa Maria e São Paulo. Na firma além de Raimundo trabalhavam cinco filhos, um neto e um genro. "A firma Cauduro e Cia. é um verdadeiro expoente do comércio de importação e de exportação, não só do município de Santa Maria, mas de todo o estado".<sup>23</sup> O mesmo Cinqüentenário relata mais uma dezena de firmas comerciais atuando em Arroio Grande.

Na área industrial a arrancada foi altamente positiva. Sem contar mais de uma dezena de estabelecimentos voltados para a produção de cutelaria, beneficiamento de arroz e madeira, queremos salientar a indústria de implementos agrícolas da família Colpo, tendo como produto principal a fabricação da trilhadeira marca "Colonial". Arroio Grande, também, estava no caminho certo dentro dos sonhos de fartura e prosperidade dos pioneiros.

#### Faxinal do Soturno

Faxinal do Soturno só começa em 1896, mas é neste núcleo, já considerado como o refúgio de vagabundos e ladrões, que vão surgir talvez as duas maiores empresas que conduziram a colônia ao seu mais alto grau de progresso. A primeira delas é a fábrica de trilhadeiras de Ângelo Bozzetto. É a trilhadeira de marca "Tigre" que faz o nome da firma e projeta Faxinal do Soturno e a região no cenário nacional e, mesmo, internacional. Em 1939, a trilhadeira Tigre firma seu nome pela alta qualidade. A propaganda dizia: "Tigre, a trilhadeira acima de seu tempo".<sup>24</sup> Foi premiada na exposição em São Paulo, passando a ser adquirida pelo governo federal e estadual, e mesmo vários estados também resolvem adquiri-la. Chegou a ser exportada para o Uruguai e Argentina. Ângelo Bozzetto mostrava que era possível acompanhar e mesmo sobrepôr-se ao progresso das demais colônias.

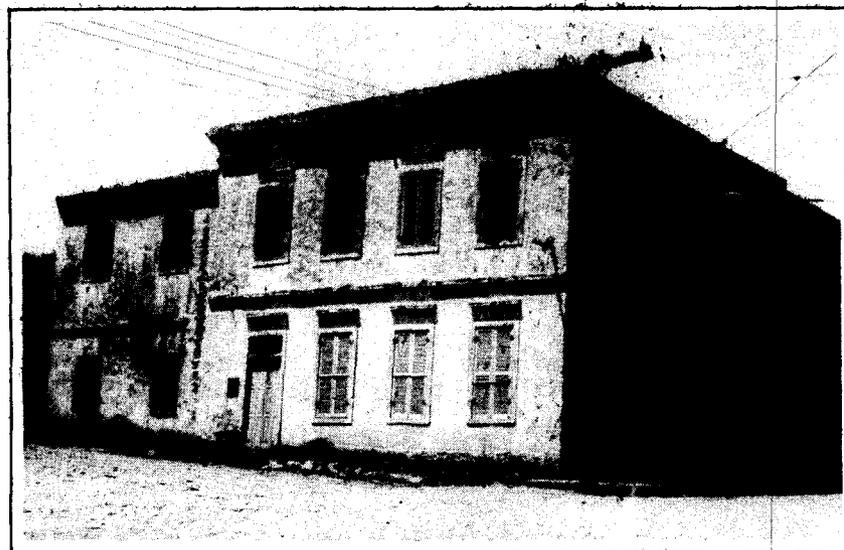
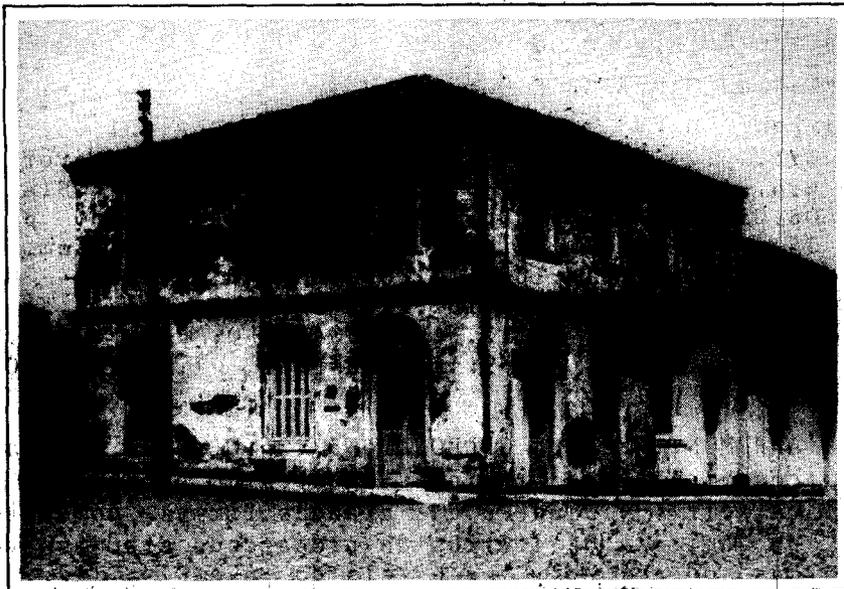
A capacidade empreendedora de Ângelo Bozzetto, diante das dificuldades surgidas dentro da fábrica de trilhadeiras, não conseguindo atender a todos os pedidos e encomendas, carente de energia elétrica, parte para a organização da sociedade "Usina Hidro-elétrica Nova Palma Ltda", onde conseguiu reunir forças de Faxinal e Nova Palma para a instalação de 4 usinas com uma produção de 1100 KWA, atendendo ainda hoje 45 localidades e zonas rurais da região.

Faxinal do Soturno também colocava-se na esteira dos grandes empreendimentos com a mesma envergadura

das contribuições gerais dadas pela colonização italiana ao estado do Rio Grande do Sul.

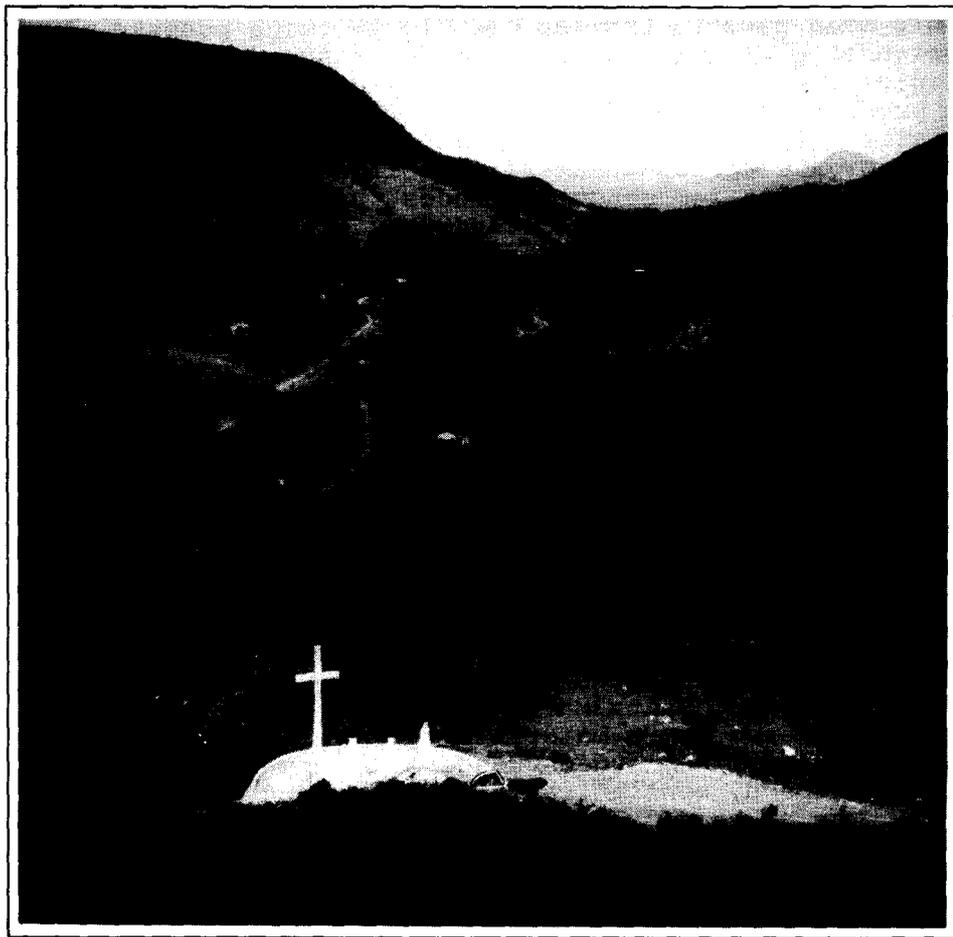
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. MANFROI, Olívio. Op.Cit. p.181.-2. CESCA, Olivo. Op. Cit. p.73.-3. INFORMAÇÕES palotinas Ed. Histórica. p.4.-4. Idem, p.11.-5. DE BONI, Luís A. e COSTA, R. Op.Cit. p.114.-6. BUSANELLO, Pio Pe. Op.Cit. p.70-75.-7. MANFROI, Olívio. Op.Cit. p.196.-8. Idem. p. 181.-9. Idem. p.180.-10. SPONCHIADO, Luiz In MANFROI, Op.Cit. p.181-182.-11. DE BONI, Luís A. e COSTA, R. Op.Cit. p.112.-12. BUSANELLO, Pio Pe. Op.Cit. p.9.-13. Idem. p.8-9.-14. MANFRÓI, Olívio. Op. Cit. p.191.
15. D'APREMONT, Pêre e GILLONAY, B. Op.Cit. "Tinha (a maçonaria) como principais agentes de propaganda os caixeiros-viajantes das grandes firmas comerciais da Capital. Os centros de propaganda eram as "vendadas" ou "botequins" e hotéis do lugar". p.117.
16. DE BONI, Luís A. e COSTA, R. Op.Cit. p.218.-17. BATTISTEL, A.I. e COSTA, R. Op.Cit. v.1, p.40.-18. CINQUANTENARIO. Op.Cit. p.335.-19. LORENZONI, Júlio. Op.Cit. p.107.-20. CINQUANTENARIO, Op.Cit. p. 275-21. Idem, ibidem.-22. Idem, p.275.-23. Idem, p.270-24. CESCA, Olivo. Op.Cit. p.58.



*Há quem afirme que a estagnação (e o conseqüente declínio) da vila de Silveira Martins começou quando o Hotel Bisognin (foto superior) encerrou as suas atividades em 1935. Seu rival à altura era o Hotel Pippi (foto inferior), localizado frente à Praça Garibaldi, que continuou a hospedar veranistas até meados da década de 40. Depois fechou também. Foi notável a atividade hoteleira destes dois hotéis, famosos pela excelente cozinha italiana e pelo carinhoso atendimento familiar. Visitantes do Uruguai, Porto Alegre e até do Rio e São Paulo — sem deixar de mencionar Santa Maria — disputavam as vagas do Bisognin e do Pippi, atraídos também pelo clima e, inquestionavelmente, pela paisagem humana da vila de Silveira Martins, qualidade esta que felizmente ainda perdura. É uma lástima — sobretudo para os santa-marienses — que não exista mais uma única hospedagem, na sede de nosso 4º distrito, para ser usufruída ao menos nos fins-de-semana como ambiente saudável e reparador. Mas, como considera o caro Professor e pesquisador Silvino Santin, “tudo isso continua embutido dentro do declínio inexplicável de nossa outrora pujante e risonha Colônia Silveira Martins”. (Texto e foto de Antônio Isaia).*

## O SILÊNCIO DOS SINOS



*VAL DE BUIA e o Monumento ao Imigrante, vistos do alto do perau que conduz à vila de Silveira Martins. Foi neste vale que se abrigaram, entre 1877 e 1878, as primeiras levas de imigrantes italianos, tendo como centro o célebre "barracão de Val de Buia". No canto inferior direito da foto, seguindo a linha do monumento, foram enterrados os 400 mortos dizimados pela terrível peste que se abateu sobre o acampamento, em maio de 1878. Ao fundo, envolto em névoa, percebe-se a silhueta do Cerrito, pequeno cumee que se eleva na periferia leste de Santa Maria. Val de Buia fica a 29 km da cidade.*

*(Texto e foto de Antônio Isala)*

## O silêncio dos sinos

As primeiras cinco décadas de História da Presença italiana na Serra de São Martinho proclamaram mais um triunfo do trabalho, da coragem e da ambição de construir riquezas como garantia de bem-estar. A ex-colônia de Silveira Martins mantinha o passo cadenciado segundo o ritmo do progresso desenvolvido pelas outras três colônias oficiais da Colonização Italiana no Rio Grande do Sul. Nada parecia indicar que alguma força pudesse surpreender o processo de crescimento inaugurado pelos valentes e sofridos pioneiros do Barracão de Val de Buia. A prosperidade rural, os empreendimentos comerciais, as iniciativas industriais e a presença eclesiástica mostravam sua força e apresentavam-se consolidadas, na medida que os obstáculos iam sendo superados. Diante de tal panorama era só continuar acreditando no futuro.

O destino surpreendeu mais uma vez e interferiu no rumo dos fatos. De repente, um encantamento paralisante, uma espécie de grito de mandraque, desacelerou a marcha do progresso. E antes de dobrar a primeira metade do século a caminhada diminui o ritmo. Acontece uma parada. Instala-se a estagnação. Processa-se um esvaziamento. Surge a decadência. Um quase silêncio junta-se ao isolamento e ao esquecimento a que estava entregue a Colonização de Silveira Martins. E a história dos colonizadores italianos da Serra de São Martinho registra mais uma página amarga na história geral da região. É bom lembrar que a imigração polonesa, dizimada pela seca e pela peste, bateu em melancólica retirada, cedendo o barracão e o espaço aos italianos que vinham chegando. E nada sobrou.<sup>1</sup> Os alemães, situados no alto da Serra, na localidade do Pinhal, viram-se isolados e frustrados pela abertura da estrada de ferro, Santa Maria-Cruz Alta, e esvaziados acabam declinando com a maioria emigrando. Tudo ficou descharacterizado.<sup>2</sup> Os judeus, desde 1904 instalados na Colônia Philipson, conseguiram até 1935 um bom desempenho agrícola, mas antes de alcançar o cinquentenário a maioria já havia emigrado para a cidade e optado pelo comércio.<sup>3</sup> Hoje um pequeno cemitério testemunha a história de um esforço colonizador frustrado.

O viandante da região da ex-colônia Silveira Martins, atualmente, pode constatar os sinais de um passado mais glorioso e observar as marcas daquilo que o historiador e o geógrafo caracteriza como as marcas da decadência. Foi na condição de viandante desprezioso que vimos nascer a vontade de mergulhar no passado e descobrir os mistérios escondidos no silêncio que se abateu sobre a história dos imigrantes pioneiros de Val de Buia. A decisão de tornar concreta tal vontade aconteceu dian-

te da pedra gravada com os dizeres: "Queste terre sono abitate dai Dotti, dal 1878". Aí estava o sonho da propriedade, da ambição de construir o futuro. Mas por que a construção do futuro diminuiu seu ímpeto? Aí estava o desafio.

A partir daí, muitas perguntas surgiram em busca das causas. Poucas respostas. Nenhuma convincente. O problema fundamental era saber se a compreensão dos fatos e da história se processa por uma explicação causal. É nosso pensar que a história não se constrói dentro do princípio de causalidade. Ou seja, na história não existem causas; se existissem, os mesmos elementos causais de veriam produzir os mesmos efeitos. E isto não foi possível observar comparando os fatos ocorridos na ex-colônia de Silveira Martins com as suas outras coirmãs. Começamos pelo elemento humano. A mesma gente, os mesmos ideais, a mesma coragem, a mesma fé, a mesma ambição de construir um futuro de fartura. O aspecto geográfico é praticamente o mesmo, até o daqui é menos montanhoso. O clima não é diferente. As dificuldades também mantêm-se em situações igualitárias. As de cá podem pender favoravelmente. "As dificuldades encontradas pelos colonizadores de Silveira Martins não eram maiores que as de outros seus compatriotas. Pelo contrário, sob alguns aspectos, como o do transporte, por exemplo, eram mesmo menores".<sup>4</sup> Em relação ao comércio, o Cônsul Pascoal Corte fala, como já vimos, em vantagens de mercado, embora, observando os mesmos fatores, o historiador gaúcho, Guilhermino Cesar, conclua negativamente dizendo: "O progresso da Colônia Silveira Martins cresceu menos, bastante menos, em face das colônias clássicas porque faltou-lhe um elemento muito importante: a proximidade do mercado".<sup>5</sup>

Por isso não cremos em causas na história. Existem circunstâncias que aliadas ou opostas entre si conduzem para rumos imprevisíveis, o que torna impossível estabelecer-las a priori. É a posteriori que olhamos o passado e tentamos encontrar supostas causas, mas não passamos de conjecturas sobre circunstâncias que, de alguma maneira, nos auxiliam a compreender os passos dos homens.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. "No início de 1877 já tinham sido feitos os primeiros trabalhos de medição e foram encaminhados para esta colônia 400 famílias polonesas. (...) As condições do barracão eram precaríssimas. E os colonos poloneses, enfraquecidos pela viagem marítima - longa e feita em navio de vela - a falta de higiene, a alimentação escassa e uma forte estiagem que castigou

a Província desde 14 de outubro de 1896 até 12 de fevereiro do ano seguinte, foram vitimados por uma epidemia. (...) Desordenadamente abandonaram o acampamento, atirando-se campo a fora em direção a Porto Alegre, no início de 1877". In jornal A RAZÃO. Ed. Especial, p.8. Também, Bombassaro in CINQUANTENARIO, p.328.-2. ISAIA, Antônio. Conferências assis- tidas pelo autor.-3. Idem. Tb. COHEN, Vera de A. IMI- GRAÇÃO JUDAICA NO RIO GRANDE DO SUL. In RS: IMIGRA- ÇÃO E COLONIZAÇÃO. Op.Cit. p.83.-4. DE BONI, Luís e COSTA, R. Op.Cit. p.72.-5. CESAR, Guilhermino. "Um historiador e a imigração". In A RAZÃO, Op.Cit. p. 42.

#### A AUTONOMIA INDISPENSÁVEL

A administração das Colônias estava ligada dire- tamente ao governo imperial. Todo um aparato administra- tivo foi montado juntando-se a distância entre o centro das decisões, Rio de Janeiro, e as sedes das Colônias, só poderia surgir malversação de verbas por administrações locais incompetentes. De Boni e Costa chegam a afirmar que "a corrupção administrativa parece ter sido a regra geral nas colônias".<sup>1</sup>

A Colônia Silveira Martins sentiu desde sua fun- dação os efeitos de uma má administração, a começar pelo atraso na demarcação dos lotes. O mal só foi corrigido di- ante da catástrofe epidêmica do Barracão de Val de Buia e com a chegada do Dr. Siqueira Couto, "pessoa intelligen- te, afável e simpaticante dos italianos", que desenvol- veu uma "competente direção".<sup>2</sup> Mas os mais expressivos a- tos de corrupção aconteceram na construção de estradas. Conta Júlio Lorenzoni: "o pagamento era feito por uma pes- soa encarregada especialmente disso e que vinha de Porto Alegre. Este pagamento processava-se sem formalidade al- guma, mediante listas em duplicata, apresentadas pelos chefes de grupos. (...) As listas, muitas vezes, não eram a expressão da verdade; continham, quase sempre, nomes de pessoas que, ou já estavam mortas, ou viviam na Itá- lia"...<sup>3</sup>

A corrupção e os desmandos administrativos ele- varam demasiadamente o custo da manutenção das colônias por parte do Governo. A solução governamental foi conce- der autonomia administrativa às colônias, o que, em parte, não era muito vantajoso para as mesmas. Escreve Jú- lio Lorenzoni, já residente em Dona Isabel: "Depois de nove anos de existência, quando menos a Colônia espera- va, pois ainda era criança, ficou órfã e foi necessário conformar-se ao novo regime e tratar de viver de seu pró- prio trabalho, sem nenhuma ajuda de parte do Governo Cen- tral".<sup>4</sup> Se a emancipação da Colônia foi uma desvantagem

para Dona Isabel, muito mais para Silveira Martins, que era mais nova e o decreto emancipatório foi lavrado em 1882, dois anos antes, portanto, das demais colônias, emancipadas em 1884.

A partir da emancipação, apesar de uma série de desvantagens, pode-se considerar que a situação tendia para, a médio prazo, produzir benefícios muito favoráveis. As questões eram resolvidas aí mesmo. As verbas não eram mais enviadas automaticamente, mas podiam ser pleiteadas junto aos governos municipais e estadual. Isto favorecia o surgimento de uma consciência de autodeterminação e confiança em si mesmo. E tais fatos parecem ser confirmados inicialmente pela Colônia Caxias que, saltando à frente das demais, consegue sua elevação à condição de município em 20.06.1890; no mesmo ano em 11 de outubro é a vez de Dona Isabel dar o mesmo passo, incluindo em seu território a Colônia de Conde d'Eu, tendo seu nome trocado para Bento Gonçalves. Isto acontece apenas seis anos após a emancipação colonial. Por fim Conde d'Eu, depois Garibaldi, consegue ser município em 31.10.1900. Era a maturidade alcançada em consequência dos ideais de progresso de cada imigrante e de cada comunidade.

E em Silveira Martins como ocorreram os fatos depois de sua emancipação? Ficou marcando passo. E sua autonomia municipal não chegou. Por quê? Os líderes locais parece, pela tradição oral, não primavam pelo bom entendimento. Havia intrigas internas e surdas. Júlio Lorenzoni tem em seu diário uma passagem interessante que vale a pena ler: "contávamos todos que, especialmente depois da proclamação da República, (fins de 1893) o próspero e florescente núcleo colonial de Silveira Martins fosse elevado a Município à semelhança de seus coirmãos Caxias, Bento Gonçalves, Garibaldi, etc. (...) Puro engano! Ficou esquecido, abandonado e sem saber a que atribuir e vexame de não poder gozar de sua autonomia, da liberdade de ação, que as outras colônias haviam conseguido.

Qual o motivo desse abandono? A meu modo de ver, a causa principal foi a falta de direção competente. Seria necessário que, em seguida à proclamação da República, um grupo de pessoas importantes e de destaque na Colônia, tivesse se reunido e alistado uns mil ou mil e quinhentos eleitores, dirigidos por alguém responsável. Formada uma comissão, se dirigisse a Porto Alegre, apresentasse ao Presidente do Estado, comunicando-lhe a força de que dispunha para lançar na balança política e pedir a elevação da Colônia a Município. Possuíam tudo para conseguir o que desejavam: superfície, população, produção, etc. e os dados eram do pleno conhecimento do governo.

Constava, na ocasião, que alguém havia sido chamado a Porto Alegre e posto a par das boas disposições que animavam o Governo; nossos dirigentes pouco se interessaram.<sup>5</sup>

Assim Silveira Martins, por incompetência de alguém, teve que amargar seu primeiro passo em falso, talvez mortal. Nos primeiros anos, não deu para perceber o que acontecera, pois o crescimento continuou sem maiores conseqüências, mas o tempo diria o que esta omissão ou fraqueza iria representar para toda a região da colonização italiana da ex-colônia Silveira Martins. E quando, após a ditadura do Estado Novo, já na virada da metade do século, ressurgiram os movimentos emancipacionistas no Rio Grande do Sul, Silveira Martins tentou e conseguiu, mas, pelo caprichos do destino, a instalação do município não aconteceu. Por quê? Efeitos de antigas maldições? Ou mais uma vez se confirmou a constatação de Júlio Lorenzoni? Seja qual for a resposta, Silveira Martins, hoje, não passa de um distrito de Santa Maria e, cada vez, parece, mais encolhida, mais ressentida e mais conformada com o seu destino.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. DE BONI, Luís A. e COSTA R. Op.Cit. p.66.-2. LORENZONI, Júlio. p.62-99.-3. Idem. Op.Cit. p.51.-4. Idem. Op.Cit. p.146.-5. Idem. Op.Cit. p.102-103.

#### O DECRETO IMPERIAL: UM DECRETO FATAL?

Constatada a frustração de Silveira Martins ser elevada a município, Júlio Lorenzoni pergunta: "O que aconteceu então a Silveira Martins?" Ele mesmo narra os acontecimentos. "Algum tempo depois, os chefes dos municípios circunvizinhos - Santa Maria, Cachoeira e Júlio de Castilhos - procederam à repartição de seu território".<sup>1</sup> Realmente o território da ex-colônia Silveira Martins foi dividido e anexado a três jurisdições municipais distintas, através de um decreto promulgado pelo governo imperial no ano de 1886. Diante do fato Júlio Lorenzoni, apesar de já se ter transferido para Dona Isabel, assim expressa sua indignação: "À semelhança dos fariseus na divisão das vestes de Cristo, seus chefes não se opuseram a este fim triste e doloroso de uma colônia que tanto prometia".

A alguém, que teria podido promover alguma reação, foi dado em seguida um "osso", e assim tudo terminou.

E hoje, a política dominante consentirá em unir novamente aquele território para fazer dele um município autônomo?

Tenho minhas dúvidas.<sup>2</sup>

Infelizmente, nem em Silveira Martins, nem em outros núcleos se levantou uma voz para tentar evitar uma divisão que, embora se possa discutir se foi ou não fatal, pelo menos causou uma série de inconvenientes para todos os núcleos da ex-colônia.

As causas desta divisão, provocada pelo decreto imperial, não estão suficientemente esclarecidas. Antônio Isaia, em suas palestras, aponta duas: A primeira consistiria no temor do governo imperial diante da idéia da "Cittá Nuova" que se havia expandido na colônia e que ampliando-se poderia surgir um movimento patriótico e nacionalista em favor da italianidade e construir uma "Itália aquém-Mar". A divisão seria a melhor maneira de acabar, ou pelo menos enfraquecer, esta idéia, impedindo algum movimento patriótico comprometedor. A segunda causa, defendida por Antônio Isaia, é atribuída à inveja que Santa Maria alimentaria em relação à Colônia. O crescimento da mesma poderia influir na importância e no desenvolvimento do antigo acampamento militar. Algumas circunstâncias reforçariam a posição de Isaia, na medida que se sabe, segundo Lorenzoni, a Colônia, em fins de 1883 já contava com 20.000 habitantes, o número superior ao de Santa Maria. Vamos aprofundar um pouco a posição do Sr. Isaia.

A primeira causa nos parece pouco consistente, pois se o governo imperial temia um surto de patriotismo nacionalista italiano, tal temor devia se manifestar com maior intensidade na região de Caxias, onde o contingente italiano era muito maior. Lá as condições de realização do sonho de uma "cittá Nuova" eram muito mais favoráveis. As sociedades culturais italianas espalhavam-se em todo o Estado, e mesmo as comemorações da data histórica italiana: 20.09.1870,<sup>9</sup> que lembra a gloriosa entrada das tropas italianas em Roma, eram frequentes nas outras colônias. Júlio Lorenzoni registra várias, mas a principal se dá em Bento Gonçalves, onde ele é orador, e diante de tumultos provocados, a autoridade policial local, assegurou o bom andamento das comemorações.<sup>3</sup>

A posição de Antônio Isaia funda-se na questão da italianidade ou da italianização. O assunto foi tratado com muita maestria por Olívio Manfroi em sua pesquisa "A Colonização Italiana no Rio Grande do Sul", onde podemos ler afirmações deste teor: "A indiferença dos colonos à causa da italianidade foi clara e manifesta. Eles não conheciam a língua italiana (só línguas dialetais) e nem mostravam interesse em aprendê-la".<sup>4</sup> Ou: "o povo das colônias não participou desse debate ideológico e político e até poder-se-ia afirmar que o desconheceu".<sup>5</sup> Tais afirmações estão baseadas, segundo o autor, Manfroi, no fato de que os católicos estavam do lado do Papa, que se

declarou um prisioneiro do Governo Italiano, não aceitando a unificação imposta pelas forças do Rei Vitório Emanuel II. Na obra "Comunidades Indígenas Brasileiras, Polonesas e Italianas no Rio Grande do Sul", os Padres Bernardin D'Apremont e Bruno de Gillonay, abordam de maneira muito ampla a questão da italianidade, onde enfrentam as posições e acusações da "Itálica Gens". E nestas discussões há uma passagem citando o que se dizia entre o povo: "Quando os pobres colonos comiam pinhões, ninguém vinha da Itália para visitá-los; mas agora que comem frangos, todos querem vir e dividi-los com eles".<sup>6</sup> Havia, sim, os pregadores do patriotismo italiano, mas a população não entendia muito, ou quase nada. E para ficarmos mais precisamente na área de Silveira Martins, vamos ver uma passagem de Eduardo de Brichanteau, citado por Manfroi, "O espírito de associação é tão desconhecido entre os Vênetos, que em Silveira Martins chamam de patriota àquele da mesma província e fora desta não conhecem pátria. O "friulano" se julga pertencer a uma nação à parte e chamam de italiano aquele que não é "friulano".<sup>7</sup>

A ameaça do patriotismo italiano parece, portanto, não ter tanta força para provocar o decreto imperial. De qualquer maneira era natural que depois do sucesso econômico surgissem, entre os imigrantes, ideais políticos, ou pelo menos discussões de conteúdo político, que automaticamente seriam retirados de sua bagagem cultural. Além disso, personagens italianos como Garibaldi e Zambecari faziam parte das gentes farrapas.

A segunda alternativa apresentada por Antônio Isaia, a inveja de Santa Maria frente ao progresso da Colônia, parece ser mais aceitável, embora se possa falar mais em interesses políticos e econômicos, do que de inveja. Apenas dois fatos conhecidos. O primeiro, total descaso que a cidade de Santa Maria dispensou aos recém chegados. E a cidade já tinha condições de oferecer bons préstimos, pois já era cidade desde 1876, dois anos antes da chegada dos imigrantes. Além dos serviços religiosos prestados pelo Padre Marcelino Bittencourt, nada mais está registrado. O mesmo descaso teria ocorrido com as outras imigrações aqui aportadas, a polonesa, a judaica e a alemã. O segundo fato diz respeito ao crescimento econômico e populacional da colônia. Tal situação, sem dúvida, poderia assustar e incomodar o conservadorismo dos fazendeiros latifundiários, em cujas mãos estava o poder político e econômico de toda a região. A eles não interessava o surgimento de um novo município e nem um centro econômico, que, no frígir dos ovos, tornar-se-ia um centro político.

Se foram exatamente essas as razões que motivaram a promulgação do decreto imperial, ele não poderia

ter alcançado sucesso maior. Já no final do século é perceptível um certo interesse para emigrar para outras regiões. A população, com isso, foi reduzida consideravelmente. Em até 50% na sede, segundo Antônio Isaia.

Ficou certo, em tudo isto, que o decreto produziu a divisão territorial da colônia. Mas teria sido essa divisão fatal para as aspirações de crescimento? Mais uma vez vamos confrontar Silveira Martins às suas coirmãs. As colônias de Caxias, Dona Isabel e Conde d'Eu, por ocasião de sua emancipação colonial, foram também anexadas a outros municípios, sendo que Caxias ficou o 5º Distrito de São Sebastião do Caí e as outras duas formaram o 4º Distrito de São João do Montenegro. A divisão, lá, não tinha sido, talvez, tão fragmentada, pois manteve-se de certa forma unidades regionais. Mas não impediu seu processo de crescimento, como foi visto. Eles acharam meios de recuperar a própria unidade pleiteando a municipalidade.

Em Silveira Martins, também, cremos que teria havido possibilidades de superar os efeitos da divisão. É verdade que a divisão do território, por mais que queira minimizar suas consequências, ela acabou provocando uma desintegração do espírito gregário e associacionista. Não havia mais um ponto de referência comum. Ainda, a bem da verdade, não se havia formado uma certa organicidade, muitos imigrantes vinham chegando, outros estavam se acomodando, poucos estavam já senhores de sua situação.

Apesar da divisão ter provocado toda essa série de consequências desastrosas, teria havido, sem dúvida, caminhos possíveis de superação. O primeiro deles consistiria, como Lorenzoni já apontara, na organização de um movimento reivindicatório, liderado por uma comissão de notáveis, que pleiteasse a criação de um município, a exemplo do que foi feito nas outras colônias. O que garantiu para elas um passo decisivo e seguro para solucionar seus problemas, em especial, os da urbanização e estradas, bases indispensáveis para o desenvolvimento. E isto não aconteceu em Silveira Martins e na região toda, não propriamente devido ao decreto imperial, mas por outras razões que podem ser detectadas em duas instâncias. A sede da Colônia foi apenas, pelo que se deprende dos fatos, uma sede administrativa para a demarcação e a distribuição dos lotes aos imigrantes; nunca exerceu uma liderança mais efetiva e abrangente sobre toda a colônia. Tomemos como exemplo a iniciativa de solucionar a questão da assistência religiosa com a vinda dos Padres, esta não foi tomada por Silveira Martins, mas ela nasceu e se concretizou graças ao esforço e a teimosia dos moradores de Vale Vêneto, liderados por Paulo Bortoluzzi, tan-

to na vinda dos PP. Sório e Arnoffi, quanto na dos PP. Palotinos. É bom lembrar que a assistência religiosa era fundamental para os imigrantes, talvez o problema primeiro a ser solucionado. Diante disto, e em palavras mais simples, faltou idealismo e liderança à sede de Silveira Martins. Aliás, José Zamprogna, em recente visita a Santa Maria, constava mais ou menos o mesmo problema, e diante dos grandes recursos existentes na região, seja de ordem material, seja de ordem humana, ele afirmou que "a cidade é centro industrial em potencial carecendo apenas de idealistas, que apostem na sua industrialização".<sup>8</sup>

A outra instância coloca-se no forte sentimento de rivalidade existente entre os grupos imigratórios. É uma rivalidade que chegou com a bagagem de viagem. Suas raízes remontam aos locais de origem. Cada grupo se identificava com seu vilarejo, com sua província, com seu Santo Padroeiro, com sua igreja, com a melodia e grandiosidade de seus sinos e campanário. A manifestação destes sentimentos rivais emergiriam na vida colonial de maneira freqüente na hora de escolher o local da capela, de escolher o Santo Padroeiro, de fixar a sede paroquial. Mas não era só no campo religioso que isto acontecia, o bairrismo acabava influenciando as decisões nas áreas política, econômica e esportiva.<sup>9</sup> Conclue-se facilmente que, como a vida religiosa era o centro polarizador dos imigrantes, a harmonia neste setor seria o ponto fundamental para se possibilitar outras articulações comunitárias. Três fatos um pouco distintos entre si, mas todos vinculados à dimensão religiosa, podem nos mostrar o quanto pesava no processo de crescimento e desenvolvimento do local a implantação das instituições religiosas começando pela sede paroquial. Daí o empenho, quase feroz, para alcançar tal condição. O primeiro destes fatos ocorreu entre Silveira Martins e Vale Vêneto, pela disputa da residência do Padre. Inicialmente com a vinda dos Padres Sório e Arnoffi. A solução só aconteceu com o atendimento das duas comunidades. Com a morte de um dos sacerdotes, a questão voltou, e desta vez só houve paz com a chegada dos Padres Palotinos. O segundo fato demonstra claramente a importância da condição de Paróquia para o bom desenvolvimento do núcleo. É o que podemos constatar a partir do que aconteceu entre Nova Palma e Vila Cruz, na época Linha 7. Os dois núcleos se empenharam para conseguir a sede paroquial. Nova Palma levou a melhor. Está disputa deu-se na última década do século passado o início de desenvolvimento. Houve inclusive momentos em que o Padre trocava de residência. Conseqüência: Nova Palma, hoje é município; Vila Cruz ostenta uma bela e vazia canônica, além de amargar uma estagnação, em seu crescimento, que remonta ao início do século. O último fato, aqui

lembrado, deu-se em Vale Vêneto, quando se tratou de definir a sede do núcleo, o que aconteceria com a construção da capela; houve um conflito entre os que queriam que isto fosse feito, onde hoje se encontra Vale Vêneto, e aqueles que pleiteavam que o local fosse onde hoje se encontra a Sociedade Caravela. Os primeiros, comandados por Paulo Bortoluzzi, conseguem garantir que o local seria mesmo na encosta do morro, a várzea poderia acarretar em chentes. Os segundos, liderados pela família Dotto, buscam compensar a perda incentivando o desenvolvimento econômico e social, mas o êxito foi diminuto. A divisão permaneceu e seus reflexos ainda persistem hoje. No final das contas, os prejuízos atingiram a todos.

Outro caminho viável para a superação dos efeitos da divisão consistiria em fazer surgir três núcleos aglutinadores, capazes de articular forças suficientes para desencadear movimentos de reivindicação à instalação de municípios. Esses três núcleos, na época, por suas condições, poderiam ter sido: a Sede, Silveira Martins, por ter sido a sede da colônia e possuir um bom desempenho econômico; Arroio Grande, por já ser um razoável núcleo urbano e ter atingido excelente nível de crescimento na agricultura, comércio e indústria; Vale Vêneto, pela presença dos Padres Palotinos, constituindo num centro religioso e educacional. Mas nada disto aconteceu, talvez pelas mesmas razões acima apontadas; falta de lideranças expressivas e elevado grau de rivalidade bairrista. Caso houvesse maior liderança e maior entendimento, o decreto imperial não teria sido fatal, pelo contrário, poderia ter provocado maior esforço e mais lutas. Neste momento, sem outras intenções, pode-se medir o quanto fez falta um homem da envergadura de um Júlio Lorenzoni, jovem idealista aqui aportado com os pioneiros. Silveira Martins deixou-o partir, perdendo sua valiosa contribuição em favor de Dona Isabel. São os desafios da História e os passos dos homens.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. LORENZONI, Júlio. Op.Cit. "Arroio Grande, Vale da Serra, a Sede e seus arredores, Vale Feltrino, Vale Veronese e outros, foram anexados a Santa Maria. O núcleo Norte, o núcleo Soturno (hoje Nova Palma) e todo o território ao norte de Silveira Martins ficaram com Júlio de Castilhos; e Cachoeira ficou com Vale Vêneto, Ribeirão Aquiles, Nova Treviso e outras linhas, que há mais de 15 anos pertenciam a Silveira Martins, cujo território chegava até Dona Francisca". p.103.
2. Idem. p.104.-3. Idem. p.158.

4. MANFROI, Olívio. Op.Cit. p.133. "Neste contexto sôcio cultural, criado pela tenacidade e sentimentalismo dos imigrantes, os colonos foram esquecendo sua terra natal. O nacionalismo italiano não encontrou eco entre eles, pois, a Itália que amavam, eles a reproduziram nas Colônias do RS. E esta reconstituição do quadro sôcio-cultural de seus vilarejos em terras gaúchas desligou-se, definitivamente, da Itália e levou-os a adotar, sem problemas, a nova pátria brasileira". p.197.
5. MANFROI, Olívio. Op.Cit. p.146.-6. D'APREMONT, B.e GIL LONAY, B. Op.Cit.p.81-89.-7. MANFROI, Olívio.Op.Cit.p.48.
8. CORREIO DO POVO, 22.8.82. Daltro Menezes: "Caxias do Sul é a única cidade do interior que tem condições de competir com a dupla grenal. Esta cidade é uma potência, e no final do ano vai arrecadar mais de 30 bilhões em impostos. (...) Mas a inveja e a discórdia impedem que isso aconteça". p.5
9. A RAZÃO, jornal de Santa Maria, 13.14.7.85. p.10.

#### O UNIVERSO RELIGIOSO

Na área religiosa, também, há momentos turbulentos capazes de criar instabilidades na vida da Colônia. Tais turbulências podem ser analisadas a partir de três possíveis fontes de origem. A primeira não é nova, nem surgiu nas Colônias de Imigrantes, também não é exclusiva da Colônia Silveira Martins, ela chegou com os imigrantes, e em parte, pode-se dizer que já existia no Brasil com o nome de "A questão religiosa".<sup>1</sup> Esta primeira fonte seria constituída pelos conflitos entre o clero, de um lado, e, de outro lado, as forças anticlericais, que nem sempre foram bem identificadas, mas que, em geral, eram atribuídas ou aos patriotas partidários da unificação italiana, ou os carbonários, ou à Maçonaria. É certo que os conflitos surgidos não ficaram apenas ao nível da palavra, ou dos panfletos, ou da imprensa com o intuito de atrair as simpatias dos colonos e dos imigrantes em geral, mas se desenvolveram em ações concretas, culminando em emboscadas e assassinatos.

Não queremos tratar da questão no seu âmbito geral, nem mesmo dos acontecimentos surgidos no contexto geral da imigração italiana no Rio Grande do Sul, mas apenas trazer à tona alguns casos acontecidos na ex-colônia de Silveira Martins, como elementos desestabilizadores da unidade da Colônia, responsáveis em parte pelo silêncio dos Sinos.

A História registra vários casos de conflitos acontecidos no território da ex-colônia de Silveira Mar-

tins, inclusive com mortes de dois sacerdotes, justamente os dois primeiros que aqui chegaram para trabalhar junto aos imigrantes. O Pe. Arlindo Rubert, em seu livro "Clero Secular Italiano no Rio Grande do Sul", diz que "nas novas colônias italianas não faltou a infiltração de carbonários, que se mostravam hostis ao trabalho do sacerdote, causando-lhe muitos dissabores".<sup>2</sup> A primeira vítima fatal foi o Pe. Vitor Arnoffi, que morreu envenenado, segundo Rubert, por "elementos subterrâneos e interessados", não especificando exatamente quem seriam esses elementos. Alguns depoimentos orais, por nós colhidos, a razão deste crime não teria fundamento anticlerical, mas motivos de outra ordem. Sem querer elucidar as razões, o importante é saber que na colônia, entre os imigrantes, espalhou-se a interpretação de que fora obra dos carbonários e pessoas anticlericais.

O segundo caso fatal acontece 15 anos depois, isto é, em 1896. A vítima é justamente seu companheiro de imigração, o Pe. Antônio Sório, que também viera substituí-lo em Silveira Martins, transferido de Vale Vêneto. Este caso parece muito mais escabroso. E pelo que consta, há maiores indícios de que ele tenha sido realmente vítima de forças anticlericais. Recorrendo ao historiador Pe. Arlindo Rubert, observamos que o Padre Sório teria sofrido muitos dissabores até ser morto por elementos do lugar, acontecimento que ele narra assim: "Há mais tempo, devido a sua inteireza, era o Pe. Sório mal visto por certos elementos do lugar, filiados à maçonaria. No fim do ano, a 31.12.1899, que era também o fim do século, voltava sozinho, a cavalo. De repente, numa emboscada, é assaltado, batido, machucado, caindo gravemente ferido ao solo". Segundo o mesmo historiador, ele preferiu levar para o túmulo o segredo de seus agressores, pois quando socorrido podia tê-los denunciado. O motivo deste silêncio tumular estaria ligado à intenção de não provocar posteriores vinganças.<sup>3</sup>

Na monografia "Dona Francisca Sua Terra Sua Gente", a autora registra um fato, embora menos trágico. "Apesar da euforia dos colonos e do Padre, escreve Casassola, para a construção da igreja, a pastoral foi difícil. "Mais de uma vez nasceram resingas entre os sacerdotes e o povo". Os motivos dos desentendimentos foram vários. Destes, o mais grave está relacionado com a Maçonaria que se infiltrou entre os colonos".<sup>4</sup> Na história dos Padres Palotinos também o problema aparece, já desde o tempo em que trabalhavam em Caxias, e, segundo consta em "Informações Palotinas", os "desentendimentos entre maçons e católicos" teria sido o "principal motivo" que os levou a abandonar a promissora missão de Caxias e concentrar-se na região de Santa Maria, estendendo-se poste-

riormente para o Planalto e Missões.<sup>5</sup>

A segunda fonte das turbulências religiosas situa-se no contexto da hierarquia religiosa. Aparece, aqui, uma rivalidade incontestada entre os membros do clero secular e os membros da ordem palotina, um fato, diga-se de passagem, que se apresenta de maneira geral no seio da Igreja Católica, pelo menos naquela época. Havia uma certa inveja generalizada entre o clero secular e o clero religioso, não é um caso particular havido com os palotinos. As razões destes conflitos não cabe analisar neste momento, mas é certo que tais desencontros repercutiram negativamente entre o povo, havendo casos em que a comunidade tomava partido a favor ou contra os religiosos, pior ainda, quando se dividia. Não há dados mais específicos sobre a intensidade destes conflitos e suas reais conseqüências desde o início das atividades pastorais da Congregação Palotina, já que a escassez de sacerdotes era imensa. Passados os primeiros decênios, a questão fica mais visível. Toda a atividade pastoral, segundo rezam as leis canônicas, estão sob a autoridade episcopal. No exercício destas atividades nem sempre os interesses da Diocese combinavam com os da Ordem religiosa. O amargor nascido destes desencontros está muito bem expresso pelo Pe. Claudino Magro em "Síntese histórica das ex-paróquias Palotinas no Rio Grande do Sul". A expressão máxima deste desencanto pode estar resumida nesta passagem, quando da entrega da Paróquia de Pejuçara ao Clero Secular; "e, quando tudo estava pronto, Dom Victor pediu a paróquia para o clero secular".<sup>6</sup> No âmago destes conflitos, talvez se possa ver a transferência da incipiente casa de formação dos candidatos da Ordem, de Vale Vêneto para a Tristeza, em Porto Alegre, fato que parecia enterrar definitivamente os sonhos da construção de um seminário para as vocações Palotinas. É preciso lembrar que a fundação de uma casa de formação dependia, entre outras coisas, da autorização da autoridade diocesana.

A terceira fonte originária das turbulências pode ser creditada ao próprio andamento interno da Ordem. Lemos em Informações Palotinas: "Foi durante a guerra de 1914-18 que começaram a surgir certas dificuldades entre os 32 sacerdotes e 3 irmãos leigos que faziam parte da Província Americana. A solução foi a divisão dos membros e do território da Pastoral. As razões também aqui, não são os objetivos, mas parece que os alemães propunham uma maior rigidez de vida religiosa. O grupo italiano era mais aberto e propunha uma maior identificação e aproximação com os fiéis; entre seus objetivos constava a idéia da formação sacerdotal de filhos de imigrantes, não aceita pelo grupo alemão. Isto pode ser comprovado pelo depoimento do Padre Francisco Burmann: "Nós,

os sacerdotes europeus, nos ufanávamos do título de missionários e queríamos conservá-lo. Por isso, pouco nos interessávamos pelas vocações nativas".<sup>7</sup> E ainda o Pe. Schwuin, como defendia a idéia do grupo italiano, resolveu deixar o grupo alemão e integrar-se aos ítalo-brasileiros, pois ele se dizia "um velho brasileiro".<sup>8</sup> Posteriormente as razões dos desentendimentos desaparecem e a unificação foi recuperada.

Sem nenhum objetivo de tomar partido frente a estes conflitos, queremos apenas mostrar que eles, de alguma maneira, contribuíram para o aumento da densidade de insegurança e desunião, bem como para o enfraquecimento da ex-colônia de Silveira Martins. E isto baseados no fato da imensa importância dos sacerdotes na vida das comunidades dos imigrantes. Manfroi com precisão explicita tal importância: "Nas colônias italianas do RS, a religião, longe de ser "um ópio do povo", foi um fator de integração e uma força de dinamismo econômico. Permitiu ao colono italiano fugir de uma desintegração social ou de cair numa caboclicização, oferecendo-lhe um quadro sócio-cultural no qual ele se reconhecia e se expandia".<sup>9</sup> Fica evidente, portanto, que havendo conflitos na seara religiosa, toda vida do imigrante ressentia-se.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Dentro deste contexto podemos lembrar as obras TOGNO BRUSAFRATI, de Ricardo Liberali e as COMUNIDADES INDÍGENAS, BRASILEIRAS, POLONESAS e ITALIANAS NO RS, dos Padres D'apremont e Gillonay.
2. RUBERT, Arlindo Pe. CLERO SECULAR ITALIANO NO RS. In O SANTUÁRIO. Publicação da Diocese de Santa Maria e do Santuário da Medianeira. Edição comemorativa aos 75 anos da criação da Diocese de Santa Maria. 8(8): 41, ago.1985.
3. Idem. In Santuário Op.Cit. p.42.-4. CASASSOLA, Norma B. Op.Cit. p.25.-5. INFORMAÇÕES Palotinas. Ed. Histórica. Op.Cit. p.5.-6. INFORMAÇÕES Palotinas. "Cem Anos dos Palotinos no Brasil". p.123.-7. INFORMAÇÕES Palotinas. Ed. Histórica. p.8.-8. Idem, Ibidem.
9. MANFROI. Op.Cit. p.156. O Dr. Veronesi em seu relatório dizia: "Ele, o sacerdote, é o conselheiro dos colonos em todas as coisas mesmo nos problemas econômicos; quando alguém fica doente, antes de chamar um médico, ouve primeiro o sacerdote. In MANFROI, Op.Cit. p.181. O mesmo depoimento faz o Cônsul Corte. Para garantir que suas recomendações fossem ouvidas pelos colonos, sobre a questão do ensino, confiava nas preleções dos padres durante a missa. In Batistel e Costa. Op.Cit. p.51.

## NOVAS TERRAS

A imagem do italiano imigrado é identificada invariavelmente pelos traços de um homem trabalhador, afeito a iniciativas rudes e corajosas, capaz de enfrentar situações de grande adversidade. Ele é apresentado como um agricultor habituado a trabalhos fortes e extremamente penosos. Nas histórias dos bisavós, o imigrante italiano, oriundo dos contrafortes alpinos, chega a aparecer com tanta vontade de trabalhar e produzir que carregava cestos de terra para colocá-la entre as pedras, a fim de poder plantar e daí tirar o sustento para si e sua família. História ou ficção, não importa, isto criou uma tradição de respeito e de admiração para com os pioneiros. E o que mais pesa em tudo isto é que o trabalho não era assumido como uma atividade escrava, mas como uma ação feita com amor, com paixão.

A dificuldade de acesso à terra e a alta densidade demográfica rural na Itália justificam, pelo menos em parte, a fácil adaptação do imigrante às atividades agrícolas nos terrenos mais difíceis e acidentados. O que interessava a eles era a abundância de terras férteis, até o esbanjamento. A tecnologia trazida, portanto, embora rudimentar e artesanal, foi suficiente para que ele fosse capaz de plantar e de colher fartas colheitas. A produção e a produtividade, para o imigrante, não se ligavam às técnicas de plantio ou à instrumentos mecânicos, mas à capacidade e à força de seu trabalho. O trabalho era o elemento único necessário, a palavra mágica, para se plantar e produzir. O resto era secundário.

O princípio do trabalho era tão básico que ele se tornou uma atitude ideológica.<sup>1</sup> É por isso que o trabalho não é apenas uma força de produção, mas um critério de avaliação das pessoas. O homem, o verdadeiro homem, era o homem trabalhador. Ao homem trabalhador opunha-se o homem preguiçoso, indolente, o não-homem.<sup>2</sup> No diálogo que Nanetto delirante mantém com sua mãe na Itália, entre os elogios que ele se dá a si mesmo, pela boca da mãe é: "a te ghe laorá próprio co fá on omo; a te ghe".<sup>3</sup> Dentro deste contexto o imigrante italiano denotava uma particular desconsideração e, mesmo, um desprezo explícito, pelas pessoas que não trabalhassem ou trabalhassem pouco. Entre essas pessoas o imigrante incluía abertamente um grupo de indivíduos que chamava de "brasiliiani". Nome em geral dado aos de descendência lusa e aos negros. Inclusive na questão dos conflitos entre o clero secular e o clero religioso, quando o italiano tomava partido, não era tanto em função de critérios pastorais, mas sim de critérios de trabalho. Como as ordens religiosas precisavam trabalhar, e na época o trabalho também era

rural, para o sustento de suas casas de formação, em geral os colonos se colocavam deste lado, mesmo que fossem mais rigorosos nas exigências religiosas. O colono italiano pendia mais para o lado dos "frāti" do que dos "prēti". Se alguém quisesse conseguir alguma coisa, segundo o imigrante italiano, o caminho não era o peditório, só aceito em benefício da igreja, mas o trabalho, exclusivamente o trabalho. Pela boca de Nanetto, novamente, encontramos a expressão perfeita: "i dignēri se te li chēri, te cōgni laorare co fā eo".<sup>4</sup> O roubo jamais era admitido, em hipótese nenhuma. Ser ladrão era atingir o mais baixo nível de degradação. Mais uma vez Nanetto de posse de seus trocados dialogando imaginariamente com sua mãe, quando lhe comunica o ganho do dinheiro, a primeira recomendação consiste em saber se não foram roubados: "varda, seto, ca no te li gāi robādi eh? roba robada, roba sbregada".<sup>5a</sup>

Os colonos da ex-colônia de Silveira Martins foram atingidos rapidamente pelas notícias de Novas Terras, mais fáceis de serem trabalhadas e mais adequadas ao tipo de cultivares por eles desenvolvidos. Além disso eles mesmos podiam constatar visualmente estas terras diferentes. A estreita tira montanhosa do começo da Serra Geral dava-lhe a possibilidade de ver planícies ao sul e, também, os vastos campos ao norte. Passados, portanto, os primeiros anos de euforia pelo fato de plantar em terra própria, ainda que abrupta,<sup>5</sup> surgiram as possibilidades de terras mais adequadas às atividades agrícolas, onde com menos trabalho se poderia produzir mais. A isto aliava-se a rápida redução da fertilidade devido ao desmatamento desordenado, às queimadas contínuas e à erosão. Segundo as estatísticas oficiais "o rendimento: o milho rendia de 80 a 200 por l, em média 120 por l, ao menos nos vinte primeiros anos de cultura na mesma colônia. O feijão preto produzia entre 20 e 50 sacos por l. O trigo entre 20 a 60. A cevada, 10 a 20. Batatinha, 10 a 20, nos primeiros anos, caindo logo para 4 por l".<sup>6</sup> Não tardaram as ofertas de terras novas mais planas e com a fertilidade de antigamente, em novas frentes de colonização.

As novas frentes de colonização eram executadas através da migração interna, aproveitando o crescimento demográfico dos imigrantes e, em especial, o desejo de procurar maiores extensões e melhores terras. Já havendo incorporado a experiência da primeira grande aventura em busca de fartura e fortuna, não custava correr um novo desafio, agora com muito menor risco, para garantir e completar o pleno sucesso de seus sonhos. Além das companhias colonizadoras fazendo uma campanha intensa de atrativos e a participação do clero como agente de imigração, as iniciativas encontravam uma relativa superpopula

ção rural, devido às famílias numerosas. Os sacerdotes, novamente, viam nestas novas frentes a mão de Deus trazendo oportunidades para os descendentes encontrarem terras para seu sustento e realização. Foi assim que muitos colonos da Colônia de Silveira Martins se incorporaram às novas correntes migratórias, especialmente às que se destinavam a colonizar os vales cobertos de mata do rio Ijuí e do Uruguai. Os Padres Palotinos já trabalhavam desde 1903 em Cruz Alta e conseguiram levar muita gente para os núcleos de Pejuçara e Augusto Pestana, então Cadeado. Mas a grande evasão vai acontecer quando surgem as fabulosas ofertas de terras no Paraná. Houve uma forte publicidade em todo o estado buscando atrair descendentes de imigrantes italianos e alemães. Em Silveira Martins a iniciativa mereceu um intenso apoio dos Padres Palotinos, seja por preocupações pastorais, como também por vantagens econômicas, como recompensas da arregimentação de migrantes. A cidade paranaense de Palotina representa o marco e centro desta dupla participação, a dos agricultores e a dos palotinos. A ordem palotina encarregava-se de dar toda assistência religiosa a quem seguisse para nova frente. Ainda hoje estão dando todo o trabalho pastoral na região.

Outras áreas que se tornaram atrativo para os descendentes dos imigrantes situam-se na região da campanha no sudoeste do estado. As vastas várzeas dos rios Santa Maria, Vacacaí e Ibicuí, entre outros menores, transformaram-se em grandes plantações de arroz, graças à iniciativa dos imigrantes saídos da antiga colônia de Silveira Martins.

Existem outros motivos que produziram esses movimentos migratórios, esvaziando as velhas colônias; são as novas técnicas introduzidas no setor agrícola, especialmente o maquinário. Em primeiro lugar vem a invenção de um maquinário moderno aplicado à agricultura, que se apresentava inadequado para o uso em terrenos acidentados. Em segundo lugar está a utilização de corretivos do solo, o que proporcionou a recuperação das áreas de campo, consideradas inadequadas, até então e especialmente pelo imigrante italiano, para a lavoura. O agricultor não esperou muito para concluir que, se quisesse progredir e acompanhar a evolução tecnológica, precisaria abandonar suas pirambeiras e sair em busca de terras mais planas. As decisões não se fizeram esperar. Com isto as velhas encostas da Serra de São Martinho vêm partir silenciosamente grandes contingentes de trabalhadores e, ao mesmo tempo, deixam de apresentar o multicolorido das grandes roças das de milho e trigo. E os que ficavam sentiam nascer um sentimento de nostalgia e saudade, quando não, de certo complexo de inferioridade, por não conseguir partir também.

Diante destes fatos migratórios resta ainda uma consideração. O imigrante italiano, em geral, vê a terra como um mero instrumento a ser usado, quando envelhecido, desgastado ou ultrapassado, abandona-se e compra-se outro novo ou melhor. A terra também, quando cansada, exaurida, às vezes maltratada, vende-se e parte-se para novas frentes e Terras Novas. Jacques Cousteau, baseado em seus estudos nas viagens pela Amazônia, faz ao Governo brasileiro as seguintes observações: "agricultores que chegam do Sul sem conhecimentos técnicos, que não sabem plantar, nem preparar a terra, nem usar fertilizantes. E sugerem que o governo treine previamente esses homens para que trabalhem adequadamente a terra".<sup>8</sup>

Esses fatos vem de longa data e se repetem. Talvez esses erros possam ser corrigidos mudando-se a filosofia do uso da terra. A terra precisa ser cultivada. Cultivar a terra não é apenas plantar, fazê-la produzir, mas cuidar de sua constituição, preservar os microorganismos e fornecer-lhe os elementos indispensáveis para que ela viva. O que se está fazendo é uma exploração devastadora da terra. Os fertilizantes não repõem, em geral, e esgotam mais ainda.

Com essa filosofia exploratória da terra, dominante entre os imigrantes e colonizadores, a ex-colônia de Silveira Martins estava dando mais um passo na marcha irreversível de seu declínio.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. DE BONI, Luis A. e COSTA, R. Op.Cit. "Esta atitude do imigrante ante o trabalho não deixava de ser ideológica". p.85.
2. Idem, ibidem. "O trabalho tornou-se, para o colono, o segredo da fortuna, causa do progresso e prova de honorabilidade".
3. BERNARDI, Aquiles. Op.Cit. "Tu trabalhaste, realmente, como um homem". p.85.
4. Idem. Dinheiro, se quiseres, deves trabalhar como eu". p.86.
5. Idem. "Cuidado, que não o tenhas roubado! Roupa roubada, roupa rasgada". p.85.
6. MANFROI, Olívio. Op.Cit. p.119.
7. MARCUZZO, Clementino Pe. Centenário de Vale Veronês. Ed. Pallotti, Santa Maria, 1982. O autor cita mais de duas dezenas de granjas espalhadas em vários municípios da campanha de propriedade de famílias saídas de Vale Veronês. Ver p.180-198.

8. COUSTEAU, Jacques. ZERO HORA, Jornal. Porto Alegre, 28.3.84. p.3.
9. MARCUZZO, Clementino. Op.Cit. "Varda Maria: i par brú ti pōsti, ma la zê terra nostra". p.18.

#### SITUAÇÃO GEOGRÁFICA

O fator geográfico merece, sem dúvida, uma atenção especial, ainda que não se possa chegar a afirmações categóricas sobre sua potencialidade causal, para se tentar compreender os rumos da história da colonização italiana na Serra de São Martinho. Silveira Martins é a única, entre as quatro Colônias oficiais italianas, que não tem como ponto de referência Porto Alegre, mas sim Santa Maria. Tal fato deve ser significativamente diferenciante. Santa Maria não era um grande centro urbano, era uma pequena cidade que não oferecia grandes recursos, nem mesmo se constituía numa grande praça de consumo. Seja como for, esta diferença de pólo de atração deve ser tratado com muito respeito, pois ele acaba determinando uma série de acontecimentos, talvez difíceis de serem explicados, mas reais.

A proximidade da cidade de Santa Maria, segundo expõe Antônio Isaia, exerceu uma influência negativa na afirmação e consolidação do desenvolvimento da Colônia Silveira Martins. Santa Maria teria proporcionado oportunidade para a preguiça e a acomodação. Vejamos seu argumento. Caxias e as outras colônias vizinhas se desenvolveram porque foram obrigadas por um princípio de sobrevivência. Longe do seu centro de atração, Porto Alegre, não tinham a quem recorrer. Só podiam contar consigo mesmas, ou seja, com sua capacidade inventiva. A Colônia Silveira Martins, mais próxima ao centro de atração, na hora do aperto, buscava em Santa Maria os recursos de primeira necessidade, desobrigando-se de inventar e fabricar. E ainda, em 1885, chega a estrada de ferro, que traz inclusive os últimos imigrantes, e de Porto Alegre trazia o que Santa Maria não oferecia. Nem mesmo precisava ir até Santa Maria, pois parava na estação Colônia, hoje Camobi, distante de Arroio Grande 8 Km e de Silveira Martins 18 Km. Caxias só obteve a ferrovia em 1910.

Com o correr do tempo Santa Maria passou a exercer um outro tipo de atrativo sobre os imigrantes e seus descendentes. Santa Maria torna-se o maior centro ferroviário do estado. Aqui estava a única passagem ferroviária para São Paulo e todo centro do país. A viação férrea atraiu muita mão-de-obra, o que já acontecera na época da construção da ferrovia que se dá, justamente, na época da chegada dos primeiros imigrantes, onde muitos deles encontraram um meio de ganhar algum dinheiro, mais

facilmente do que esperar a venda dos produtos coloniais. Além de centro ferroviário, Santa Maria passou também a ser, cada vez mais, considerada um ponto da estratégia militar. O pequeno acampamento que deu origem à cidade foi se tornando uma concentração militar das maiores do país. Com os ferroviários e os militares, exército, aeronáutica e brigada, a população aumentou rapidamente. O mercado de consumo tornou-se expressivo e atracente. Começava desenvolver-se um excelente centro comercial. Assim, não são os agricultores que deixam a terra em troca da cidade, estes partiram para novas terras; quem vai deixar a colônia são os comerciantes dos núcleos coloniais; vendo diminuir a população com as sucessivas migrações, resolvem fixar-se num centro maior. Grande parte das casas comerciais do comércio tradicional de Santa Maria tem suas raízes e começos, em certos casos de grande esplendor, nos pequenos núcleos da imigração italiana. Isto não exclue a imigração judaica e alemã. Aos poucos as grandes vendas de secos e molhados, e compradores dos produtos coloniais, foram se transferindo para a cidade, ou reduzindo-se a pequenas proporções, e, em muitos casos, fechando definitivamente suas portas. É comum observarmos, em grande parte dos antigos e prósperos núcleos da primeira fase da Colônia, prédios fechados, semi-ocupados como depósitos, ou simplesmente abandonados e em ruínas. É o que resta daquilo que foi outrora um grande centro comercial. Um exemplo triste é a casa comercial de Affonso Possebon de Arroio Grande. Com a transferência para a cidade, lá ficou uma ruína, lembrando apenas o que fora um centro comercial de grande porte, como era a firma Cauduro, da qual fazia parte.

Santa Maria não exerceu o mesmo atrativo, o que se torna estranho, em relação às pequenas indústrias da Colônia. Isto se verifica em especial no setor da metalurgia. A maioria fechou suas portas, algumas estacionaram ou até reduziram suas proporções. Os pequenos moinhos, na sua maioria, viram-se obrigados a fechar. Alguns, de maior porte, se transferiram para a cidade. Os engenhos de arroz foram os que mais resistiram e permanecem. Vários deles estão crescendo e representam ainda o maior índice industrial da região de imigração. Serrarias, alambiques e marcenarias praticamente não existem mais, salvo raras exceções. As serrarias fecharam por falta de matéria prima. Os alambiques devido às leis fiscais. A indústria moveleira, em parte, fixou-se em Santa Maria. Mas a maioria fechou por falta de condições de resistir à concorrência, especialmente depois dos pré-fabricados e modulados.

As razões podem ser múltiplas, seja por parte da cidade, seja por parte da colônia. O que se deve ob-

servar que, um atrativo só funciona quando alguém se deixa atrair, há a possibilidade de resistir. Teoricamente podemos falar que se pode ir ao consumidor, ou fazer o consumidor chegar até nós. O que se observa, no caso, é que com as migrações em busca de terras novas, a população decresceu. Com o surgimento do automóvel era mais fácil comprar na cidade maior, onde havia mais alternativas. Tudo isto, não tem dúvida, pesa no processo de desenvolvimento de uma localidade. Vejamos, porém, um outro elemento geográfico que, também, é interessante de ser lembrado.

O território da ex-colônia de Silveira Martins é relativamente pequeno, considerando-se as grandes extensões da região colonial italiana de Caxias. Ele está cercado de todos os lados por elementos culturalmente estranhos ao imigrante italiano. A leste estão os alemães ocupando as margens do rio Jacuí. Ao sul, oeste e norte, estão os descendentes dos lusos e açorianos, acompanhados do variado elemento humano que compunha a população da fazenda de criação de gado, em geral negros, mestiços e mulatos. Grande parte da área colonizada já não era tão desconhecida. Frequentemente eram encontrados casebres e mesmo lugarejos, onde se refugiavam os fugitivos da polícia ou das fazendas. No diário de Júlio Lorenzoni encontramos várias referências aos negros e caboclos que circulavam pela Colônia, havendo até enfrentamentos entre os imigrantes e eles.<sup>1</sup> Em geral eram apontados como elementos perigosos e criminosos. Faxinal do Soturno era, antes de ser colonizado, um refúgio de vagabundos. "Os imensos bolsões penhascosos da Serra de São Martinho serviam de refúgio também aos foragidos da polícia, que, em bandos, infestavam as matarias, onde se ocultavam das leis, principalmente do recrutamento militar. E foi justamente a presença desses bandos de vagabundos que mais dificultou os primórdios da colonização".<sup>2</sup> Os fundadores de Novo Treviso, uma vez terminadas suas provisões e farrinhas, resolveram sair à cata de alimentos. Encontraram uns barracos de caboclos conseguindo junto a eles algumas abóboras para matar a fome.<sup>3</sup>

A presença acentuada de elementos culturalmente estranhos fez com que rapidamente fosse rompida a homogeneidade cultural do italiano. Aos poucos foi-se perdendo a identidade cultural que é um fator fundamental de unidade. "Para o antropólogo, a ênfase da etnia e da língua são de real importância à estruturação da identidade pessoal".<sup>4</sup> O rompimento da unidade cultural e da identidade italiana está bem caracterizada pela perda da língua. O dialeto rapidamente deixou de ser falado; hoje, no território da ex-colônia de Silveira Martins, a maioria das pessoas com a idade de 50 anos fala muito mal seu dialeto.

to, apenas entendem, outros não falam, e alguns nem mesmo entendem. O dialeto deixou de ser a língua da comunicação familiar. Em alguns casos, só entre o casal, se já for de uma certa idade. A importância da língua para a manutenção da homogeneidade e da identidade cultural é fundamental, basta ver o esforço de recuperar os falares dialetais nas comemorações centenárias da imigração italiana. Esta abertura para a aceitação e integração com as demais etnias e culturas foi muito mais decisiva do que o decreto imperial, em nosso modo de entender, no processo de divisão e de enfraquecimento dos ideais de uma "Città Nuova". O que também confirma que os colonos, em geral, não estavam muito convictos da proposta da Città Nuova, talvez até tivessem pouco conhecimento a respeito.

As observações, acima levantadas, montam algumas conjecturas, que não podem ser colocadas como causas de explicação dos acontecimentos históricos aqui ocorridos. Nenhuma delas resiste a uma análise mais rigorosa, aplicando-se métodos matemáticos, científicos, e mesmo se fizermos estudos comparativos, pois causas idênticas não produzem efeitos idênticos. Assim mais uma vez acabamos sem uma explicação do tipo causa dos fatos, o que não é nosso objetivo, e sim com uma situação existente, como algo que está aí e aconteceu. Indo talvez um pouco mais adiante conseguiremos achar novos elementos que nos mostrem um pouco mais a tessitura do enredo que fez com que estreitos vales do território da ex-colônia de Silveira Martins surgisse o silêncio dos sinos, como símbolo da parada de seu desenvolvimento.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. LORENZONI, Júlio. Op.Cit. p.56-57.—2. CESCA, Olivo. Op. CIT. p.21.—3. BUSANELLO, Pio Pe. Op.Cit.—4. BATTISTEL, A. e COSTA, R. Op.Cit. p.5.

#### UMA ESCOLA INÚTIL (?)

O Ensino nas Colônias Italianas do Rio Grande do Sul já mereceu muita atenção e, inclusive, foi ampla e profundamente analisado em várias e excelentes obras. Praticamente nenhum trabalho enfocando os imigrantes esqueceu de focar a questão do ensino. Em todas elas se destaca uma nota comum: a pouca preocupação dos imigrantes, na maioria das comunidades, em relação à escola. São poucas as comunidades que investem em escolas. O pouco ensino existente é feito por professores, em sua residência e à noite, por ser o mais instruído do lugar, com o fim de ensinar ler, escrever e contar. O pesquisador, em geral, quer saber as causas, que nem sempre as acha, e quando julga tê-las achado, dificilmente pode produzir

enunciados afirmativos categóricos do tipo dois mais dois, igual a quatro. De qualquer maneira vamos tentar seguir o fio condutor que nos auxilia situar os possíveis papéis desempenhados pela escola ou pelo ensino na história dos imigrantes italianos da ex-colônia de Silveira Martins.

Pouco se sabe com segurança e objetividade sobre o ensino, as escolas e os professores nas primeiras dezenas de anos de colonização nesta região. Júlio Lorenzoni, que foi professor em Dona Isabel, nada registra em suas memórias, sobre qualquer iniciativa a esse respeito, durante os anos que permaneceu em Silveira Martins e Arroio Grande. Uma das fontes mais seguras sobre o andamento do ensino, O Cinquentenário da Imigração Italiana, quanto trata do ensino em geral referente a toda a imigração, tem apenas uma referência ao Professor Andrea Pozzobom, como um pioneiro e benemérito na localidade de Arroio Grande.<sup>1</sup> E nada mais é dito. O Pe. Marcuzzo fala do primeiro professor de Vale Veronês, o Sr. Antônio Ceretta, como o primeiro a organizar uma escola particular no núcleo. Não diz quando começou. Mas como ele morreu em 1917, presume-se que deva ter atuado ainda no final do século passado.<sup>2</sup> O Cônsul Pascoal Corte em seu relatório sobre a colônia Silveira Martins, apresentado em 1884, assim diz: "lamento, no entanto, de acrescentar que encontrei muito descuidada a instrução, quer por parte do Governo Brasileiro, quer por parte dos colonos. Com efeito, somente no agosto passado chegou na sede para se encarregar da escola mista governativa uma mestra brasileira, e das escolas italianas não encontrei senão uma incipiente no Vale Vêneto".<sup>3</sup>

Se o começo da colonização a escola era inexpressiva, logo nas primeiras décadas deste século, floresce um grande centro estudantil e educacional em um dos principais núcleos, Vale Vêneto. Com a vinda dos Padres Palotinos e, por convite destes, a chegada das Irmãs da Ordem Franciscana, duas grandes escolas, uma para o sexo masculino, outra para o sexo feminino, com seus internatos e externatos, estabeleceram as bases de uma vida estudantil intensa. O ensino era de alto padrão. Seu modelo era europeu. Nestas escolas, as duas ordens religiosas que as dirigiam, além de formarem seus próprios quadros, abriam, ao mesmo tempo, suas portas a todos indistintamente. Infelizmente, para quem não se destinasse à vida religiosa, era um ensino até certo ponto inútil, pelo menos inadequado, particularmente para os filhos dos colonos. Quem freqüentava as escolas sabia que receberia uma boa fundamentação educativa humanística, mas que para suas lides agrícolas pouco significava. Caso quisesse aproveitar seus conhecimentos de maneira mais efetiva havia apenas dois caminhos a seguir. O primeiro, ingressar

na vida religiosa, o segundo partir para um centro maior onde pudesse continuar seus estudos, ou arrumar algum emprego burocrático. É exatamente esse tipo de ensino acadêmico e livresco que Antônio Isaia, em suas palestras, denuncia e aponta como uma das causas de estagnação no processo de desenvolvimento, não só da Colônia de Silveira Martins, mas também de toda a região de Santa Maria. As escolas formavam uma juventude acadêmica e bem ilustrada, mas pouco prática. Tal ensino podia ser muito interessante para o estágio cultural europeu do período medieval, mas profundamente distanciado para o momento e a realidade da Colônia.<sup>4</sup>

Os próprios imigrantes, concentrados em seus trabalhos de produzir o seu sustento e seu bem-estar, tendo como preocupação básica e imediatista seu crescimento econômico, em nenhum momento parece sentir na escola um instrumento para atingir suas ambições. Por isso é comum entre eles a indiferença diante de qualquer iniciativa para a fundação de escolas.<sup>5</sup> E quando instados a colaborar, ou mesmo enviar os filhos à escola, os imigrantes revelam não só sua contrariedade, mas manifestam claramente que a escola era uma inutilidade para eles e para seus filhos. "Eu vivi e comprei terras sem saber ler, nem escrever, meus filhos podem fazer o mesmo".<sup>6</sup> Houve inclusive casos de imigrantes que se negaram a contribuir para a formação de escolas, pois estas só serviam para instruir pessoas, que posteriormente só iriam lograr aos colônos.

Diante destes fatos e considerando o pensamento pragmático do imigrante, aliados às análises atuais da escola e do ensino da época, sem dúvida os imigrantes não estavam cometendo um crime cultural tão execrando como pode parecer à primeira vista, talvez, eles, consideradas as circunstâncias, estivessem tomando a decisão mais correta, embora sem o conhecimento dos reais motivos que justificam suas atitudes. Hoje, olhando para as escolas e o ensino que eram propostos aos imigrantes, pode-se dizer que não só eram inúteis, como também nefastos. É neste sentido que interpretamos a seguinte passagem de A. Battistel e R. Costa: "A escola não melhoraria sua situação sócio-econômica nem seria um recurso para resolver os problemas da vida rural. Seria mais um 'enfeite' cultural, como hoje é um instrumento urbanizador. No início e agora, a escola continua à margem da vida rural e talvez seja o mais forte veículo de evasão da vida agrícola à vida urbana".<sup>7</sup> Dentro deste contexto deve-se olhar para os grandes colégios fechados e quase abandonados que o vidente estupefato pode ver em Arroio Grande, Silveira Martins, Vale Vêneto ou Novo Treviso. Colégios outrora superlotados de crianças, hoje, entregues às moscas, ou re-

duzidos à algumas salas. É certo, não se pode esquecer a política educacional governamental nefasta às escolas particulares, mas à inexistência de população estudantil, motivada pelo êxodo rural, com a contribuição das mesmas escolas. A cada diploma que a escola fornecia, sem saber, estava cavando sua própria sepultura. Além disto os governos municipais ou estadual, em lugar de aproveitar a ociosidade dos mesmos, preferiu também construir suas próprias escolas. E num levantamento, feito pelo vereador José Carlos Busanello, no Município de Nolva Palma há escolas com um, dois ou três alunos apenas. A este quadro deve-se também juntar a redução do tamanho da família. As numerosas famílias de doze, quinze e até dezoito filhos, foram reduzidas a dois ou quatro filhos. Novamente, pode-se ver não há uma causa, mas uma série de circunstâncias que conduz a direção do processo histórico para rumos, até certo ponto, totalmente imprevisíveis.

Em nenhum momento surge na Colônia um movimento para se estabelecer uma escola que ministrasse um ensino voltado para os interesses da lavoura e da vida rural. Tudo canta e consagra a vida urbana. Deve-se aqui fazer uma ressalva aos catedráticos ambulantes que percorriam as colônias orientando os colonos nas lides agrícolas. Mas a colônia de Silveira Martins, como estava distante das demais, não teve uma assistência maior, salvo algumas visitas esporádicas. Com isto não apareceu uma figura como Celeste Gobatto, o grande incentivador do aperfeiçoamento e desenvolvimento da agricultura da Região de Caxias. Nem sentiu a presença forte e ativa de Paternão, o grande apóstolo do cooperativismo. O espaço, portanto, de um ensino mais dirigido para a agricultura, está ainda em aberto e a descoberto na ex-colônia de Silveira Martins. Talvez a Universidade Federal de Santa Maria, com seus tímidos Ginásios Agrícolas, consiga montar um esquema escolar capaz de reativar o antigo brilho das montanhas e dois estreitos vales da Serra de São Martinho, construído com suores e com poucos conhecimentos trazidos pelos corajosos imigrantes.

Aos poucos os descendentes do imigrante italiano da ex-colônia de Silveira Martins passam a ver no estudo um caminho da libertação dos duros trabalhos camponeses. Tal atitude cresce e se fortalece com o surgimento do Ensino Superior em Santa Maria, especialmente com a instalação da Universidade Federal. Dar estudo aos filhos passou a ser um objetivo comum. Os pais queriam evitar que seus filhos passassem pelas mesmas atribulações. Estudar era sinônimo de um futuro melhor, longe dos sofrimentos e das privações suportadas pelos pais na vida rural. Os filhos formados passavam a ser motivo de orgulho e de sucesso. As fotografias dos "doutores" em qua-

dros emoldurados passam a ter o mesmo destaque dos quadros dos Santos, do Sagrado Coração de Jesus e de Maria, quando não os substituem.

A escola, antes inútil, agora serve para libertação. Ela não é, portanto, vista como um meio ou um investimento dirigidos para o desenvolvimento do mundo rural. Ao contrário, ela se torna o caminho de fuga. A formação escolar, em especial a Escola Superior, torna-se uma meta final, um ponto de chegada e um triunfo pessoal. Os "doutores" passam a ser olhados com admiração marcada por uma profunda e respeitosa inveja por todos os que tiveram a mesma sorte. As várias obras comemorativas de datas centenárias trazendo a relação de todos os que conseguiram cursar a escola superior mostra o quanto valia tornar-se "doutor". Os heróis do trabalho cotidiano, parecem ser figuras do passado, admirados e olhados com certa compaixão. Tal mentalidade acabou desraizando os novos heróis, formados nas escolas, de suas origens. Com isso perderam sua identidade cultural, aquela dos imigrantes. Cada um se engravata e se encastela em seu gabinete, em seu consultório ou em seu escritório e proclama sua libertação dos trabalhos penosos do mundo agrícola. Em muitos casos evita-se falar das origens, e, quase sempre, esquece-se a dureza da vida rural, quando chega a hora de cobrar os honorários tabelados pelos serviços prestados aos antigos "irmãos" do campo.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CINQUANTENARIO. Op.Cit. p.401.-2. MARCUZZO, Clementino. Op.Cit. p.104.-3. BATTISTEL, A. e COSTA, R. Op. Cit. p.41.-4. ISAIA, Antônio. Palestras. Notas do Autor.-5. MANFROI, Olívio. Op.Cit. p.137.-6. VERONE SI In MANFROI, Olívio. Op.Cit. p.136.-7. BATTISTEL. A. e COSTA, R. Op.Cit. p.41.

#### AS TRAVESSIAS MORTAIS

Todo processo de desenvolvimento é constituído por passos sucessivos vencendo etapas que se interligam entre si numa aparente dependência causal. Os teóricos em sociologia, história ou economia buscam definir regras ou leis constantes através das quais buscam explicar os mecanismos subjacentes nestes processos de desenvolvimento. A base destas explicações é o princípio de causalidade, o que significa dizer que uma etapa determina a etapa seguinte, e assim sucessivamente dentro de uma linearidade de causas e efeitos ou conseqüências. Tal compreensão dos processos de desenvolvimento supõe um certo rigor ou constância na sucessão de cada etapa, definindo uma etapa como causa de outra etapa como efeito.

Em relação aos estudos já feitos sobre o processo de desenvolvimento econômico, social, industrial e cultural das colônias da imigração italiana não encontramos uma explicação unânime. Há vozes discordantes. Os teóricos utilizados como base para compreender o acontecer do desenvolvimento também não são concordes. Entre esses teóricos podemos citar Limeira Tejo, Paulo Singer, Jean Roche. Não é nossa intenção contestar tais autores, nem as explicações dadas a partir dos mesmos, mas questionamos uma explicação causal dos fatos humanos. Por isso esta análise do processo de desenvolvimento da região da ex-colônia Silveira Martins buscar descrever algumas circunstâncias que constituem as diferentes etapas de seu processo de desenvolvimento no momento em que este toma rumos, até certo ponto, contrários a tudo o que se poderia prever. Há, sem dúvida, nos processos de desenvolvimento uma organicidade, embora não comandada por causalidades. Uma descrição dos acontecimentos julgamos ser a melhor maneira de buscar uma compreensão do grande silêncio que se abateu sobre a Serra de São Martinho. Não se trata de explicar.

Em cada processo de desenvolvimento surgem momentos críticos que precisam ser superados. Ou, se quisermos, certos passos ou certas etapas são vencidas com naturalidade, mas há outras etapas que é preciso arriscar, imaginar ou prever. Há momentos que se precisa mudar, e mudar com urgência e rapidez. São os terríveis momentos das grandes decisões. É preciso decidir, sem saber exatamente porque. São as circunstâncias, os aspectos ou os elementos, que nos surpreendem inopinadamente, que exigem e impõem mudanças e decisões. Só o homem ágil, inventivo e criativo consegue achar as respostas adequadas. O engano de interpretação do momento pode ser fatal. A travessia de uma etapa para outra torna-se o instante decisivo do crescimento, quando bem realizada leva ao sucesso; quando não é executada, ou mal executada, começa a decadência que conduz à estagnação. Essas travessias podem abrir para uma sucessão de novas conquistas, ou elas podem tornar-se mortais. O processo de desenvolvimento econômico e industrial da quarta colônia da imigração italiana amargou várias travessias mortais. Os sinais destas travessias mal sucedidas vamos tentar descrever sem dados matemáticos e estatísticos, mas pela observação da paisagem que é oferecida a todo aquele que percorrer atentamente os caminhos de Arroio Grande e Cambará; de Dona Francisca a Ivorã.

Na tentativa de sistematizar a análise dos momentos críticos não superados, chamados aqui de travessias mortais, vamos dividir a paisagem em duas áreas, embora inseparáveis no processo de desenvolvimento: a área

econômica e a área social.

### Área econômica

Para podermos descrever a surpreendente parada no desenvolvimento econômico da região, e para adotar um certo ponto de referência, nos valem os do excelente trabalho de Valentim Lazzarotto, **Pobres Construtores de Riquezas**, onde ele analisa e mostra o que aconteceu e como aconteceu a expansão da Metalúrgica Abramo Eberle.<sup>1</sup> Creemos que todos os empreendimentos industriais e comerciais só conseguiram se desenvolver e sobreviver graças à agilidade e visão administrativas dos dirigentes, não por princípios técnicos ou científicos. Esses não são excluídos radicalmente, mas só funcionam quando submetidos às adaptações circunstanciais nascidas da agilidade e da inventividade do homem.

A colônia Silveira Martins desencadeou seu processo de desenvolvimento econômico em três setores distintos, mas profundamente ligados entre si, a agricultura, o comércio e a indústria. Esses três setores nascem como meios de subsistência. Planta-se para a sobrevivência. No comércio buscam-se os mantimentos necessários, não tirados do trabalho agrícola, ou os materiais necessários ao próprio trabalho. A indústria nasce da necessidade de suprir necessidades diretamente ligadas às situações do imigrante, novamente a vida agrícola, ou habitação e vestuário. Como já vimos na primeira parte deste trabalho, os imigrantes italianos de Silveira Martins acompanharam, até metade deste século, ou pouco mais, o mesmo ritmo de crescimento das suas coirmãs.

O setor agrícola sofreu um golpe fatal diante de uma agricultura predatória instalada pelos imigrantes. O declínio rápido da fertilidade das terras pelo mau uso provocou uma acentuada diminuição da produtividade, portanto de produtos comerciáveis. O momento tornara-se crítico pois surgia também a colocação dos filhos numerosos. Era preciso uma solução. A solução mais correta para não interromper o processo de desenvolvimento, não só do setor agrícola, mas também comercial e industrial, deveria ser buscada nas mudanças de trato com a terra, num reestudo de uma ocupação mais correta com cultivares mais adequados, como viticultura, cítricos etc. ou hortigranjeiros em geral, o que exigia, de um lado, um investimento na melhoria de castas e qualidade de sementes, de outro lado, precisava-se incentivar a organização de cooperativas e associações, capazes de garantir industrialização e comercialização. Isto não aconteceu. Foi a primeira travessia não efetuada. Em sua esteira repetir-se-ia outras fracassadas travessias. A evasão da população rural foi geral, pois optou-se pela solução mais fácil,

mais cômoda e menos onerosa, a troca das terras cansadas, como diziam - de fato depredadas - pelas novas terras. Com a migração para outras regiões, a população diminuiu, o que vai afetar duplamente o setor comercial. Em primeiro lugar pela perda acentuada de consumidores, em segundo lugar pela perda de boa parte de mercadorias agrícolas que as casas comerciais intermediavam para centros maiores.

Os colonos remanescentes continuaram praticando a mesma agricultura. A mecanização é a monocultura fez com que os proprietários só passassem a ocupar as áreas mecanizáveis. As áreas mais acidentadas ou foram abandonadas, ou são ocupadas por arrendatários, em regime de parceria, com roçadas e queimadas anuais, numa situação de mera sobrevivência, esperando uma oportunidade para migrar para a cidade. Os parreirais e pomares foram abandonados, ou mesmo cortados, sob o pretexto de não mais produzirem. Quase nada se faz para recuperá-los. A suíno cultura e o gado leiteiro ficaram reduzidos a pequenas proporções. No fundo todos sonham com o universo urbano.

As atividades comerciais e industriais foram vinculadas, na ex-colônia de Silveira Martins, ao universo agrícola. As atividades agrícolas constituíram-se na base única de toda a vida da colônia, assim o comércio e a indústria dependiam direta ou indiretamente da agricultura. Tal dependência, sem dúvida, fundamental e compreensível inicialmente, tornou-se com o correr do tempo perniciosa para o processo de desenvolvimento de toda a colônia, mas especialmente para os empreendimentos comerciais e industriais.

O processo de desenvolvimento, tanto do setor comercial, quanto do setor industrial, não pode ser reduzido a um fato único e uniforme, o que torna inviável uma explicação unívoca. Mais, nem mesmo os empreendimentos de cada setor separadamente podem ser analisados sob uma ótica generalizante. Na medida em que as iniciativas comerciais e industriais acontecem na esfera familiar e artesanal, elementos exclusivos e particulares de ordem afetiva e existencial, como namoros, casamentos, noivados rompidos, falecimentos prematuros, etc. acabaram alterando profundamente as decisões da esfera dos negócios e profissionais. Isto acontece quando não se consegue fazer a passagem de uma administração familiar para uma administração empresarial. Os fatores familiares acabam sobrepujando-se aos fatores empresariais.

O setor comercial, talvez, conseguirá atingir um grau de maior maturidade, mas também não resistiu ao declínio que abateu sobre o processo econômico da colônia. Algumas firmas expressivas e sólidas acabaram fechando ou transferindo-se para centros maiores. Os moti-

vos não são, propriamente de ordem administrativa, mas como consequência de sua estreita vinculação com o setor agrícola. Com a rápida diminuição da fertilidade do solo surgem dois fatos; primeiro, uma grande redução da produção agrícola; segundo, uma procura de terras melhores e o conseqüente despovoamento da região. O comércio, alicerçado na economia rural, sofre uma dupla perda, a dos consumidores de seus produtos manufaturados, e a dos fornecedores de seus produtos de comercialização provenientes da lavoura, já que o comércio intermediava toda a produção agrícola. Na falta de outras perspectivas havia só duas alternativas, ou fechar ou migrar para outros centros.

Há ainda, no contexto das atividades comerciais, um dado significativo a ser considerado. Nem todos os comerciantes mantiveram a filosofia das primeiras vendas, baseadas na prestação de serviços ao imigrante, procurando suprir tudo o que faltasse, desde atividades bancárias até o fornecimento de remédios. O comerciante, não raro, conforme lemos em "Assim vivem os italianos", passou a ser o explorador mais pernicioso ao colono, ... impondo-lhe preços arbitrários para seus produtos, enriquecendo em breve tempo".<sup>2</sup>

O setor industrial da ex-colônia de Silveira Martins oferece a paisagem mais complexa. Quem diria que a indústria de Ângelo Bozzetto com a produção de sua famosa trilhadeira "Tigre" chegasse aos patamares do quase fechamento. Ninguém, certamente, imaginaria que as promissoras iniciativas artesanais de Arroio Grande deixariam de montar um expressivo parque industrial, muito menos pensaria que baixasse a quase zero. Qualquer um confiava que Novo Treviso tornar-se-ia um grande centro moço e muito menos que Nova Treviso tornar-se-ia o símbolo mais triste da total decadência. Diante destes fatos percebe-se um emaranhado de fios que se inter cruzam num desafio às teorias científicas. Sem querer achar explicações científicas para o fenômeno, vamos tentar detectar alguns fatores presentes, capazes de determinar tal reviravolta no setor industrial da colônia.

Através dos depoimentos de pessoas que trabalham em algumas destas indústrias, pode-se chegar a um dado certo; não houve modernização administrativa. Ou como nós preferimos dizer, não se deu a travessia da administração familiar para a empresarial. Na administração familiar está sempre em primeiro plano o sentimento, o que pode acobertar a incompetência, o nepotismo, a fixação em certa mentalidade sem a possibilidade de arejamento de idéias novas, e da democratização da empresa. Uma administração empresarial impõe, necessariamente, a desvincu-

lação da vida familiar de atividades empresariais. A história mostra que as grandes empresas, hoje, estão fora do controle familiar, e quando a família mantém a propriedade, mas não detém a administração. Em geral a empresa mantém o vínculo com o nome da família. Esta, às vezes, perdeu a propriedade e, com certeza, a administração depende de uma diretoria.

Novamente vamos recorrer ao trabalho de Lazzarotto para tentar outro fator que pode ter determinado a decadência das atividades industriais nesta região, ou seja a diversificação e a ampliação da produção. Segundo Lazzarotto, a firma Abramo Eberle conseguiu sobreviver às crises e mesmo enfrentar concorrências através de sua agilidade administrativa. Em A. Eberle não houve a preocupação de se fixar em alguns produtos, pelo contrário passou-se da ferradura de cavalos à fabricação de carretas para a produção de artigos de decoração e artigos sacros, até a fabricação de motores elétricos e máquinas. Ainda, quando a crise era maior, apelou para o consórcio entre indústria e comércio. "Todo vinho, toda garrafa, artigos coloniais do pai e do sogro iriam ser comercializados no centro do país. A comercialização de produtos coloniais durou enquanto foi elemento de sustentação da concorrência".<sup>3</sup> Esta coragem ou esta teimosia administrativas, bem como, maior espírito inventivo faltaram aos empreendedores industriais daqui. Não faltou, novamente segundo depoimentos orais de pessoas mais idosas, alguns golpes de esperteza. Em outras palavras, a honestidade nem sempre esteve presente nas iniciativas empresariais. Proprietários ou sócios, que após ter tirado o máximo de rendimento, e às vezes por procedimentos poucos lícitos, resolveram transferir-se para centros maiores, onde os lucros eram mais promissores.

De tudo isto, uma coisa parece clara; nem comércio nem indústria foram capazes de se tornar autônomas. Tanto as atividades comerciais, quanto as industriais estavam fundadas sobre a agricultura. Esta decaiu e levou de roldão comerciantes e industriais. Faltou ao comerciante e ao industrial capacidade para se tornarem a espinha dorsal da economia da colônia, substituindo a agricultura. Uma sociedade moderna e desenvolvida, hoje, tem sua base econômica no desenvolvimento industrial e comercial. Com isto também não podemos garantir que o fenômeno esteja explicado, encontramos outros fatores que se aliam a estas circunstâncias.

É fundamental, neste momento, ligar os empreendimentos econômicos ao decreto imperial que dividiu o território da colônia, anexando as áreas de três municípios. A não elevação de Silveira Martins à condição de sede municipal e o não surgimento de municípios no terri

tório da colônia repercutiram decisivamente no projeto econômico da mesma. O relatório do Cônsul Italiano Pascoal Corte é claro a esse respeito quando diz: É de toda necessidade que as principais colônias sejam erigidas em municípios autônomos, para que os impostos municipais que ora lá se recolhem, retornem a benefício das mesmas colônias e não dos municípios que não possuem interesses comuns, mas, ao contrário, diversos delas".<sup>4</sup> Observando o mapa verifica-se que os três retalhos da colônia constituem os confins dos territórios municipais respectivos, o que fortalecia o desinteresse da administração municipal. A ausência de um centro de convergência que atraísse os imigrantes sob o ponto de vista cultural, de interesses econômicos e políticos, impediu também que se constituísse um sistema viário e de transporte que interligasse toda a região. Mais uma vez o relatório de Corte diz: "É necessário prover-se à últimação das estradas e à manutenção delas".<sup>5</sup> As estradas não surgiram e pouco se fez a nível municipal para que o problema dos transportes fosse solucionado. Pelo que se constata, ainda hoje, as administrações municipais mostraram pouco interesse em investir na abertura e consolidação de estradas. O mesmo pode ser dito das administrações estadual e federal. Tanto que a região não conta ainda com um sistema viário básico com asfalto. Há um tímido começo de asfaltar o trecho de Nova Palma até a RS 509. Por incrível que pareça não há uma estrada troncal, cortando o território da antiga colônia, que tenha trafegabilidade permanente. O rio Soturno, ou qualquer ribeirão, com frequência transbordam, alagam as estradas e provocam interrupções, mais ou menos prolongadas, do fluxo normal de veículos.

Mas não foi apenas o descaso das administrações municipais que é responsável pela ausência de boas estradas, a intriga interna também contribuiu. Há o exemplo da chamada "estrada da questão", que estava sendo construída entre Faxinal e Dona Francisca, mas como moradores de Faxinal queriam que passasse por lá impediram a sua abertura. Hoje a estrada não existe. Restou a lembrança da "estrada da questão" na memória dos mais antigos.

Com a ausência de sedes municipais dentro da colônia, nenhuma iniciativa de projetos de urbanização aconteceu. Era impossível encontrar-se um loteamento. Comprar um terreno na vila era uma tarefa quase milagreira. Falar em abrir ruas parecia o fim do mundo. E mesmo quando esses obstáculos fossem superados, o colono ia morar no núcleo, em geral por ficar mais perto da assistência religiosa, por isto que a paróquia tornava-se importante também. A ida para o povoado não mudava a compreensão da vida, por isto o migrante levava seu ambiente rural. Man

tinha vacas, que eram soltas pelas ruas, porcos, galinhas e etc. Como exemplo desta mentalidade, ainda há pouco tempo, podia ver no centro da vila de Vale Vêneto um respeitável galinheiro. Nenhuma política de urbanização era aplicada.

#### Área social

Os sinos haviam-se tornado o símbolo central do Imigrante Italiano dentro de um contexto social e cultural muito bem definido. A sua simbologia só adquiriu força significativa graças aos valores, ideais e sonhos vividos por um grupo social em uma determinada época. Com as alterações do universo econômico, o espaço social e cultural trazido pelo imigrante italiano, aos poucos, foi se desmontando. Já não existe mais. Daí o silêncio do sino. A voz do sino aos poucos foi perdendo sua sonoridade significativa, porque não havia mais um mundo onde ecoasse. Ela perdia-se no vazio, um vazio incapaz de produzir ecos. A força significativa de uma linguagem, outrora tão expressiva, perdera sua própria paisagem. A linguagem do sino tornara-se para uma comunidade transformada, uma língua muda e morta.

A ordem social do imigrante italiano era teocêntrica. Os valores espirituais e religiosos, mesmo quando escamoteados, figuravam em primeiro plano. A figura do sacerdote pontificava soberana e absoluta. A Igreja ou a capela eram o centro de atração, seja do trabalho, seja do lazer, pois a vida religiosa confundia-se com o trabalho e com o lazer. Por isto o sino era a voz vibrante, próxima ou distante, que mantinha viva e atuante a presença de Deus. Assim fora, desde a despedida longínqua no vilarejo natal, durante os sobressaltos da perigosa travessia, até o momento presente marcado por um satisfatório grau de bem-estar.

É difícil falar-se em uma nova ordem social. Torna-se mais adequado falar em desabamento de uma ordem social. Mais do que se falar em novos valores que surgem, é mais visível o desaparecimento das coisas que não acontecem mais. A igreja deixa de ser o centro de atração. Todas aquelas atividades litúrgicas, imperceptivelmente, deixam de ser realizadas. A religiosidade parece se apagar lentamente. A figura do Padre diminui de tamanho e de presença. A vida familiar esvazia-se pela violenta redução da natalidade. As grandes famílias constituíam verdadeiras comunidades. Havia barulho, velhos, adultos, jovens e crianças todos envolvidos e sob o mesmo teto, em trabalhos intensos e sentados à mesma mesa. Os meios de comunicação vieram acabar com os longos saraus. As novelas ocupam o lugar da récita do terço. E assim, sem con-

trole, sem decisão e sem preparo o mundo do imigrante italiano é bombardeado impiedosamente. E desmorona sem resistência. O colono impotente e atônito vê as mudanças e as transformações acontecerem. Poucos têm consciência do que está acontecendo. Tudo é aceito como irreversível, natural talvez. As explicações são ingênuas e simplificadas, centradas no fato de que a juventude não quer mais nada com aquela vida dura dos trabalhos agrícolas, ou em meras constatações do surgimento da mecanização, do automóvel e da televisão. Há um conformismo, tudo mudou, agora é assim.

Diante desta situação e diante da desmontagem da ordem social tradicional constata-se que a maioria dos que ainda vivem na área rural sustentam dois pontos. O primeiro consiste na lembrança da vida dura dos primeiros tempos, cheia de privações, de trabalhos, de sofrimentos e de dificuldades de toda espécie. E aceitam-se como um dado positivo, as comodidades, o bem-estar, as facilidades e conforto de agora. O segundo lembra com certa amargura as mudanças no campo ético e religioso, tanto na família como no setor social. É unânime a queixa que antigamente havia mais moralidade, mais honestidade, mais amizades, mais compreensão e ajuda mútua. Hoje só há espertezas, logros e muita liberdade nos costumes, especialmente no campo da sexualidade. Não há mais respeito entre as pessoas. Essas constatações vem acompanhadas de um sentimento de impotência diante dos fatos. Os bons tempos de verdadeira alegria e felicidade autêntica são os tempos passados. Os bons tempos quanto ao conforto e o bem-estar econômico são os atuais.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. LAZZAROTTO, Valentim. POBRES CONSTRUTORES DE RIQUEZAS. EDUCS, Caxias do Sul, 1981.-2. BATTISTEL, A. e COSTA, R. Op.Cit. p.6.-3. LAZZAROTTO, Valentim.Op.Cit. p.32 e p.30-56.-4. BATTISTEL, A. e COSTA, R.Op.Cit. p.41.-5. Idem. p.42.



*Ruínas atuais do que foi outrora uma confortável residência em Val de Buia, às margens da Estrada do Imigrante, rumo à Siqueira Martins. Foi abandonada há 60 anos passados. A família do proprietário reemigrou para a região norte do Estado, naturalmente demovida por melhores interesses. (Texto e foto de Antônio Isala)*

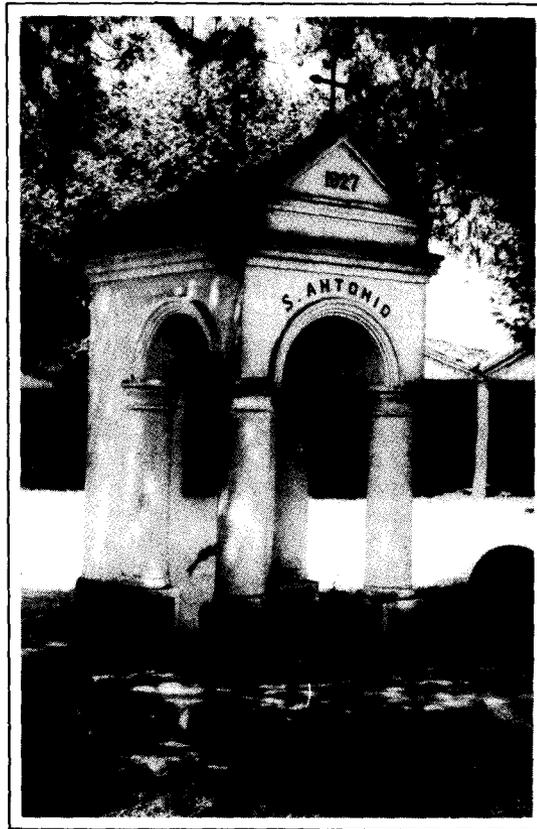


*Nova Treviso, hoje distrito de Faxinal do Soturno, antiga Geringonça, parece parada no tempo e no espaço. Vê-se, na foto, o antigo moinho dos irmãos Antoniazzi, desativado há cerca de 3 décadas. Seus proprietários transferiram-se para Santa Maria, onde montaram grandes indústrias do mesmo gênero. Ao fundo, a Serra de São Martinho mostra o encanto de seus contornos. A serra envolve Nova Treviso por todos os lados. (Texto e foto de Antônio Isala)*



## NOVOS SINOS

*Os símbolos emergem de uma paisagem humana. A expressividade simbólica se faz no acontecer dos movimentos humanos. O sino, em sua dinâmica simbólica, sintetizou a paisagem da Imigração Italiana fixada na Serra de São Martinho. Hoje esta paisagem mudou. Não existe mais. Não se recupera jamais. Estão onde os novos sinos? Os novos sinos poderão e deverão ser outros sinos. Os sinos de um novo mundo humano. Os sinos do campanário sonorizaram uma linguagem eloqüente por que sua simbologia ecoava nas profundezas da alma de cada imigrante. Mas o imigrante, também, já não existe mais. A paisagem transformou-se.*



*Um dos muitos oratórios que se encontram à beira de estradas, picadas, várzeas, vales e povoados dentro da área outrora ocupada pela Colônia Silveira Martins. Sinal da profunda religiosidade dos imigrantes italianos, os oratórios (ou capitéis) serviam, na ausência de capelas próximas, como ponto de encontro para a recitação do terço. Este da foto data de 1927, em honra de Santo Antônio e localiza-se em Vila Figuera, próxima à Arroio Grande. (Texto de Antônio Isaia)*

## ***Novos sinos***

O homem morreu. Os símbolos emudeceram. São páginas de história. São peças de museu. Continuam, porém, mestres da vida. Guiados por essa compreensão do passado, os descendentes dos pioneiros precisam construir, no outrora espaço virgem da Serra de São Martinho, uma nova passagem e uma nova vida, sustentados por novos sonhos e novas crenças. Será neste trabalho de reconstrução e de recriação que emergirão os símbolos, que em sua força significativa, falarão a linguagem de convocação e de unificação. Um novo mundo só começa ser construído com sonhos e idéias, com crenças e esperanças, com idealismo e convicções; fundamentos indispensáveis para alimentar a vontade e a coragem de enfrentar os desafios e perseguir teimosamente o futuro projetado. Só quem sonha é capaz de criar e transformar. O homem satisfeito e acomodado não sabe sonhar, ele gera a rotina e o marrasmo, o deânimo e o tédio.

### **HOMENS IDEALISTAS**

Uma nova paisagem não é pré-fabricada. Uma nova ordem social não nasce por decreto. Uma é desenhada criativamente, traço após traço, cor misturada a outra cor. Tudo numa unidade orgânica. A outra se constrói a partir de ideais, de projetos futuros, de fé e de crenças. Confiar em si, crer em Deus e perseguir aquilo que se quer constituiu o solo onde se enraizou o idealismo dos imigrantes pioneiros. É o idealismo que nasce na consciência de cada um, aí ele se fortalece e conduz para os grandes empreendimentos. Para sentir de perto a consistência do idealismo que acompanhava o imigrante nada melhor do que ouvir seus próprios testemunhos.

O depoimento de Ângelo De Carli, que com raro brilhantismo inaugura a fantástica galeria de entrevistas, registradas em "Assim Vivem os Italianos" de Battistel e Costa, traça o perfil de um homem que viveu sempre sustentado pela força de um ideal. Um idealismo baseado em princípios de trabalho, de solidariedade, de honestidade e de justiça. Mas deixemos esse homem, em seu semi-analfabetismo, traçar em poucas palavras a verdadeira dinâmica do idealismo. Assim diz ele: "Para ter sucesso neste mundo eu sempre pensei assim, e tenho ensinado aos meus filhos e netos, são necessárias três coisas e três modos: "Em primeiro lugar, muito trabalho; em segundo lugar, muita atividade para não perder o trabalho e, em terceiro lugar, muitíssima honestidade".<sup>1</sup> Aí está um idealismo que talvez o mundo moderno e o homem da ciência da tecnologia abandonaram e esqueceram.

Folhando as páginas de **Assim Vivem os Italianos**, podemos encontrar muitos outros depoimentos eloquentes e comoventes, que confirmam o pensamento de Ângelo de Carli

li, mas cremos que seria redundância. De Carli foi suficientemente claro e conciso para que todos tenhamos uma idéia lúcida da estrutura do idealismo e as reais dimensões de um homem idealista. Apesar da eloquência das palavras de De Carli, os entrevistadores acrescentaram um comentário revelando toda a personalidade de Angelo: "Na vida, escrevem eles, quase centenária de Angelo, a honestidade e a fé impregnaram toda sua existência. É a pessoa de um herói e de um santo pela força de vontade e pela intransigência de sua fé, comprovada pelas obras de caridade".<sup>2</sup> Olhando, hoje, para a sociedade da ciência e da técnica, nos dá a impressão de termos encontrado um homem de outro mundo, de outro planeta, ou da pré-história.

As bases da colônia Silveira Martins foram lançadas por homens dotados de fibra desse idealismo. Homens de princípios e de fé. Infelizmente nesta região ninguém teve a ousadia de realizar um trabalho tão precioso e da envergadura da obra de Battistel e Costa, para perenizar depoimentos do quilate de Angelo De Carli. Mas não é por falta destes trabalhos que na Serra de São Martinho não chegaram homens de ideais. Na edição histórica da revista *Informações Palotinas* de 1972, comemorativa dos cinquenta anos do seminário de Vale Vêneto, encontramos uma paisagem que registra toda a fibra de um homem que tem fé e convicção em seus empreendimentos. Paulo Bortoluzzi, o patriarca de Vale Vêneto, entre outras iniciativas, destacou-se pelo seu empenho em garantir assistência religiosa para seu novo vilarejo na Pátria adotiva. Muitos desafios precisou enfrentar. Houve momentos em que tudo parecia perdido, só para um homem de convicções ainda havia esperanças. Esse momento de derrota total e final parecia ter surgido quando os Padres Palotinos resolveram, em 1896, transferir seus noviços e seminaristas de Vale Vêneto para a Tristeza em Porto Alegre. Parecia ter soado o toque de recolher das lutas de Paulo em prol da construção de um Seminário em Vale Vêneto. Poucos acreditavam numa reviravolta dos rumos. Foi aí que Paulo Bortoluzzi deu seu depoimento de fé e convicção dizendo: "Não vos angustieis tanto, porque virá o dia em que nunca mais se deixará de ouvir os sons argênteos do nosso grande sino e o toque alegre das campainhas na igreja, anunciando a celebração diária do sacrifício da missa".<sup>3</sup> O próprio Paulo Bortoluzzi pode ver concretizada sua profecia, que assim a revista *Informações Palotinas* registra: "Aos 11 de dezembro de 1922 o Reitor do nosso Colégio, Pe. Rafael Iop, acompanhado pelos alunos da Congregação que vinham do Seminário de São Leopoldo, tomou posse do edifício, fazendo a bênção como prescreve o ritual romano".<sup>4</sup>

Hoje, a serra de São Martinho reclama a presença de homens idealistas, da estirpe de Ângelo de Carli e de Paulo Bortoluzzi. Eles são as lideranças enraizadas em sua terra e na sua tradição, capazes de abrir novos caminhos, não para a retirada, mas para a construção de um novo mundo, para traçar uma nova paisagem.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BATTISTEL, A. e COSTA, R. Op.Cit. p.73.-2. Idem, Ibidem.-3. Informações Palotinas. Op.Cit. p.13.-4. Idem, Ibidem.

#### OS CAMINHOS DA TERRA

Sim a terra. Mais uma vez a terra. Os pioneiros imigrantes saíram em busca de terras. Queriam a posse da terra. Uma terra para usar, explorar e, dela, tirar seu próprio sustento; se possível construir um grande patrimônio econômico. Ao imigrante faltou o culto à terra. A terra era um simples objeto de uso e de exploração. Hoje, os descendentes dos imigrantes precisam incorporar ao grande idealismo dos antepassados, o culto à terra. Os caminhos da terra devem ser caminhos de um encontro com a terra, um encontro afetivo. Em lugar da exploração é preciso cultivar a terra. O cultivo da terra começa pelo respeito à natureza. E só é possível respeitar a natureza, quando for conhecida. A natureza tem seu estatuto, tem suas leis, tem sua linguagem. A terra é o lugar do homem, nela ele está enraizado. Violentar a natureza, maltratar a terra, implica em mexer nas raízes do homem. A terra se apresenta como um mundo silencioso e dócil, mas cheio de movimento, de vitalidade e de força explosiva. Os imigrantes acreditaram na potencialidade da terra, confiaram no trabalho da terra, infelizmente um trabalho predatório. Poucos pensaram em sentir e viver a terra; em cultuar os mistérios da terra. Em sua ótica a terra não foi além do uso e da posse. A terra era, apenas, algo exterior à humanidade.

A filosofia exploratória e predatória da terra fundamentou uma série de comportamentos altamente nocivos para os próprios ideais dos imigrantes. Não se colocaram conscientemente a questão do esgotamento do solo. Só se deram conta, quando o fato estava consumado. Havia chegado a hora de questionar seus modelos agrícolas. Também não aconteceu. A migração foi o caminho encontrado. E continuou-se a mesma ação predatória e exploradora.

As florestas eram as grandes inimigas do homem e das lavouras. As árvores eram impiedosa e raivosamente derrubadas. Ninguém pensava que a natureza levaria séculos para erguer esses monumentos vivos. Depois vinha o fogo e continuava a devastação, que se completava com a

erosão. Tudo era simples e natural. As boas colheitas justificavam tudo. Hoje na região o processo é praticamente o mesmo. Quando se questiona essa prática, a resposta já está pronta: não há outro jeito. Sem queimar é impossível. Assim pensam os colonos e o mesmo dizem os diplomados da universidade. Mas existem outros meios. Há outra maneira de tratar a terra. Precisa-se, porém, começar por mudar a filosofia dos homens e da ocupação da terra.

A fertilidade do solo. O imigrante encantava-se diante de terras tão produtivas. Mas a fertilidade, para ele era apenas um potencial a ser aproveitado até o fim. Não se pensava em repor e devolver à terra o que se lhe tirava. Ninguém se concentrava sobre os segredos desta fertilidade. Ninguém calculava a ação devastadora do fogo sobre os índices desta fertilidade. Ninguém sabia e ninguém ensinava a maneira correta de tratar e respeitar os processos de fertilização da terra. Repor ou reconstituir a fertilidade eram temas desconhecidos. Apenas lamentos e queixas sobre as terras cansadas e pouco produtivas. Daí a grande atração das novas terras. E a terra silenciosa e quieta buscava nos intervalos dos trabalhos torturadores a que era submetida, recompor-se, reorganizar-se e revestir-se de sua antiga roupagem. Novamente o homem predador chega a destruir esse trabalho paciente da natureza. Mesmo quando a ciência com suas químicas e seus técnicos trazem as suas soluções, apenas sofisticam e aprofundam a guerra contra a natureza. E se os imigrantes em sua ingenuidade predatória queriam produzir alimentos, agora as universidades com seus diplomados tentam ensinar produzir mercadorias. Os alimentos eram para comer, portanto deveriam ser sadios. As mercadorias são para vender, interessa que sejam vistosas, pouco se liga sobre seus resíduos tóxicos. As roçadas e as capinas podiam ser devastadoras, mas os inseticidas e herbicidas são envenenadores da terra.

O mundo animal, para o imigrante, dividia-se em duas partes. Os animais nocivos e os animais que serviam para seu alimento. Nada escapou. As caçadas, as pescarias seguiam ritmos de extermínio. Tudo fora feito para o homem. Ninguém, ou poucos, ligavam para o extermínio. E quando alguém lembrava que tudo iria acabar, julgava-se que esse era o destino natural. Não havia outra saída. Cada último espécimen era perseguido até o fim. Depois, como a onça, o homem lambia seus bigodes, para lembrar por mais tempo o sabor da última carne de cotia, de paca, de veado, ou das passarinhadas. Tudo ficaria como histórias do passado.

Os caminhos da terra precisam abrir para o encontro com o solo e sua fertilidade, com a flora e a variedade de suas essências, com a fauna e a multiplicida-

de de suas espécies, para repensar os segredos do equilíbrio da natureza. O agricultor e as ciências agrárias precisam conhecer, amar, respeitar e cultuar a terra. A terra precisa ser protegida e defendida. Protegida da irracionalidade das roçadas e das queimadas. Defendida do extermínio das caçadas e das pescarias. A natureza se refaz, a terra se recompõe. O homem pode colaborar neste processo, mas nunca lhe é lícito violentá-lo. A violência nunca será impune. Um agricultor consciente, uma ciência correta e uma agricultura ecológica constituem os caminhos verdadeiros da terra. Os outros são caminhos da devastação, do extermínio, da violência e da guerra.

Por fim os caminhos da terra conduzem para o homem da terra. O homem precisa encontrar-se com o homem da terra, o agricultor, exatamente como diz a palavra: o cultor ou cultivador da terra. O agricultor precisa proclamar sua grandeza de cultivador da terra, daquele que sabe tratar a terra para produzir alimentos para a humanidade. O agricultor precisa levantar a bandeira de sua identidade e defender a dignidade de seu trabalho e de suas funções no contexto da comunidade humana. O agricultor é aquele que trabalha junto com a natureza. No mundo mítico lidar com a natureza era reservado aos sacerdotes e xamãs. Hoje qualquer um se julga com o direito de intervir na natureza. O agricultor precisa reivindicar para si este direito. Mas isto só acontecerá quando cada agricultor tiver consciência de sua identidade, tiver orgulho de ser agricultor. Um agricultor desta envergadura só surgirá quando ele conhecer a natureza, quando demonstrar que ele é um cultivador da terra, quando sua identidade estiver fundada nos conhecimentos dos segredos da terra e no uso de técnicas adequadas de tratá-la. Então o homem da terra poderá andar de cabeça erguida, exhibir as mãos calejadas e fazer ouvir seu discurso participativo nas decisões da vida nacional. Neste momento acabará a supremacia da vida urbana. O homem da cidade e o homem do campo colocar-se-ão no mesmo nível de igualdade e de dignidade.

Quando esses ideais sacudirem as montanhas da Serra de São Martinho e acordarem seus habitantes, com certeza, seus estreitos vales e suas encostas recuperarão sua antiga força e retomarão o processo de desenvolvimento.

#### UMA ESCOLA EDUCATIVA

Chegou a hora de exigir uma escola. A escola que eduque para a vida agrícola. Os primeiros imigrantes lutaram com teimoria e fé para garantir a assistência religiosa. Conseguiram. Falta lutar por uma escola. Mas não qualquer escola. Interessa somente a escola que realiza

o encontro com a terra e o encontro do agricultor consigo mesmo, portanto que contribua para a construção dos caminhos da terra. Chegou a hora de valorizar o trabalho rural a partir da escola. Uma escola que ensine as maravilhas da natureza, que mostra os segredos da terra, que comunique os avanços das ciências, que construa as maneiras corretas de cultivar as plantas, de criar os animais, de produzir alimentos. Numa palavra, uma escola que tenha como filosofia integrar o homem com a natureza em uma convivência harmoniosa.

Um sonho? Uma utopia? Talvez. Mas sem essa escola não se abrirão os caminhos da terra. Sem dúvida uma luta longa, tenaz, mas necessária e indispensável. O começo deverá partir com mudanças radicais no ensino universitário. A universidade com seu ensino acadêmico, científico e tecnicista trabalha dentro da ótica da mecânica, da química e da física. A natureza é uma grande máquina químico-física. Cálculos matemáticos e estatísticos passaram a fazer circular nos laboratórios mecânicos, os misteriosos processos do dinamismo da natureza. Pouco ou nenhum respeito se observou frente aos grandes e misteriosos laboratórios da natureza, onde foram construídos tantos seres diferentes e entrelaçados equilibradamente no mundo animal, vegetal e mineral. A escola reclamada não existe, é preciso ser construída. É o desafio do momento. O agricultor não é uma espécie estranha, ele é uma parte da ordem social geral. O imigrante agricultor, nada mais foi do que um elemento coerente com a filosofia da época. A escola de sua época lhe era inútil, como ele reconheceu, e, talvez, também nociva. Não dizer de Battistel e Costa a generalização da escola, junto com os seminários e educandários religiosos, constituiram um processo de evasão de pessoas mais estudadas para a cidade.

Os caminhos da terra exigem uma escola que proporcione ao homem a comunhão com a natureza e a participação efetiva com a cultura da humanidade. Só assim o homem da terra será capaz, a partir dos ensinamentos da escola educativa, desenvolver um trabalho competente, operacionalizar corretamente suas intervenções na natureza e, também, atuar ativamente na ordem cultural e social. Nesta escola será possível traçar os sistemas corretos de ocupação do solo, de definir os cultivares adequados, de discutir a qualidade e os preços da produção. Nesta escola deverá acontecer o fórum dos debates sobre as decisões a serem tomadas em tudo o que diz respeito à vida do campo. Quando esta escola completar a paisagem colonial da imigração italiana, ao lado da igreja e do campariário, com certeza o idealismo dos pioneiros receberá o ingrediente que lhe faltava. E, então, o sino poderá re-

cuperar sua simbologia, sua sonoridade e sua palavra de conclamação para completar a obra iniciada a mais de cem anos.

Com esta escola, os caminhos da terra ficarão consolidados e, ao longo dos mesmos, como os capitéis de outrora, surgirão as lideranças capazes de conduzir os trabalhos para a criação e manutenção da nova paisagem, baseada na correta ocupação do solo, no desenvolvimento de cultivos adequados, na organização da ordem social garantindo o trabalho e o lazer; mas especialmente sustentando a identidade do agricultor e assegurando sua participação nos benefícios da cultura humana.

#### POLÍTICA ENRAIZADA

O homem da cidade comanda a política tomando todas as decisões da sociedade contemporânea, inclusive no setor agrícola. Mas o que é pior a propriedade rural está, cada vez mais, caindo nas mãos do homem da cidade. Os profissionais liberais, com seus polpidos rendimentos, conseguem facilmente adquirir as áreas rurais. E o antigo proprietário, se não passa a engrossar as periferias das cidades, acaba sendo um assalariado rural, às vezes, na forma de boia-fria. A cidade torna-se ainda mais escravizante do que o campo. Neste contexto é inútil esperar uma política adequada para a agricultura. A política é feita pelo homem da cidade, e será feita em seu favor. Os caminhos da terra, a escola educativa precisam fazer com que as decisões sobre a agricultura nasçam de uma política enraizada na terra. Essa política enraizada só surgirá quando o agricultor tiver consciência de sua identidade, quando for capaz de exercer sua força fazendo valer seus direitos. A sociedade do passado desprezou o homem rural, e este está despersonalizado, ele mesmo aceitou esta situação e tem vergonha de si mesmo. Battistel e Costa definem muito bem esta situação ao dizer que "o fator mais relevante da despersonalização do agricultor e do êxodo rural é a inexistência de uma cosmovisão e ideologia rural: o agricultor não possui idéias próprias como grupo, não tem identificação profissional, não é chamado a participar na vida pública".

Somente uma escola educativa ligada aos caminhos da terra poderá abrir espaços para que surjam agricultores, personalizados, orgulhosos de sua identidade, conscientes de sua força, organizados em suas comunidades para determinarem as soluções de seus problemas e não mais esmolar favores dos políticos da cidade. Quando a agricultura estiver fortalecida por tais homens, surgirão também os verdadeiros representantes do homem do campo, que farão ou ouvir sua voz dentro dos órgãos constituídos do poder, mantendo sua fisionomia de agricultor enraizado em sua

terra e em sua comunidade. Desta maneira não mais se repetirá que "quando um agricultor passa a ser vereador de sua cidade ou presidente de sindicato, lava-se as mãos para o trabalho da terra e procura, logo, estabelecer-se na cidade". E, quando chegam a deputados, acabam esquecendo suas próprias origens. A lembrança só acontece quando é época de eleições.

O tripartido território da ex-colônia de Silveira Martins sentiu profundamente a antipolítica municipal. O poder municipal, apesar de contar com vereadores eleitos pela área da imigração, pouco ou nada fez para o desenvolvimento da região. A política emancipacionista estadual também não teve grandes repercussões entre os imigrantes italianos e seus descendentes. Com a reativação da política emancipacionista, a partir da década de cinquenta, surgem vários movimentos para se criar municípios no antigo território da colônia. Surgiram apenas dois. Faxinal do Soturno e Nova Palma, formados exclusivamente da imigração italiana. Posteriormente surge Dona Francisca, cujo território foi constituído com parte da imigração italiana e parte alemã. Sua emancipação gerou, na época, fortes polêmicas. Hoje, esboçam-se movimentos emancipacionistas em Ivorã e Polêsine. Nenhum destes municípios tem condições, em suas situações atuais, de pleitear ser um pólo de atração da região colonial em regime de minifúndio. Faxinal do Soturno, sem dúvida, representou no passado um esboço viável de tornar-se esse centro. Hoje, podemos dizer que Nova Palma e Faxinal do Soturno estão em pé de igualdade para vir a ser um centro de atração. Se compararmos os orçamentos dos dois últimos anos, em especial o orçamento municipal de 1985, Nova Palma de si equilibra a balança levemente a seu favor. Ainda Nova Palma segue num ritmo lento, mas contínuo. Faxinal, ao contrário, já teve uma situação melhor, hoje, ressentese de um certo declínio, especialmente devido a decadência de sua principal firma industrial, a fábrica de trilhadeiras "Tigre".

Um centro de atração econômica, política e industrial desta região colonial é de suma importância para seu desenvolvimento. No momento o pólo é Santa Maria, e isto não tem sido muito favorável, pelo contrário, acaba contribuindo para o êxodo da região. A política administrativa municipal de Santa Maria é marcada profundamente pela mentalidade de uma cidade tipicamente do setor terciário. A indústria é inexpressiva. A área agrícola divide-se em duas partes, uma constituída de latifúndios, a outra de minifúndios. A primeira situa-se nas planícies da campanha e a outra nas antigas áreas de mata. Toda política é inspirada pela mentalidade do funcionalismo, seja público, seja privado. A administração muni-

pal carece de uma política agrícola regional eficiente, e quem mais sente essa deficiência são os pequenos agricultores, o que equivale dizer os colonos descendentes dos imigrantes italianos e alemães.

A luta para se constituir um centro de atração para a região colonial do minifúndio não se baseia simplesmente no fato de ser da imigração italiana; há também, no vale do Jacuí, a presença dos alemães. Esse centro é importante porque reuniria interesses comuns, problemas específicos, que precisam de um tratamento particular e de uma política adequada. Dificilmente Santa Maria teria condições, dentro do contexto atual de sua política administrativa, proporcionar soluções adequadas. O mesmo se poderia dizer de Cachoeira do Sul ou Júlio de Castilhos.

Por fim podemos propor uma solução que poderia recuperar o antigo processo de desenvolvimento regional vinculada à antiga colônia. Tal solução dependeria das lideranças políticas, a nível municipal e estadual, criarem o município de Silveira Martins, não só como homenagem à quarta colônia da imigração italiana, mas como esforço para revitalizar uma região rica em potencialidades agrícolas, dotada de um elemento humano com alto potencial de trabalho agrícola, o que abriria espaços promissores para a implantação de pequenas indústrias transformando as matérias primas locais, tanto de ordem vegetal, como de ordem animal.

#### TURISMO

Muito se fala sobre as potencialidades turísticas da região. Existem também esforços para se criar um centro turístico. Sem dúvida a Serra de São Martinho, compreendendo todo o território da ex-colônia de Silveira Martins, oferece todas as condições para tornar-se um excelente centro de atrações turísticas.

As paisagens são encantadoras, variadas e coloridas, com seus vales estreitos e suas vistas panorâmicas infinitas. O clima não deixa dúvidas, basta lembrar que Silveira Martins já foi, na primeira metade deste século, ponto muito procurado por turistas Porto-Alegrenses à procura de ar puro e ameno, em pleno verão. As obras de arquitetura, com seus sobrados imponentes e suas igrejas em estilo romano constituem outra força de atração. Da cozinha italiana não é preciso falar. As festas de Vale Vêneto com seu insuperável rizzotto, seu saboroso galeto e suas cucas apreciadas garantem a qualidade dos cardápios.

Falar das potencialidades turísticas não é difícil. Construir um centro turístico que é o difícil, ou o desafio. Novamente apelamos para a tese de que não se

faz um centro turístico nem por decreto, nem pela retórica, mesmo eloquente. O turismo, também, não é um ponto de partida. Ele é um ponto de chegada, é a culminância e a consequência e todo um trabalho anteriormente realizado. Esta região será um centro turístico quando nascer um novo idealismo, quando houver maior vinculação com a terra e a natureza, quando se praticar uma política enraizada. Com esses elementos aparecerá uma nova paisagem, onde novamente os fortes angicos, as frondosas timbauvas, os cedros altaneiros e os ipês floridos podem vencer e encantar a todos. Quando as comemorações festivas celebrarem o trabalho e os produtos da região. Pouco resolve fazer uma festa da uva, como se fez por duas vezes em Val Feltrina, mas trazendo uva e vinhos de Caxias. Uma festa da uva local precisa ser feita, em primeiro lugar com o produto local. Quando os vales e encostas estiverem enfeitados com culturas adequadas, sadias e produtivas. Nestas situações o turismo vai acontecendo ao natural. O turista vai para a região que o descansa e o encanta. Quando estas coisas estiverem sendo feitas os discursos que proclamam nossas potencialidades turísticas deixarão de ser retóricos para serem reais. Então as festas e o museu de Vale Vêneto, a biblioteca, o museu e o monumental fichário genealógico do Padre Sponchiado em Nova Palma desencadearão toda sua força de atração, tornando-se pontos obrigatórios para todos os turistas que quiserem apreciar a grandeza e as belezas do antigo território da ex-colônia de Silveira Martins.

No contexto das ambições de criar um centro turístico, do verdadeiro turismo, há ainda um outro elemento a ser considerado, o homem local. Não cremos num turismo em terras, onde seus habitantes esperam as migalhas destes senhores estranhos, ricos, pretenciosos e privilegiados. Por isto um centro turístico, além de paisagens, estradas, belezas, conforto, mesas fartas, acervos culturais precisa exibir uma rica paisagem humana, alicerçada em comunidades vivas, constituídas de velhos sábios e satisfeitos, de adultos fortes e ativos, de jovens sonhadores e idealistas, de crianças alegres e saudias; onde existem instituições adequadas para se preocupar com os doentes, os pobres e os abandonados. Um turismo pleno só acontece quando a paisagem é agradável em todas as suas dimensões.

Cremos que chegou o momento exato para se partir na realização dos novos projetos. Cabe, em particular, ao descendente do imigrante italiano no desempenho, hoje, de funções administrativas na esfera municipal, estadual ou federal, voltar ao recanto sagrado e nostálgico, onde seus avós ou bisavós transplantaram e cultivaram ideais de dignidade, sonhos de fartura e prosperida-

de, não só para recuperar o passado histórico, mas principalmente para reativar o projeto de desenvolvimento que o destino reservou para esta esquecida região. Os ecos centenários do Sino precisam reacender a mesma ambição, os mesmos sonhos e a mesma fé dos imortais pioneiros. Vale Vêneto, monumento do passado e grito do presente, está conclamando para a instalação de novos sinos que anunciam a retomada do desenvolvimento e da grandeza da ex-colônia de Silveira Martins.

Concluiu-se esta edição  
em setembro de 1966

"PROVAS REVISADAS PELO CLIENTE"

Composição, impressão e acabamento:

**GRAFOSUL**

Indústria Gráfica e Editora Ltda.  
Rua Gen. Vitorino, 41 - Porto Alegre - RS  
Fones: 21-5506 e 25-8079  
Rua Monsenhor Veras, 678 - Porto Alegre - RS  
Fones: 23-0111 e 23-0523